3 1761 07047127 1

NA TRAVESSIA

Composto e impresso na typographia
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

SILVA PINTO

NA TRAVESSIA

1906 — 1907

1907

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
e Officinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

PQ
9261
S55T7

LIBRARY
FEB 7 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

1907
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
DA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Rua Augusta, 44, 46, 48, 1.º e 2.º andar
LISBOA

Ao Senhor

Antonio Candido

Primacial na sua vasta e nobre provincia litteraria.

1907.

Silva Pinto.

EXPLICANDO

Ao publicar-se, em julho de 1906, o livro *Ao correr do pello*, referiu-se lhe o *Seculo*, nos seguintes benevolos termos:

«Silva Pinto acaba de trazer a lume o seu derradeiro livro, — o ultimo publicado durante a sua vida, pois que vae trabalhar n'outro que deve apparecer quando o indefesso trabalhador já não pertencer ao numero dos vivos. E' o insigne humorista quem assim o declara no breve mas elevado e sereno prefacio do *Ao correr do pello*, que temos presente. A declaração terminante e sincera encherá de magua os admiradores

do famoso polemista dos *Combates e Criticas*, magua tanto mais funda quanto é certo o volume agora publicado não ser de molde a justificar o desalento do seu illustre anctor.

«*Ao correr do pello* possue, na verdade, todo o vigor, toda a graça, toda a ironia e toda a independencia de critica que são o apanagio dos anteriores trabalhos de Silva Pinto. Pelo formato, como pela contextura e pelos processos, *Ao correr do pello* pertence á esplendida galeria de que faz parte o maior numero de livros publicados nos ultimos onze annos pelo quasi sempre acerbo e sempre original commentador da vida, dos costumes, da politica e de tantos outros factos e aspectos não só da nossa terra como das extranhas. Silva Pinto vê muito e vê longe, com a acuidade e a segurança que lhe garantem a sua larga experiencia, o seu profundo conhecimento dos homens e das cousas e a enorme altura moral de onde elle olha para baixo. E sem um desfallecimento, aparada è em riste a penna que tem

traçado milhares de paginas, o eminente prosador, que conhece e maneja a sua lingua como poucos, diz-nos, sem sombra de respeito humano, o que sente e o que pensa ácêrca de tudo quanto á sua volta merece um pouco de attenção.

«Corresponde a 1905 e a parte de 1906 o assumpto do *Ao correr do pello*. Este livro é um kaleidoscopo, como outros que o precederam. Acontecimentos e figuras passam diante de nós, vertiginosamente. Não raro uma phrase basta a fixal-os, a interpretal-os no seu justo valor, e essa phrase ora é contundente como uma maça medieval, ou cortante como uma lamina de Toledo, ora repassada de suavidade enternecedora, atraiçoando o generoso coração que a dita e se disfarça sob uma fera catadura.

«Annuncia-nos Silva Pinto um legado posthumo. Intitula-se *O meu ultimo livro* e será «uma compilação de paginas escolhidas com serenidade: um despontar de arestas do trabalho *à la diable:* meditações para todos e para o critico — revelações.»

«Fazendo vehementes votos por que venha longe o apparecimento d'essa compilação, que ha de ser uma obra simplesmente admiravel, agradecemos ao apreciadissimo auctor do *Ao correr do pello* o exemplar d'esta obra com o qual nos brindou e que é uma elegante edição da Parceria Antonio Maria Pereira.»

E no *Diario de Noticias* escreveu Candido de Figueiredo:

«AO CORRÊR DO PÊLLO, *por Silva Pinto.*— Lisbôa. Parceria A. M. Pereira, 1906. 1 vol. de 404 pag. in-16.º

«Este volume pertence, pelo assunto e pela fórma, á longa série daquelles estúdos criticos e humoristicos, que o autor intitulou *De Palanque, Velha História, Neste Valle de lágrimas, Mundo Furta-Côres, Riso Amarelo, A queimar cartuchos, Pela Vida fóra, Mar Morto,* etc., etc.

«*Ao Corrêr do Pêlo* é, pois, uma nova se-

lecta de anotações á margem... da vida; e as impressões, que nos deixaram os livros, irmãos e companheiros dêste, são proximamente as mesmas que deixámos registadas, quando noticiámos aqui a *Velha Historia* do mesmo fecundo e laureado escritor.

«Dedicando o seu novo livro ao grande e finado Camillo, Silva Pinto junta á dedicatória um fúnebre *até já!* E, como se não deixasse bem clara a sua ideia sombria, acrescenta, no prefacio, que *Ao Correr do Pélo* é o ultimo livro que delle se publicará em vida do autor.

«Não é a idade nem a invalidez que lhe inspiram a profecia: é a sua velha e incuravel neurastenia, a qual, felizmente para elle, para nós e para as letras, não obstará ao aparecimento de novos e brilhantes livros...

«Cremos e esperamos.»

*

* *

Apraz-me satisfazer os bons desejos, que ahi ficam revelados, abstendo-me de escrever *ultimos livros* — de caso pensado e rixa velha. Seja e será, como sempre, *o que Deus quizer*. E bom é existir para a nossa fé um Creador — quando se vae extinguindo a fé nas creaturas.

1906-1907

1 de janeiro de 1906.

É vulgar, como o pão nosso de cada dia, attribuir-se aos jornaes a desorientação do espirito publico. Por mim, declaro, modesta e sinceramente, que ainda não sei o que primeiro veiu ao mundo: se a primeira gallinha, se o primeiro ovo. Foi o ovo? Mas de qual gallinha? Foi a gallinha? Mas de qual ovo? E' a proposito do tal caso. Foi o publico quem desnorteou certos jornaes, ou foram esses jornaes quem desorientou certo publico?

*

Centenares de vezes temos ouvido, todos nós, proferir coisas d'esta ordem: — «E os

jornalistas calados! Para que diabo servem elles?!» E logo que elles falam: — «Coisas dos jornaes. Bem me importa a mim o que elles dizem!» O certo é que o jornal, dirigindo-se a dez mil individuos, tem de adaptar-se a dez mil opiniões. Em Portugal ninguem tem falta de opinião. — seja qual fôr o assumpto.

N'estes termos, ouvi eu ha uns trinta annos, no Porto, o director de um jornal dizer a um dos redactores:

— «O sr. veiu para aqui hontem e não conhece os costumes da redacção. Por isso escreveu: — «Desejamos longa vida ao novo collega», referindo-se a um novo jornal. Pois nós aqui *não desejamos coisa alguma*. Quem deseja é o publico. Imagine o senhor que o novo jornal tem um inimigo que é assignante do meu jornal: Lá se me vae um assignante!»

Foi no *Jornal do Porto*, entre o proprietario, Cruz Coutinho, e o jornalista Fernandes Reis. Já morreram todos tres.

Era aquelle, Cruz Coutinho, dos que se absteem de formular opinião. Medida sagaz, convenientissima a quem deseja viver sem cuidados nem difficuldades, como *organista da opinião publica* — e não como *dirigente*. Distingamos: ou é um organista que *ella* inspira.—ou é *elle*, jornalista, o inspirador. Nada de accumulações, nem de barafundas!

A mim, porque em *periodo* e em *meio* de pacatez conservadora (chamemos-lhe assim!) me dei ao atrevimento de emittir opiniões minhas, aconteceu fugirem assignaturas e annuncios aos *meus jornaes*, perseguirem-me como a cão damnado, obrigando-me a expatriar-me, como um malfeitor faminto; e, faço-lhes justiça, se me não mataram, physica ou moralmente, foi porque eu não consenti. E os meus caros inimigos tinham tanto de covardes, como de infames. Lembro-me...

Mas, volvidos tempos, surgiram modificações. E' hoje licito affirmar uma opinião, e excede os limites da inepcia — não a *impôr*, ou pelo menos não a *expôr*, o que o mesmo importa, se o auditorio reclama *sinceridade*. E disse eu agora a palavra que é um programma e o melhor de todos E digo-lhes mais, explicando, que não sei, ao termo de trinta e seis annos no meu officio, *como se póde realisar uma pagina sem sentir o que se está escrevendo, ao fazel-a*. Assim se explica o meu retrahimento em assumptos que não merecem a pena de escandalisar a opinião publica—maltratando-os. E' que não sei dar a fórma litteraria ao pensamento dos outros—quando o não compartilho.

Sinceridade, pois. E' o melhor, se não é *tudo*. E não póde ser *tudo* porque existe a

relatividade: isto é, divergencias em pontos de vista, ou pontos de partida e na orientação dos criterios. E fazem parte da sinceridade estes artigos:—não chamar aos interesses pessoaes o *interesse da nação*,—não explorar o sentimento, com prejuizo do criterio,—não prégar a guerra santa, mettendo n'ella os desarmados, o que é uma dupla traição, porque é um *serviço de chantage*. E sobre tudo pensem n'isto os exploradores:

O povo, tendo de saldar contas de seculos, será tão implacavel para os *devedores*, como para aquelles que o incitaram ao *saldo*—para um fim que não seja absolutamente aquelle. Com um tal senhor não ha senão dois caminhos para escolher:—o do sacrificio, ou o do castigo:—*ou consagrar-se, ou ser exterminado*.

O que é justo.

25 de janeiro.

O povo não instruido adivinha. E' peior para os outros:—para os que o desejavam ignorante.

Começou a ir ás secretarias de estado—vêr e commentar. E' o caminho da intervenção. Pelo *panno d'amostra* recente póde-se prever que o fiscal dará que fazer aos fiscalisados.

Dizia-me ainda agora um politico, meu velho amigo e nada tolo:

— «Lembro-me de a Convenção Franceza deliberar debaixo das vistas do povo ameaçador».

Lembra-se bem.

*

As camaras a abrirem-se e toda a gente em conjecturas:

—Haverá dissolução?

—E' natural, porque haverá tumultos.

—Eu sei lá...

Ntnguem prevê; nem sequer os maioraes politicos. Sabem tanto como eu e os moços de esquina sabemos da vida eterna. *Ninguem* sabe nada. Só *elle*—e está calado. Interessante mundo.

*

Referem gazetas que o rei de Hespanha está deveras apaixonado pela noiva. A julgar pelos retratos, tem rasão o rapaz. A princeza Eugenia de Battenberg é de tentar um cenobita.

Acho muita graça ao povo hespanhol, que se mostra muito satisfeito pelo casamento. Os outros bebem e elle limpa os beiços. Bom povo!

*

Em Algeciras, a Allemanha trabalha pela *paz do mundo* como se pertencesse á Liga da mesma. Ha até quem diga que o czar

em cuecas se enfeita para o premio Noebel.

Chega-se a gostar da Inglaterra. Cebo!

*

Lá se foi, aquelle bom velho rei da Dinamarca, aparentado com muitos poderosos da terra — o que não o livrou de ser em 1866 roubado pela Austria e pela Prussia colligadas

Não lhe acudiram os parentes; mas vinga-o a Providencia; a Austria pagou logo, e a Prussia não tardará, talvez.

E bateu se por mar e por terra, o pobre Dinamarquez. Contrá os dois alentados patifões.

Nós é que não nos batemos — senão ali á preta.

5 de fevereiro.

Acouteceu-me ante-hontem, na Arcada, dirigir-se a mim um politico, dos de alta cotação, para o fim de me dizer:

—Você não trata *d'estas coisas;* mas, por excepção, deve ter formado o seu juizo.

—Quaes coisas?

—As coisas politicas. Você já viu bandalheira assim?

—Tenho visto muito, que estou velho, mas conto vêr peior.

—?!

—E' o que lhe digo, meu doutor. Olhe que a Logica não se aprende senão depois de sahirmos da escola. E não ha nada mais inexoravel do que a logica dos factos politicos. Estabeleça isto para seu governo, e nunca lhe succederá espantar-se. Tudo se prevê, porque o proprio Inesperado está no programma da festa. Dizia me em tempos uma *cocotte* bonita: — «Todas as mulheres teem coração. Procurem-lh'o!» E eu digo: Em todos os factos ha ligação: estudem-

lh'a. E' questão de vontade firme e de mediano engenho.

—Dá-me vontade de estudar, ponderou o politico. Mas, visto isso, que sabe você dos Tabacos?

—Homem! Você crê no Magnetismo e nos phenomenos de *adivinhação*?

—Já se vê que creio. A sciencia não tem barreiras.

—Diga antes que não tem guarda fiscal. Mas, voltando ao ponto: você já viu *adivinhar* pelo Magnetismo os numeros que hão sahir premiados na loteria?

—Diz você então?

—Digo-lhe que essas mixordias de Tabacos e de tabaquistas não pertencem aos factos historicos previstos pela *logica das deducções*.

—Então?

—Antão era pastor...

—Quero eu dizer: o José Luciano tem de se estender.

—E' lei dos mortaes—para uso d'elles, já se deixa vêr. Homem nascido é homem estendido.

—Deixemo-nos de philosophias e de troça!

—Pois deixemo-nos d'isso. Estou por tudo.

—O parlamento não o apara.

—Não que?

—Não supporta.

—Talvez. Você não vê o paiz a supportar o parlamento? E depois?

—O rei não dará a dissolução.

—Talvez dê. Porque ha de o rei preferir *os outros?* E quem pode elle chamar senão *os outros?* E que mais valem para o paiz *os outros?* O que é *logico*...

—Diga!

—E' que venham a cahir *uns* e *outros*.

—?

—Sob pena de cahir o paiz. Percebeu?

... Não percebeu.

20 de fevereiro.

Que trabalhe por si e para si! — Isto lhes disse, referindo-me ao *paiz*. E ampliando:—E só assim se verá livre de uns e de outros: dos que o exploram e dos que dizem defendel-o.

Ora, muito a proposito d'este meu alvitre me diz um habitante do norte:

—«No meu circulo eleitoral é certa a eleição de F., por unanimidade, quer esteja no poder, quer na opposição. Todos votam, agradecendo assim os serviços d'elle á região. Mas é indispensavel, no dia das eleições, dar a cada eleitor popular um litro de vinho, pelo menos. Para fortalecer o civismo.»

*

Não é novidade o que se passa em Inglaterra e nos Estados Unidos, ao traduzir se a *vontade popular*. Já sei! Mas, independente dos processos para a eleição, o deputado eleito considera-se representante

dos seus eleitores — e não serviçal do *seu chefe*, ou, o que é peor, *agente dos seus proprios interesses*. Já sei! E é por essas e outras differenças que os cidadãos portuguezes, quando *uns* politicos causticam os *outros*, estão no direito de affirmar indifferença — chalaceando e bebericando.

O peior é que o povo abusa de ta' indifferença, como *uns* e *outros* das lérias para desfructal-o.

*

Ainda ante-hontem, domingo, sahi eu de casa, como o Alphonse Karr, em procura da indignação publica. Encontrei-a logo na minha rua. Estavam fulos — contra a pessima qualidade do vinho. E, durante o passeio, que eu dei pela cidade, só *a* vi manifestar-se por tal motivo: — que a *pinga* em Lisboa é indecente. E concluí:

—Que ha a esperar de tal gente?

E' aquillo do Santa Monica:

—*Já não ha d'outros Portuguezes.*

23 de fevereiro.

Chamam a minha attenção para *dois casos, a que não devo conservar-me extranho.* E' o Relatorio ácerca de uma nova cadeia civil no Porto e é um artigo do *Seculo* ácerca da infancia nos tribunaes.

Devo esclarecer. Conheço os *dois casos,* mas não sou fiscal dos assumptos em questão, nem me arvóro em anotador effectivo de taes assumptos, nem de quaesquer outros.

Até mesmo, agora, me estive recordando de certo caso que se passou ha bons trinta e quatro annos, em 1872. Foi isto:

Uma noite, na redacção do «Diario de Noticias», que eu então frequentava e da qual Leite Bastos fazia parte, estavam presentes Eduardo Coelho, o fundador do diario, seu irmão Adriano Coelho, Leite Bastos, João de Mendonça, e não me lembro de outros. Leite Bastos redigia uma noticia e, pausadamente, ia lendo alto o que escrevia: — «A Maricotas afinfou dois estalos no

rico filho das suas entranhas... » E Eduardo Coelho, piscando-me o olho, indicou-me Leite Bastos e levou á testa o dedo indicador, como quem diz: — Pancada na móla!

Disfarcei e sahi. A meio do corredor ouvi passos rapidos atraz de mim. Era Leite Bastos, que me chamou para o vão de uma janella e ahi me disse:

— «Como eu tenho consideração por você, não quero que me julgue um idiota. Eu bem vi os signaes que lhe fizeram Deixe me explicar-lhe porque é que me faço tolo. Quando eu para aqui vim, deram-me uns trinta reis no fim do mez, porque eu denotava merecimento. Percebi a historia e comecei a fazer-me palerma, e logo me augmentaram os honorarios. Refinei, e novo augmento. Se eu chego a parecer cretino, dão me sociedade na casa. Ora ahi tem você o mysterio!»

... Não se deve tomar isto á letra, é claro. O que isto representa é apenas uma colher d'aquelle *tónico* do S. C., a que ha dias me referi: — *O mundo como elle é.*

*

Exultam os burguezes pacatos cá da terra, com as probabilidades de guerra, a propósito da conferencia de Algeciras.

Ainda hontem, o Diniz das bolachas dizia, n'um carro electrico, ao Rebello dos assucares:

—«Se não se pégam é que não teem dignidade!»

Lembra os *Brilhantes do Brazileiro*, do immortal Camillo.

*

Ha tres dias um popular matou a mãe de seus filhos, que o enlameára e ás creanças, prostituindo-se a qualquer bandalho. Houve já quem na imprensa chamasse ao acto do brioso homem — *um acto de loucura*. Não ha duvida que o é, n'um meio onde muita gente vive d'isso e alguns cavalheiros vão *por ahi* trepando.

Agora me lembro eu d'aquelle velho conselheiro e d'aquelle joven deputado... Adiante!

Vejo no *Diario de Noticias* de hoje:

«Hontem, o chefe sr. Albino Sarmento mandou ir á sua presença o Antonio Lopes de Mello, a fim de lhe fazer algumas perguntas, cujas respostas não fôram reduzidas a auto.

E' a policia a contas com o réu. Podia ter escripto o *jornalista*: — «O chefe mandou-o ir á sua real presença.»

Que, por mim, sendo director da Casa de Correcção de Lisboa, nunca mandei ir á minha real presença um dos 120 menores ou 30 maiores — meus subordinados. Quando muito, faço o chamar á secretaria, ou vou pessoalmente procural-o. E são meus subordinados, — o que não se dá com um preso — em frente da policia.

Ridiculos!

7 de março.

Foi no Porto, haverá 32 annos, que eu ouvi a um pascacio qualquer:

«—Estes senhores do *Diario da Tarde*, andam aqui a phantasiar manobras de padres para apanhar fortunas: historias dos tempos de minha avó!»

Os senhores phantasistas do *Diario da Tarde* em 1874 eram Urbano Loureiro, Borges d'Avellar e este vosso creado. O anacronismo das *historias* está se vendo no famoso caso da condessa de Camaride, e, a proposito, no que hoje diz o *Mundo*. E' o seguinte:

«Diz-se:

«—Que uma riquissima senhora, que mora n'uma rua adjacente ao Chiado, está actualmente em condições identicas áquella em que se encontrou a condessa de Camaride.

«—Que um gatuno de sotaina entra em sua casa ás horas que quer, sem se annun-

ciar, dirigindo-se aonde quer que seja que ella se encontre.

«—Que por isso é mais que provavel que uma das maiores fortunas de Lisboa vá parar ás mãos da seita negra.»

Já lá dizia o padre Natario do Eça: — «Não se ganha o céo a resar Padre-Nossos». Lá o sabia o reverendo; mas, pelo visto, tambem não é com bençãos que se ganha a *terra:* o mais seguro, no melhor dos breviarios, é deitar a unha.

Em Hespanha, já a tropa vae matando a tiro os operarios esfaimados e sem trabalho. E' o mais rapido e seguro processo. Vejam isto os descrentes de cá, e depois não digam mal da Russia:

«*Madrid, 6, n.* — Dizem de Huesca que, na povoação de Fraga, os operarios sem

trabalho, descontentes por não terem ainda sido collocados, tentaram assaltar a camara municipal, disparando tiros contra a força da guarda civil que vigiava o edificio. A guarda viu-se por isso na necessidade de fazer tambem fogo, matando tres operarios e ferindo muitos outros.

«*Cordova*, 6, *n.* — Os operarios sem trabalho assaltaram um carro carregado de pão, conseguindo leval-o. Depois tentaram fazer o mesmo a outros, não o conseguindo.

«*Malaga*, 6, *n.* — Continua a crise de trabalho na provincia. Os operarios da povoação de Tabernas y Turillas encontram-se n'um tal estado de miseria que, para matarem a fome, vêem-se obrigados a comer hervas.»

... Viram? Agora voltem folha:

«*San Sebastian*, 6, *t.* — O rei, a rainha e os principes regressaram á tarde a Miramar,

para tomar chá. Em seguida Affonso XIII e o seu ajudante seguiram de automovel para Biarritz, segundo se crê, a fim de aguardar Eduardo VII.

«Um grande numero de senhoras da aristocracia offereceram á princeza Victoria Eugenia uma medalha de ouro, representando a Immaculada Conceição, e uma formosissima *corbeille* de flores brancas, que foi confeccionada em Nice.

«Ficou assente que a princeza fizesse hoje o seu exame de consciencia, ámanhã o acto solemne do seu ingresso na religião catholica, e que na quinta feira receba a confirmação das mãos do bispo de Notthingham.»

Apostasia á parte, que dirá Deus a tudo isto? Pergunto aos que crêem em Deus.

*

De Paris ao *Seculo:*

«O jornal o *Temps,* que tem a pretensão

de ser bem informado, referindo-se á festa que se realisou em Paris em homenagem a Theophilo Braga, diz que este illustre professor falleceu no seculo passado. Fomos pessoalmente ao *Temps* falar a um dos redactores e pedimos a rectificação d'um erro tão comico. Responderam-nos que isso não tinha importancia. E a rectificação não appareceu.»

. . . E' castigo da importancia que por ahi se dá áquelles ignorautissimos caçadores de condecorações!

---

9 de março.

Contam as *Novidades*:

«Em Mirandella, um chefe dos impostos foi, por exigencias suas, transferido de Mirandella, logo que o partido progressista su-

biu ao poder. Ha tempos, tendo adoecido aquelle funccionario, foi submettido á junta medica, que lhe arbitrou 60 dias de licença, confirmada pelo sr. ministro da fazenda.

«O doente recolheu a Mirandella, procurando nos confortos de sua familia um meio de restabelecer a sua saude. Isso sim! O sr. Eduardo José Coelho gritou logo, barafustou, ameaçou, e de novo foi chamado ao serviço, fóra de Mirandella, o doente, que tinha licença da junta para da sua saude tratar.»

... Pelo visto, não é coelho: antes rinoceronte. Mas eu conheço um marrafico ainda mais damnado. Agora está elle em semicupio — e completamente perdido. O alma do diabo!

*

Tiberio apparece-me em casa com este telegramma do *Popular* de hoje:

«*Paris*, 8. — Lavra n'esta cidade uma

grande effervescencia contra a Allemanha. Receiam-se conflictos nas ruas.

«A legação allemã está fortemente guardada pela policia.

«O exercito françez está a postos nas fronteiras, a esquadra do Mediterraneo foi reforçada.

«A Inglaterra, ao que se diz, estará ao lado da França no caso de rebentar a guerra contra a Allemanha.

«A queda do governo é tida e havida como um symptoma do rompimento da paz.»

... Por isso o Diniz das bolachas e o Rebello dos assucares batiam o fado esta manhã, na alameda de S. Pedro de Alcantara. Cheira-lhes a polvora e sangue — aos palurdios!

*

Diz-me um amigo, em Lisboa, que tem destruido, nos ultimos tempos, centenares de bilhetes postaes e jornaes diversos, —

tudo com injurias anonymas ao pobre de mim.

Abençoado homem! Mas o que eu admiro é a candura de taes bestas. E são todas do norte. As do sul não perdem assim o tempo.

A proposito me intima um pateta manipulador das *pilulas de familia* (se me não engano) *a que desaggrave Camillo* (!) contra um camarada meu.

Já vae. Quanto deu o idiota para a subscripção?

*

Ha trinta annos, dizia-me Luciano Cordeiro:

— E' bom viver, para observar o que por *cá* vae.

Ponderava-lhe eu:

— Isto está visto. O melhor é morrer, para saber o que por *lá* temos...

Ha já trinta annos.

*

Para a socega do burguez:

«As cousas existem, as forças combinam-se, os seres agrupam-se. Tudo faz o seu dever: nada é inutil. Se baixamos a vista, vemos o insecto agitando-se na herva; se levantamos a cabeça, vemos a estrella brilhando no firmamento. Que fazem? A mesma cousa. O insecto trabalha na terra; a estrella trabalha nos espaços. A immensidade separa-os e reune-os. Tudo é infinito. Porque não ha de ser esta a lei do homem? Tambem elle está sujeito á força universal, e está duplamente sujeito: pelo corpo e pelo espirito. A sua mão remexe a terra, a sua alma eleva-se em vôos gigantescos de aguia. E' da argila, como o insecto, e do empyrio, como a estrella. O trabalho é a vida, o pensamento é a luz.»

E' de Victor Hugo, nos *Miseraveis*.

11 de março.

Escrevo-lhes da aldeia de D. Maria, onde faz frio de rachar e onde não ha encantos, e, portanto, é possivel estar só. E a verdade é — que *mais vale só do que bem acompanhado.*

Vejo atravez da vidraça do meu quarto os campos cobertos de geada, como a estrada que vem de Lisboa para o Almargem do Bispo, no concelho de Cintra. São 7 horas da manhã e, pelos modos, o sol conserva-se na cama até á tarde, — como um director geral que se préza.

Triste natureza! mas ia eu dizendo...

*

Que é agradavel distracção do espirito modificar os axiomas, os proverbios, as sentenças populares. Aqui está outra variante: — *Dize-me quem te odeia, dir-te-hei quem tu és.*

Queiram experimentar isto os que se dão a fazer lista dos seus amigos, — como um bom rapaz de Lisboa, que já conta uns novecentos, quasi mil: — contem os seus inimigos, conhecidos, é claro, e hão de experimentar prazer igual ao de se sentirem amados pelos intelligentes e pelos bons, — se averiguarem este ponto essencial:

Que desfructam o odio ou a antipathia de todos os parvos e de todos os malandretes.

Dizia o velho Alexandre Dumas — que todos nós devemos reservar um *viciosinho* para o fim da vida: — por exemplo, o amor aos petiscos, ou o amor ás mulheres. Não estou resolvido a confessar-me, não gasto; limito-me, portanto, a dar ao manifesto um *viciosinho* a que, por fim, me acostumei: vem a ser o de arranjar bases para, á similhança do S. C., *tomar o mundo como elle é.*

*

E' que, em verdade, engorda se n'isto. Dois homens que me conhecem bem ha

muitos annos—Eduardo Shwalbach e Cabral Metéllo, encontrando-me hontem na rua, alternadamente, notaram em voz alta — que não só me achavam mais vigoroso, mas com olhar de saude; e eu, para o fim de embargar planos de pharmacopeias salvadoras, fui declarando a verdade: isto é, que deixára a *synthese*, pela *analyse*: o *telescopio*, pelo *microscopio*, e que me déra bem com o systema. Perceberam?

*

Não creio hoje que no mundo da analyse possa existir um gozo superior a este: fazer damnar um tolo ou um patife, deixando-o espojar-se na insignificancia, com as suas intenções aggressivas, sem lhe conceder a misericordia da attenção. E d'esta cajadada se apanham os fétidos roedores que, em conciliabulo de botica ou de botequim, fazem a *critica dos acontecimentos*.

*

Lá rompeu o Sol... O' alegre e santa Natureza!

16 de março.

Do *Popular*:

«O *Liberal* quer agora que a posição do sr. José Luciano seja a cavallo... na constituição e no povo. Impossivel, s. ex.ª nunca montou.»

Não? Que o digam todos os que estão montados. Uma bicharia!
De varias côres e feitios.

*

Um cidadão lisboeta o sr. Santos Graça, enviou aos jornaes um alvitre para impedir

que os varredores municipaes possam adquirir varias doenças, nomeadamente a tuberculose, no acto da varredura.

E' humano, é sensato e é urgente.

Pois, porque o é, já appareceram na imprensa varios idiotas engraçados diluindo em epistolas—que logo acham acolhimento —espirito de tróca-tintas sem mioleira.

O bondoso e intelligente cidadão tóma aquillo a sério, e perde tempo em discutir os idiotas supra. Um alvitre de um pratico: —Insista no seu *projecto*, e mande bugiar os commentadores.

Falou em varredores; veiu o lixo. Está direito.

*

Mosquitos por cordas no *Circulo Catholico*. Vejam estes nacos de uma desenvolvida noticia do *Diario das ditas:*

«No antigo theatro Taborda, á Costa do Castello, onde actualmente se encontra installado o *Circulo Catholico da Immaculada*

Conceição, reuniu hontem, pelas 8 horas e meia da noite, a assembléa geral d'esta collectividade, para apreciar o pedido de demissão da commissão de directores, e para apresentação do relatorio de syndicancia.

«O reverendo Francisco Esteves declara justas as incompatibilidades que se derem entre elle e os seus collegas, que queriam destruir o que elle alli tinha feito. Refere-se a um facto que reputa indecoroso, que se deu exhibindo-se no palco scenas indecorosissimas, improprias d'aquelle local.

«Diz que ha um *deficit* de 700$000 réis, provocado por esbanjamentos dos seus collegas demissionarios.

«Ha um grande tumulto n'esta occasião, provocado por um individuo presente, que não é socio, e que assume proporções escandalosas, evitando alguns socios que entre os dois partidos haja uma scena de pugilato.

«Os animos exaltam-se, havendo grande borborinho, quando o sr. Lima Bayard, pedindo permissão para interromper o orador,

o que lhe foi concedido, se dirige ao sr. presidente, rogando-lhe que se pozesse a moção á discussão.

«O tumulto recrudesceu, chegando a tomar proporções de certa importancia, levantando-se por parte de alguns dos socios uma energica reclamação contra o facto do reverendo Esteves se encontrar junto da meza da assembléa geral, dizendo que este sacerdote estava n'aquelle logar acirrando alguns individuos, incitando os a que se manifestassem contra o outro partido, que lhe é contrario.

«O sr. Domingos Coelho, como fosse meia noite, declarou que ia retirar-se, trocando-se explicações entre este senhor e o padre Castro, verberando aquelle senhor a attitude de alguns dos oradores, que em logar de cumprirem a sua missão de paz, vieram alli semear a discordia.

«O sr. padre Castro que ia a responder não o pôde fazer, porque o sr. Domingos Pinto Coelho se retirou, sem ouvir o que ia dizer aquelle orador.»

... Ignoro o que poderia objectar o reverendo Castro, mas o certo é que a zaragata vae maculando a Conceição, mais o circulo da mesma. Se eu fosse socio do dito circulo, proporia que se cortassem os membros que deram escandalo,—e que os mettessem na hygienica salmoira.

Como preceituam as Escripturas, mais o padre do semicupio—esse grutesco vencido de Monsão!

*

Olhem para isto:

«*Paris, 15, n.*—Communicam de Brest que, quando os agentes se apresentaram para proceder ao inventario na egreja de Langolen, se deram incidentes que revestiram uma gravidade extrema.

«Muitos individuos, entre os quaes alguns padres, agrupados dentro da egreja, lançaram com seringas liquidos corrosivos sobre os gendarmes e aggrediram-os com paus munidos de pontas de ferro.»

Lembra, entre nós, o reverendo chumbado do Monsão a largar fogo á carroça da palha.

Reverendos mafarricos!

12 de março.

Fulos — o Diniz da bolacha e o Rebello dos assucares! Parece que não haverá guerra!

Esta manhã, no comboio para Caxias, mostrava um d'elles ao outro o seguinte telegramma dos jornaes:

«*Paris, 10.* — Diz o *Gil Blas* que o principe de Monaco affirma dever-se a elle o ter-se afrouxado actualmente a tensão franco allemã.»

E com riso amarello, commentava o Diniz da Bolacha:

—O principe de Monaco! E' coisa de *vacca!*

E o Rebello dos assucares:

—O que? *Bósta?*

—*Bósta* e *Batota!*

*

Cá por casa. Vejam este *diz-se* do *Mundo:*

«Que os candidatos ao circulo oriental de Lisboa, para quem o sr. Hintze pede mais votação, são os srs. Manuel Vargas e Matheus dos Santos.»

Este *Matheus* é o tal financeiro, auctor do livro *Tuipeças*, retirado da circulação pelo auctor, 24 horas depois da publicação.

Tenho aqui *um voto*—para elle.

*

Num dos centros do franquismo, dizia

ante-hontem um orador... Mas vae um naco de noticia:

«O poder moderador compromettido pelo rotativismo

«O proprio poder moderador, que devia ser o arbitro supremo e imparcial no equilibrio dos outros poderes do Estado, tem sido desvirtuado no exercicio das suas funcções, porque a deslealdade dos governos só tem recorrido a elle para o comprometter perante o paiz, solicitando a sua intervenção já para dirimir luctas internas dos partidos politicos, a que a Corôa devia ser sempre estranha e superior, já para a concessão de favores constitucionaes que, por serem tão repetidos e injustificados, podem dar a impressão de que o chefe do Estado só quer o governo dos seus favoritos, ainda mesmo com desprezo absoluto pelas indicações da opinião publica.»

Hão de notar que são todos a querer salvar o rei — e *elle* a instar pela perdição. E

é que os não tóma a sério—aos salvadores.

E' o castigo, ó typos!

*

O Porto, nas *Novidades:*

«No districto do Porto dois homens por egual se tem empenhado em engrandecer o seu partido. Cada um com o seu temperamento, mas ambos com vontade de tornar preponderante a agremiação politica em que militam. Um, o sr. Campos Henriques, verdadeiro temperamento de politico, tenaz, cedendo aos adversarios sómente o campo que não póde tomar-lhes; conhecendo a difficil arte de preparar e fazer eleições, de que só desdenham os que nunca viram uma urna e só tem saído do commodo accordo ou do chapéu ministerial; o outro, o sr. Wenceslau de Lima, de temperamento mais calmo, mas um verdadeiro *charmeur*, indo, talvez por processos diversos, mas attinen-

tes ao mesmo fim, na vanguarda dos que entendem que, em politica, nunca devem esperar dos outros o que pelas suas proprias mãos podem obter.»

... Pois sim, senhores. Mas o tal *charmeur*, que declarou guerra ao cadaver de Camillo Castello Branco, é o mesmissimo leal regenerador que só deixou a Esquerda dynastica de Barjona de Freitas, quando este grande modelo para dissidentes lhe voltou o immenso trazeiro.

Foi então, decerto, que o leal Wenceslau aprendeu a *tomar pelas proprias mãos, em politica, o que em vão esperou dos outros...*

3 de abril.

No sagrado direito de pedir, pede *O Popular* providencias contra homens que pedem esmola por essas terras da provincia. E conta o seguinte obnoxio acontecimento:

«Ainda em fevereiro proximo succedeu que grande numero de trabalhadores andaram no meio da noite a bater ás portas dos proprietarios, exigindo-lhes esmola e trabalho, com tal imperio, em termos tão pouco tranquillisadores, que todos tiveram de dar esmola e comprometter-se a dar trabalho a um certo numero de assaltantes. Só as esmolas colhidas por este processo produziram oitenta e tantos mil réis que foram distribuidos entre aquelles trabalhadores Isto deu-se n'uma villa importante, cabeça de comarca e séde de concelho, tendo administrador de concelho, juiz de direito, delegado do ministerio pubico. mas despoliciada, e não tendo as auctoridades força com que pudessem manter a ordem e assegurar a defeza dos direitos dos habitantes.

... Não está certo. Dizia o Victor Hugo: — «Quem dá aos pobres empresta a Deus.» Ora se tal villa fosse policiada, não teriam os proprietarios realisado a usura piedosa de que nos falou o poeta. Isso sim! Eram

capazes de apitar sobre os pedintes, refocilando se nos seus gozos caseiros e deixando os pobres ao frio e á fome — e Deus sem emprestimo e sem coisissima nenhuma.

Não me digam que não, respeitaveis proprietarios!

Para alguma coisa boa serve, pois, a falta de policia. Mas eu não insisto, porque o articulista do *Popular* conhece o mundo e sabe que eu bem posso, a esta hora, dizer como o velho Baltar:—Tenho razão, ou não tenho?!

*

Do *Jornal das Colonias*:

«O andaço dos escandalos coloniaes, que ultimamente tanto teem sido discutidos nos jornaes francezes e belgas, relativamente a funccionarios ultramarinos d'estes dois paizes, acaba de pôr em fóco as colonias allemãs. No Reichstag foram tratados os casos dos governadores das colonias de Togo e

dos Camarões, ambos os quaes foram accusados de faltas graves e demittidos.»

Commentario do *Popular*:

«Por cá não ha esse perigo!»

Eu esclareço:
— Não ha o perigo de serem demittidos.

*

Vem de fóra, pelo telegrapho:

«O imperador Guilherme, ao receber os operarios salvadores allemães da catastrophe de Courriéres, disse:
«Provastes que existe qualquer cousa que, ultrapassando as fronteiras, une os povos entre si. E' o que se chama amor do proximo.»

... Dito por *elle*, é de a gente fixar este dilemma: — Ou velhacaria, ou telha!

*

Mão amiga de Peniche remette-me um jornal gordo, contendo insinuações desfavoraveis ao pobre de mim peccador

Se me não previne o amigo de Peniche, eu não dava por similhante coisa.

E muito sinto que tal me fosse indicado. Ha um espectaculo que mais do que todos me repugna: é o que me offerece *o medo*.

*

De chapa, nas gazetas:

«Em consequencia de terem faltado testemunhas de defeza, de que o réo não prescindiu, adiou-se para o proximo mez de maio o julgamento do réo Jorge Pereira, que hontem devia responder no 3.º districto, como auctor do crime de homicidio voluntario, praticado na infeliz Elisa Marques, por meio de estrangulamento.

... Que trabalhos por um simples crime de morte! Vejam lá o *assassino Moreira de Alhos Vedros:* matou a mulher publicamente, e nem precisa de arranjar defeza. Quem tem *sobrinho* não morre mouro.

---

6 de abril.

A proposito da conferencia de Algeciras, não se falla senão no brilhante papel que ali fez o nosso delegado.

Parecia o padre Luiz José Dias entre os dissidentes. Nem pio, senhor meu tio!

Oh! os nossos Metternichs!

*

No paiz dos *ursos brancos:*

«*S. Petersburgo, 3, t.* — O facto de estar

garantida a victoria dos democratas constitucionaes produziu extraordinaria animação em toda a cidade. Com receio de quaesquer manifestações, as tropas guardam as principaes ruas. Todos os estabelecimentos fecharam.»

O *suffragio* na Russia principia por onde algures acaba.

*

No mesmissimo paiz:

«*Francfort*, 3, *n.* — O governo russo acaba de dirigir convite ás potencias para a reunião da segunda conferencia da Haya.»

... Lá vem o Japão, *ó ursos!*

*

Nas gazetas:

«*Roma*, 3, *t.* — Dizem de Napoles terem

ali chegado, a bordo do *Durban*, os duques de Connaught.

«Logo após a sua chegada visitaram os duques de Aosta.

«Os illustres viajantes, depois d'uma excursão a Pompeia, onde admiraram as celebres ruinas, partiram para Marselha.»

Excellentes paes! Em perpetuo sarilho, para casarem as filhas.

Se me fallassem ha vinte annos... Hoje não ha fluido de Kola que me dê fluido!

*

Aquelle senhor não quer que se falle *duro*. Que o irrita.

Ha de arranjar-se-lhe *molle* Para o abrandar.

*

Fui atracado hontem, no Chiado, por um dos nossos vinte e cinco mil distinctos escriptores, que me disse:

— Tive agora de sustentar uma discussão sobre a vida eterna. Eu não me illudo: em tal assumpto, todos os homens são grandes cavalgaduras.

— Perdão! Está illudido.

— ?!...

— Grande póde ser o Victor Hugo. O senhor é apenas um pedaço d'asno.

(Ao outro: — Isto ainda não é *molle*; mas ha de se arranjar.)

*

Nos jornaes de hoje:

«No hospital de S. José, onde tinha dado entrada para se tratar, como noticiamos, falleceu ante-hontem a sr.ª D. Maria das Dores Farrobo, viuva do ultimo conde de Farrobo.

«A extincta, que ha bastantes annos vivia muito retirada, foi victimada por uma lesão cardiaca, complicada com outros soffrimentos.

«O funeral, que foi muito modesto, realisou-se hontem, tendo sahido o prestito funebre da capella do referido hospital para o cemiterio do Alto de S. João, onde o feretro ficou sepultado.»

O primeiro conde de Farrobo deixou o seu nome vinculado a magnificencias de Arte em Portugal e á implantação da Liberdade n'este paiz. E' notorio que ao governo liberal emprestou milhares de contos, que não foram até hoje restituidos.

A condessa de Farrobo, que hontem morreu no hospital, andava por ahi n'um estado *desprezivel* — andrajosa e com aspecto de faminta.

Livrou-a Deus da vida, e livrou-se do hediondo quadro a Sociedade...

A Sociedade, filha da Natureza Humana e de pae incognito.

8 de abril.

Tenho aqui, entrado hoje em minha casa, o n.º 12 da *Instrucção do Povo*, homenagem a João de Deus. Traz um retrato do Mestre, que me tem conservado, todo o dia, enternecido. E' um primor, que eu não estou para descrever.

O que eu quero é acabar esta minha prosa, para continuar a vêr o retrato.

*

Vejo, porém, n'um artigo do sr. Casimiro Freire, no alludido numero da *Instrucção do Povo*, dois *pontos* que eu preciso de fixar.

I

«Mezes depois dos festejos ao nosso educador nacional, em novembro de 1895, uma circular da Direcção Geral de instrucção Publica (sendo director o sr. José de Azevedo Castello Branco) ordenava que das escolas of-

ficiaes de Lisboa e Porto fosse retirado o methodo de João de Deus.»

Isto registra-se — e basta. Mas não fiquemos no castigo. Folgo muito em reproduzir uma nobilitação:

II

«Pôz cobro as estas vergonhosissimas perseguições ao mais notavel *instrumento da civilisação dos nossos dias* o actual Director Geral de Instrucção Publica, senhor conselheiro Abel d'Andrade, fazendo votar em Côrtes uma lei (5 de junho de 1903) declarando que em todas as escolas *póde ser adoptado o methodo de João de Deus, que se compõe da «Cartilha Maternal» e dos «Deveres dos Filhos»*. E pela circular de 13 de agosto de 1903 o mesmo Director Geral recommendava aos inspectores escolares o methodo, que, entretanto, não deveria ser adoptado sem que os professores tivessem d'elle perfeito conhecimento.

«Estas referencias, que ahi ficam, não serão talvez proprias d'um artigo commemorativo; comtudo poderão servir de modesto subsidio para quem no futuro tenha que se occupar da historia da *Cartilha Maternal*.

«O sr. Abel d'Andrade — a quem não conhecemos nem tencionamos pedir qualquer favor — levantando a *excommunhão* ao methodo João de Deus, prestou um altissimo serviço á instrucção do povo, em cujos annaes o seu nome ficará inscripto em lettras de ouro, tornando o crédor da gratidão publica.»

... E ahi fica explicado porque é que eu hoje applaudo as homenagens, realisadas e projectadas, ao actual director geral da Instrucção Publica. Eu desconhecia os factos.

18 de abril.

Uma pobre gente causticada e sem defensores: fallo de assumpto quasi em absoluto desconhecido. Pois vale a pena conhecer-se.

Imagine-se que um homem serviu durante annos no exercito, d'onde sahiu já fatigado para o serviço civil do Estado: por exemplo, guarda de uma cadeia civil. Acaba alli de extenuar-se e de tornar-se incapaz do seu serviço exhaustivo e de responsabilidade.

Tem 34 annos de edade. Serviu como militar 18 annos, e 16 annos como empregado civil. Pensa na reforma e somma $18 + 16 = 34$ annos de trabalho como servidor do Estado.

Mas não lhe é reconhecido o direito de sommar. *Os 18 annos de serviço no exercito não lhe são contados.*

*

Certo é que tal se fez outr'ora, legalmente: contava-se e sommava-se tudo. Parece que um ministro da fazenda, em apuros para *salvar o seu paiz*, entendeu que, para encher o abysmo, serviriam, antes de tudo, os corpos dos miseraveis esfaimados e tratou de augmentar a porção de *entulho*. Os invalidos para todo o serviço, extenuados no exercito e no serviço da cadeia — por exemplo — deixam de receber a reforma. Fica-lhes um só recurso: a miseria absoluta, se não teem, acaso, um bemfeitor: logo a fome, a morte proxima — e a patria saldando a divida com taes servidores.

E o paiz salvo — como pretendia o outro. Já não teem conta as vezes que o salvam. Elle a estender-se, elle confortado. Chega a ser voluptuoso!

*

Li ha dias que o sr. Ressano Garcia ainda está recebendo os vencimentos de commissario na exposição de Paris. E' crivel. Vi

depois que já estão de parte 18 contos de réis, para um banquete aos congressistas medicos. Não duvido. Nos jornaes me fartei eu de chamar a attenção dos *povos* e das *gentes* para os *50 mil réis* por dia petiscados pelo venenoso Antonio Ennes. Pois mil e um casos assim hão de reproduzir-se n'esta terra, sem tentativa de embargo a valer. E as *providencias* cahirão sobre os semi-esfaimados, acabando com elles de todo.

Eu bem sei que, ao termo de 40 annos de lucta contra a maré, poderei acabar hoje, ou ámanhã, ficando o que era besta e infame — triumphante e prosperado. Pessoalmente, não tenho o dever de queixar-me, mas é de *mau exemplo* E' certo que os pobres e os pequenos podem contar com a Morte libertadora, mas, á meia volta do seculo em principio, nenhum *homem sensato* olhará para os opprimidos, senão apontando-lhes uma arma de fogo, — para acabar com a praga importuna até ao escandalo.

.. Que tambem Deus é hypothese importuna.

19 de abril.

Reli a noite passada, o famoso livro de Xavier de Maistre, *Voyage au tour de ma chambre*. Ao terminar a leitura quiz dormir. Peguei no *Diario de Noticias* e, viajando através os annuncios, arranjei uma espertina — e um assumpto novo e inesperado para a minha prosa de hoje: — a indicação de alguns annuncios.

Sem exemplo, para não aborrecer, bem entendido.

I

«Saes de fructos Magalhães. — E' o laxante mais agradavel e suave, que devem preferir todas as pessoas que soffram de prisão de ventre, dôres de cabeça, vertigens, excessos de alimentação, embriaguez, enjôos do mar, etc.

Ahi por 1856, tinha eu 8 annos, o meu mestre escola Magalhães dava todos o sab-

bados, duas palmatoadas em cada pequeno. e dizia-nos:

— «E' o laxante mais agradavel e suave, que devem preferir todos os que soffrem do vêntre, etc.»

Foi o meu primeiro algoz — o Magalhães.

II

«Empregado. — Precisa-se. Ordenado 15 mil réis mensaes. Caução válida por 3 mezes em dinheiro, 100$000. Carta até ao meio dia de hoje.»

Não é mau processo para apanhar 100 mil réis aos patos, mas não gruda.

O melhor, pelo visto, são ainda *as correntes de latão.*

III

«Aos crédores. — Se recebem quaesquer

dividas pequenas ou grandes em Lisboa e provincia, sem adiantamento de dinheiro.»

Convém-me. Não adianto cinco réis, mas, se receber metade do que me devem, dou-lhe o *chalet ideal* n.º 3.

E' na sacristia de Santa Catharina.

IV

«SENHORA. — Que vive d'uma pensão pede auxilio de pessoa de probidade.»

Então o bemfeitor é que tem obrigação de ser honrado?

Cheira-me a poço sem fundo!

V

«SOCIO CAPITALISTA. — Precisa-se d'um que disponha de 2:000$000 reis para desenvolvimento de uma tabacaria.»

Foi-se me tudo em lanificios; senão, talvez eu *cahisse* nos tabacos.

VI

«Casa a mezes. — Precisa-se, no fim do mez, 5 ou 6 divisões, renda até 5$000 réis por mez. E' indispensavel que não seja excessivamente longe.»

Longe de quê?
Ai! que é maluco!

VII

«Casa de pasto.—Trespassa-se em muito bom local e faz bom negocio; os motivos á vista.»

Não se cance em pregar petas. Já se cá sabe.
E que não faz negocio nenhum.

VIII

«Dama de companhia. — De 20 annos de edade, offerece-se.

Tambem se incumbe de acompannar meniuos.»

Se quer acompanhar um velho — aqui o tem.

IX

«A QUEM TENHA HABILITAÇÕES LITTERARIAS E PEQUENO CAPITAL. — Admitte-se um socio para desenvolvimento de negocio decente, já montado, de grandes lucros.»

Isto é commigo. Tenho algumas habilitações litterarias e um capital tão pequeno que nem se vê.

Mesmo na conta.

22 de abril.

Escreve-me um gallego, para me chamar *descortez*. E' um cumulo, de pau e corda.

E os fréguezes á espera do carreto! Cachorro!

*

Uma pessoa minha amiga foi ha dias a Mondim de Basto. Havia tomado á lettra *os meus amigos de Cerva e de Mondim* e tratou logo de procurar os *meus amigos*. Não os encontrou em Mondim e absteve-se de ir a Cerva, sem me consultar. Disse-lhe eu — que se deixasse de procurar os *meus amigos de Cerva*, e expliquei-lhe a situação. E' a seguinte:

*

Deixe-me o leitor lembrar-lhe uma esplendida narrativa de Camillo Castello Branco: — *Como ella o amava!* Tem sido pu-

blicada em livros, em revistas e em jornaes; quanto a mim, li-a originalmente no *Archivo Pittoresco* (do anno de 1863, pag. 154). Ha alli uma romaria, uma briga entre os povos de Cerva e Mondim, a morte de dois valentões, caudilhos das duas luctas, o suicidio da cantadeira que elles amavam. Um encanto de prosa de Camillo!

Isto li em 1863. Tinha eu 15 annos. Ha 13 annos que eu sou amigo *de João Lobo de Cerva, de Victor de Mondim e da Isabelinha do Reguengo*, mortos no Cavez. Não tenho outros amigos n'aquella região.

*

E não tenho ido, nem já poderei ir, como desejo, visitar aquelles povos tão conhecidos de Camillo, porque já mal disponho de forças para viajar — e porque me opprime sempre a ideia de ir acabar longe de Lisboa...

Mas, ahi fica a verdadeira historia dos *meus amigos de Cerva e de Mondim.*

*

... Ora, o selvagem, que me acha descortez! De botas de verniz; mas onde poria elle os tamancos?!

---

25 de abril.

Li agora, no *Seculo*, dois telegrammas que me fizeram scismar e recordar-me e scismar outra vez.

Dizem assim os telegrammas:

I

«*S. Petersburgo*, 23, *n.* — Witte, primeiro ministro, declarou, ao ser entrevistado por um jornalista, serem falsos os boatos relativos ao addiamento da abertura da Duma, pois o czar decidiu que ella abrisse, irrevogavelmente, no dia 10 de maio.»

II

«*S. Petersburgo*, 23, *n.* — O resultado das eleições em Odessa foi favoravel a todos os candidatos do partido constitucional democratico. O mesmo succedeu em Kitchinoff.»

*

Recordei-me do seguinte:

Tinha eu uns vinte annos e pico, quando me estreei no jornalismo, escrevendo ácerca de... mas no meu livro *Pela vida fóra* (1900) explico-me nos seguintes termos:

«Ahi á volta de 1870, fiz a minha estreia de prosador nas columnas do *Jornal do Commercio*, de Lisboa, — secção de Communicados. Deu que fallar o acontecimento á classe commercial, a que eu pertencia — como empregado n'um escriptorio. Era a minha producção um apontoado de coisas sobre Federalismo, endereçadas ao sr.

Antonio Ennes, a proposito de um seu opusculo: *A Guerra e a Democracia*. Eu apresentara-me, na redacção do jornal, a Balthazar Radich e lera-lh'a a minha producção, que elle não percebeu, — o que tambem me acontecia, sendo eu o auctor, — e que mandou publicar, para se vêr livre de mim. Lembra-me que alguns annos depois nos rimos muito em S Carlos, uma noite, á conta da minha apresentação e da leitura.»

... Certo é, por igual, que aos ouvidos do director da alfandega, Antonio José Duarte Nazareth, antigo patuleia e homem de claro juizo, chegou a noticia da minha «auspiciosa entrada na vida publica». Chamou-me ao seu gabinete, para me conhecer e para me dizer coisas que eu não esqueci. Uma d'ellas foi a seguinte, — a tal de que eu me lembrei agora ao vêr os telegrammas russos:

«— D'aqui a 50 annos, quando eu estiver morto e o senhor fôr um velho, poderá

estar a republica na Russia *antes de estar em Portugal.*»

Pois é verdade, estava-me eu agora recordando...

*

Lanço os olhos para o jornal d'onde extrahi os dois telegrammas, e leio isto:

«*Porto, 23, t.* — O sr. conselheiro Alexandre Cabral teve hoje uma conferencia com os srs. conselheiros Manuel Esperança e José Novaes e com o sr. dr. Leopoldo Mourão, ácerca do accôrdo eleitoral dos partidos progressista e franquista.

«Depois da conferencia, o sr. conselheiro Alexandre Cabral partiu para ahi no rapido.»

... Tenho aqui no pateo da travessa da Palmeira, 41, uma visinha que adoptou para applicar a typos irritantes a palavra *badalhoqueiros.*

— Os badalhoqueiros no Porto. E' catita!

2 de maio.

Pergunta-me um visinho, aqui do lado— se ficaremos toda a vida a ganhar *victorias moraes*, immoralmente anuladas pelos brutinhos do Cadaval e da Azambuja. Eu lhe digo:

O aproveitamento dos brutinhos da Azambuja e do Cadaval; pelos elementos conservadores, é uma excellente *lição de coisas*: é mais uma demonstração de que toda a nossa miseria se deriva da pavorosa ignorancia de quatro quintos da população — *os 80 a 90 %*. No dia em que se estabelecer firmemente, sem parolice, *que um individuo que não sabe ler não é um homem* e que o maior beneficio a prestar n'este mundo *consiste em ministrar instrucção:* n'esse dia terá fim a escravatura branca. Antes — não.

Dizia-me um dia o grande bemfeitor que se chamou João de Deus:

— «Quando eu fui deputado, cheguei a

pedir a palavra, para apresentar um projecto de lei. Logo que m'a deram, desisti. Receei que se assustassem, — os que se não rissem. O meu projecto de lei era o seguinte : — *O analphabeto é irresponsavel.* Você entende que não teriam remedio senão ensinal-os a ler a todos.»

Sonhos de um grande e nobre espirito! Como vê o meu visinho, o miserando estado intellectual de *quasi todos os que soffrem* inutilisa os esforços dos *restantes*, que luctam por libertal-os, e serve aos do alto — para inutilisar praticamente as *victorias moraes* que o visinho considera inuteis.

Não o são. Basta que reproduzam lições — para serem realmente conquistas. Aprender é avançar. Diz-me que avançamos pouco, e que talvez não chegue a vêr o desfecho. Trabalhe pelos homens de ámanhã, como por nós trabalharam os que já lá vão. Cumpra o dever — e verá que a propria morte lhe apparece risonha. Ou melhoria, ou descanço.

*

... Tivesse eu pensado assim, serenamente, desde ha 40 annos! mas *se a mocidade soubesse...*

Vamos indo.

---

4 de maio.

Leio com magua o seguinte telegramma no *Diario de Noticias* sobre um assumpto tristemente conhecido:

«*Regua. 1* — Na estação de Covelinhas o povo de varias localidades reuniu-se e amotinou-se, destruindo alguns cascos de vinho do sul, que se pretendia fazer passar como sendo do Douro. Depois, grande quantidade de pessoas dirigiram-se ao Hotel Alliança, onde estava hospedado o dono do vinho, valendo a intervenção dos srs. drs. Antão de

Carvalho e Julio Vasques, que, tomando a entrada do hotel, conseguiram fazer dispersar a multidão, aconselhando-lhe prudencia e esperança nas providencias do governo.»

Faz realmente pena a intervenção d'aquelles cavalheiros. A lambada *fez-se* para ser levada por quem a merece, e o tal ***Manoel Alves Moreira***, que pretendia vender ***aquillo*** por banha de cheiro, burlando os consumidores, desacreditando marcas de especiaes creditos e aggravando a dolorosa situação de uma região desgraçada, era muito competente para levar uma tareia. Daria certo.

Agora... ***Agora estás a vêr, ó Viroscas !*** O governo não pensará em similhante coisa, e o ***Moreira***, em santa impunidade, repetirá a tentativa, sem arriscar a pelle.

Mal empregada protecção! Esse tal ***Moreira*** se ámanhã fôr roubado por um empregado seu, não deixará de berrar contra a malandrice dos costumes e de apellar para a intervenção da justiça. Mas se o mundo é assim!

*

Na associação dos srs. conductores e guarda freios, de Lisboa, foi aprovado — dizem as gazetas — um voto de condolencia... *pela catastrophe de Courrières.*

Isto faz chorar as pedras, palavra de honra! Vejam-me aquelles *benemeritos*, que passam a vida a atropelar a gente, — e já não teem conta as victimas dos *electricos*: como aquelles corações se enternecem com a desgraça dos mineiros francezes!

Está certo.

*

Do *Diario do Governo.*

«Portaria pela Direcção Geral da Instrucção Publica.—Convindo desenvolver quanto possivel o conhecimento do methodo de leitura e de escripta de João de Deus, do qual tão importantes e eficazes resultados

se pôdem conseguir para apressar a extincção do analphabetismo no paiz; e attendendo aos relevantes serviços já prestados á nação na propaganda do referido methodo pelo bacharel João de Dens Ramos: ha sua magestade el-rei por bem determinar que o mencionado bacharel seja officialmente encarregado da continuação da propaganda aludida, em todas as escolas primarias do paiz e muito principalmente junto das escolas normaes e districtaes de habilitação para o magisterio primario, devendo de tal commissão de serviço, a qual será *gratuitamente* desempenhada, apresentar annualmente ao governo o respectivo relatorio.— Paço, em 16 de abril de 1906. — Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.»

Apenas uma restricção no applauso:

Encarregar de um tal serviço um cidadão já benemerito — e *gratuitamente* — é uma apparente afirmação de má vontade na *extincção do analphabetismo*. Tirassem a dotação ao nosso ministro em Pekim, que lá

não vae, nem tem lá que fazer; addicionassem a tal verba a que ainda, pelos modos, está recebendo o sr. Ressano Garcia, pelos serviços de commissario na exposição de Paris (!!!) e creassem, por tal modo, uma remuneração do pezado e utilissimo trabalho do sr. dr. João de Deus Ramos. Dado que elle recusasse, deixassem-lhe o direito de applicar tal dinheiro ao desenvolvimento da propaganda do methodo — *para apressar a extincção do analphabetismo.*

Mas não ha meio de *entrar nas calhas.* O *desinteresse* impõe-se... aos outros, — como preceituava o sr. *Montenegro*—quando ministro.

Dão com um homem em cynico!

---

14 de maio.

Duzentos e cincoenta operarios da fabrica Daupias — sem trabalho: umas mil pessoas sem pão. Lá foram elles no sabbado apu-

rar a somma obtida pelas commissões de varios centros operarios em actividade.

Apurou-se 17$925 réis.

Li esta noticia ao romper da manhã de hoje, chuvosa e fria — dezembro em maio. Peior do que a impressão dolorosa: um grande desalento!

Todavia, na minha mocidade só vi miserias, — talvez mais do que hoje. Mas havia cá dentro muita luz...

*

Os guarda freios e os conductores dos electricos pedem ao governador civil de Lisboa que intervenha na questão que se travou entre elles e a companhia.

Deploravel systema nacional — de appelar, para tudo, para o governo! E os trabalhos e canseiras, que sobrevem, para obstar que elle se metta em tudo!

Estaes a vêr.

*

Na capital da Russia abriu-se a sessão da *Duma*, pedindo, em altos brados, os deputados — amnistia para os presos politicos. Talvez do *alto* se conceda magnanimamente. Falta saber se o povo russo concederá amnistia aos do *alto*.

*

Vède:

«*Paris*, *12*, *n.* — Foi preso em Londres, Marc Lapierre, director do jornal de *chantage* — *La Cocarde*, causando esta captura uma grande impressão. No quarto do hotel, onde se encontrava hospedado, acharam-se cem mil francos em titulos e papeis importantes.

«As buscas nos escriptorios de *La Cocarde* deram como resultado a descoberta de documentos relativos a numerosas personalidades.»

... Cá não existem uns taes processos; mas não é porque falte o *assumpto*.

Pobresinhos, mas civilisadinhos!

*

Lá estão *elles!* Falo dos amigos *piratas*, á conta d'estes telegrammas:

«*Londres*, *12*, *t.* — O governo britannico foi avisado de que a Turquia consente em evacuar Tabah e outros pontos occupados por ella no Egypto.»

«*Londres*, *12*, *t.* — Os jornaes d'esta capital felicitam o governo pela energia com que obrigou a Turquia a uma satisfação formal e completa.»

Encafuaram-se no Egypto, contra vontade dos naturaes e do Turco suzerano, e quando os descontentes protestam, *elles* augmentam a guarnição — e a energia.

Mas não tem duvida: tambem nós assim fômos — e hoje cá estamos — n'este preparo!

16 de maio.

Recordo-me (inconvenientes de ter vivido!) de que ha mezes, em plena revolução na Russia, comentava assim os acontecimentos o irritante maluco da Allemanha:

— «E' impossivel que nos espiritos slavos se prolongue um tal estado de tensão.»

Não vi ninguem até hoje perceber a ideia do Cesar em cuécas. Talvez, mesmo, só ali houvesse parolice de um pedante. Concebe-se que os espiritos parisienses não suportem um prolongado estado de tensão— como diz o maluco, — mas os Russos, dominados pela Fatalidade e pelo Fatalismo. passivos sem quebra de intrepidez (falo da massa popular). se atingiram, á força de sofrimento, esmagados e vilependiados por monstruosos canalhas do alto, *o ponto em que se reage forçosamente,* hão-de prolongar o estado de lucta implacavel — até uma solução radical: o exterminio dos seus tira-

nos, ou a conquista de liberdades insofismaveis,—o que representa egual conclusão.

Os trabalhos da Duma, já iniciados e a entrada dos elementos trabalhadores, por eleição, n'aquella assembleia que representa a entrada na vida nova, levam-me a crèr que longe e certo via aquelle bom Duarte Nazareth, quando me dizia, ha uns 40 annos:

— «Tóme nota. D'aqui a meio seculo, quando eu fôr um morto e v. um velho, é crivel que haja republica na Russia, ***antes de a haver em Portugal.***

*

Deixem-me tocar ali ao ferrolho d'aquella associação, antes de ir descançar — da minha digressão pela Russia...

Os srs. guarda-freios e condutores dos eletricos, entre diversas coisas que pediam á direção, formulavam este desejo simpatico: — ***Fumar em serviço.***

Resposta da direcção:

«A supressão da ordem que prohibe ao pessoal o fumar em serviço, não foi atendida, sendo dadas ordens terminantes para nem mesmo os superiores, poderem fumar nos carros.»

E' iniquo. Os srs. do pessoal já assobiam dentro dos carros e já ali petiscam, uma vez por outra. Porque não hão de fumar? Porque não hão de dar pançadas nos passageiros? Porque não poderão arrumar-lhes pontapés—emquanto esmagam os transeuntes?

Cebo para a tirania!

---

18 de maio.

Claro está que eu não pretendo, em competencia com o telegrafo, apresentar novidades. Limito-me a transmitir, fielmente,

comentarios que eu, ha 48 horas, oiço por esses logares publicos.

Por exemplo:

*

— Afinal, se se trata de *combinação tabaqueira*, não houve a minima satisfação ao povo de Lisboa — desfeiteado.

*

— A prova do que cada um chega a braza ao seu arranjo está n'estas palavras de Lisboa a um jornal do Porto:

«A indignação contra o Paço, por tão insolitamente impedir as vantagens que o paiz encontrava no magnifico exito do concurso é extrema.»

Isto não tem pés, nem cabeça!

*

Pergunta minha a um regenerador da velha guarda:

— Naturalmente passam muitos do Hintze para o João Franco, hein?

— Credo!

— Ah! não? Julguei que ao menos passassem, por *sincero remorso*, os antigos francaceos que lhe voltaram costas longe do poder. Vejam vocês como os caracteres mudaram — para mais firmes!

*

Alvitre de um iutimo dos Navegantes, ás 8 horas de hontem á noite:

— «Agora entram só os do João Franco; *nós* entramos na primeira recomposição.»

Aspiram *elles* a remendo velho em pano novo!

*

Mas gostei de vêr o *Metternich* Wenceslau tombado das diplomacias, o pesado *Kagado* das marinhas, — o timido *Paçô* da hipotese de uma reconstituição—e toda aquella frandulagem fóra da camara, antes de lá entrar.

Olhem que entravam tipos unicos!

*

Hontem na *gare* do Rocio esperava-se o sr. João Franco, quando a uma das portas apareceu de subito o sr. José d'Alpoim que, vendo o caes tomado pela multidão, se afastou para um sitio isolado da *gare*, onde ficou a conversar com alguns amigos. Alguem que pouco depois se separou do grupo, veiu dizer, em voz alta para o meio do caes;

«— O Alpoim vem esperar o Baltar!»

Tal refere a «Lucta». E do mesmo jor-

nal são as seguintes indicações. Vão somando:

«Se a trovoada que hontem começou a formar-se não é uma trovoada de Maio, vamos ver cair raios e coriscos. O camaroeiro das «Novidades» anuncia temporal desfeito. E o observatorio meteorologico do «Primeiro de Janeiro», dá noticia de grande tempestade ao norte.»

... Mais dia, menos dia, lá sae de baixo dos caixotins do «Janeiro» aquella composição, amarrada e poeirenta, do *31 de Janeiro*:

— «Saudamos o advento da Republica, essa aurora!»

Não me digam que não.

20 de maio.

Do *Popular*, regenerador:

«O paiz, os partidos, as aggremiações partidarias e os individuos já, por mal de todos, estão habituados a estes acontecimentos, que mais se assemelham a lances theatraes, mas na verdade é mister uma grande resignação e um prodigioso estoicismo, para guardar a tal ponto as conveniencias politicas, manter a penosa reserva do que cada um sente no seu intimo, para não pôr a nú, e em todo o relevo que estão pedindo, estas phantasticas aberrações do nosso meio politico e official. Não diremos por ora mais noda, muito sinceramente desejando não termos obrigação de o dizer, porque seriamos com isso os mais principalmente contrariados. Mas custa muito vêr tanto desatino e contemplar tanta audacia ou tanta fraqueza, e perante todo este espantoso quadro ficar calado.»

... Mas diga lá *com quem é isto*, fiel amigo regenerador!

A gente bem o percebe; *mas diga lá!*

*

Dizia-me hontem, alli no Chiado — era já noite — um dos negociantes mais conhecidos de Lisboa:

— «Não vae a ministro da fazenda o Mello e Sousa, porque está muito doente. Vae o Driesel, que é, tambem, um homem honesto e esclarecido. O Driesel saiu da direcção e da governação do Banco de Portugal, por causa do *Matheus dos Santos* — director do tal Banco, — auctor de um livro retirado do mercado 24 horas depois de posto á venda, — e deputado regenerador por Lisboa. Não conhece?

— Conheço.

— A proposito do *Matheus*, conhece o *Carvalho Pessoa?*

— Vereador?

— Isso. Andava o homemsinho a vêr se entrava na Politica. Pegou-lhe o Hintze; fel-o deputado — e o Pessoa fica de fôra.

— Para um lado e para o outro, como o *susto* do padre. E, a proposito de *Kagadeira*, conhecerão elles as *carnes* — para consumo de Lisboa?

— Isso conhecem *elles*...

*

Na egreja da Encarnação, reuniram-se diversos parochos de Lisboa, para dizer mal da provisão do Patriarcha e alvitrar resoluções insubordinadas. Um poema heroi-comico — *de risca ao lado e coroa aberta!*

Não compareceu o padre Luiz José Dias. Está com vergonha de sahir á rua.

O *susto* está um figo passado. Com o *indignado protesto* do Zé Dias, são dois figos.

... Abro isto, para lhes dizer — que, com estes que a terra ha de comer — acabo de vêr na arcada do ministerio do reino o

padre Luiz José Dias, seguido por um sacrista. Levava este duas trouxas, muito bem embrulhadas em toalhas de linho com suas rendas. Perguntei ao sacrista — o que vinha a ser aquella *parodia*. Resposta do homem:

— «E' a *independencia*, mais a *lealdade* do senhor prior. São para offerecer ao senhor João Franco. O *susto* era bom para o *pão de ló.*»

Tóma!

---

21 de maio.

Contaram-me esta manhã, a proposito da quéda dos regeneradores:

— «O Pimentel Pinto é, talvez, o mais fulo. Tinha d'olho o limite d'idade do Craveiro Lopes, commandante da 1.ª divisão militar. Logo que tal se désse, o nosso homem, passando a general de divisão, far-se-ia nomear commandante da primeira,

despedindo-se, é claro, do ministerio. Assim, nem pasta, nem commando.»

Meditava eu, mais uma vez, sobre a falibilidade dos projectos humanos, quando li o seguinte, n'um jornal:

«Vae ser creado um conselho ou commando superior de guerra, com funcções identicas ao antigo conselho do almirantado; a presidencia será confiada ao sr. conselheiro Moraes Sarmento, tendo superitendencia em tudo quanto diga respeito á força armada.»

O sr. Moraes Sarmento é o honrado homem e illustre official general que o sr. Pimentel Pinto fez sair, iniquissimamente, da direcção do Collegio Militar, que elle tanto honrava. Deus escreve direito por linhas tortas.

*

Entre as diversas manifestações deploratívas do caso nefando, vem a seguinte no *Popular* de hoje. E' impossivel que não seja seu auctor — o *Baptista*. Se é outro, acho que Setubal está-se excedendo na especie. Vê-se que precisa de novo Bocage, para lhe reduzir os trambolhos.

Diz assim o *maduro:*

«*Setubal, 19.* — Causou geral desanimo e até indignação, a inesperada quéda do gabinete Hintze, cujo proceder a opinião publica tanto applaudia (?!) Chega a causar pasmo como tão maltratado podesse ser o partido mais forte de Portugal e o estadista de maior nomeada da nossa politica.»

Nem o Camillo, nem o Eça inventava isto. A Natureza é inatingivel, — principalmente se é de longa orelha!

*

Dois *diz-se* do *Mundo*:

I

«Que o sr. Antonio de Azevedo, ao despedir-se do sr. Capello, declarou que com o rei actual não voltaria a ser ministro.»

II

«Que dos ministros demissionarios é muito possivel que um se aliste nas fileiras do franquismo.»

Se lá o receberem... Mas apostar que adivinho — e não custa meditações.

Deve ser o arguto Wenceslau — que já viera da farça do Barjona. Não foi dos *comidos simples*. Foi *comido cumplice*.

Para desanuvear:

Ha dias foi ao ministerio das obras publicas, para o fim de despedir-se, o sr. Pereira dos Santos, ministro demissionario d'aquella pasta. Ia de trem, e, ao pretender apeiar-se, estendeu um pé, sem olhar para o estribo, e cairia infalivelmente á rua, se lhe não acudisse um amigo, ao qual o distrahido ministro disse, voltando a si:

— «Realmente, cahir duas vezes seria demais!»

---

22 de maio.

Carradas de razão tem o *Seculo*, quando diz ao novo governo (franquista):

«Deve acabar de uma vez para sempre a co-participação dos magistrades, empre-

gados e officiaes da justiça criminal nas *custas;* mas, para isso, é preciso dotal-os régiamente e não miseravelmente, como até agora. Da administração da justiça dependem a liberdade, a segurança, a propriedade dos cidadãos. Sem ella, não ha ordem, nem equilibrio, nem tranquilidade, nem respeito social. Ella deve ser absolutamente independente, e, como tal, régiamente paga, porque sem independencia economica *não ha nenhuma especie de independencia.* A Inglaterra paga *trinta e seis contos* por anno ao lord Chief Justice, *vinte e dois contos* por anno a cada um dos juizes da sua relação e supremo tribunal, aposentando-os, no fim de quinze annos, com *quatorze contos* por anno, estejam ou não validos Aos juizes de primeira instancia paga a Inglaterra *sete contos* por anno, aposentando-os, no fim de quinze annos, com *quatro contos e quinhentos mil réis* por anno, estejam ou não validos. E na mesma proporção recebem e se aposentam os escrivães e officiaes de justiça.

«O nosso paiz não póde pagar tanto mas póde, pelo menos, custear dignamente os serviços da magistratura (criminal-civil e commercial), pondo-os absolutamente ao abrigo da necessidade. Dentro da magistratura portugueza ha verdadeiras epopeias de resistencia moral. *Ha juizes collocados em comarcas de primeira classe, que não têm recursos para educar os filhos; ha magistrados que ganham menos que um operario habil.* E esses homens julgam todos os dias processos de dezenas e centenares de contos.

«Convém, porém, não abusar d'este estoicismo. Elle é ainda frequente na magistratura portugueza, mas menos do que já foi e com tendencia para a baixa.»

*

Tal dizem a moral e a economia, e tambem dizem — que é mais do que tempo de acabarem as patifarias de sete, e mais

empregos rendosos explorados pelos *ressanos* e outros magicos tenebrosos da nossa horrivel politiquice. Pague-se como deve ser o trabalho e as responsabilidas, mas *entrem nas calhas*, por uma vez, os insaciaveis e proverbiaes comilões!

O povo tem obrigação de olhar por isto — e pelas providencias honradas e energicas, ou pela inalterauel e velha relaxação!

Affirma-se em palestra e em redondo — que das proximas futuras eleições não virá á camara um unico dissidente. E assim prova o sr. José Luciano que ainda está bem vivo para os *ajustes de contas*. Não *lhe levo isso a mal*. A vingança não é só prazer dos deuses; já lá dizia o padre Natario do *Crime do padre Amaro*, que com ella se ganha o céo, e não a rezar Padre Nossos.

Com que, nem um para amostra? Que triste cartada, meus amores bochechudos!

25 de maio.

Chegam nos da Russia boatos de uma negra hypothese: a de vir a ser a Duma o alvo de um attentado como os de Cromwel, de Napoleão I e do general Pavia, — por parte da Czar Nicolau II, *o apostolo da Paz*. Dá-se, porém, o caso de o golpe de estado em S. Petersburgo já não constituir uma surpreza, — como em Londses, em Paris e em Madrid. A approximação reciproca do *urso branco* e do seu povo foi tão rapida, após as carnificinas, qne era impossivel não haver ali cicatrisação em falso. e por baixo — fermentação de pús. E' o que vamos vêr.

Em regra, tal acontece n'estas *reconciliações sinceras* entre os que abusaram e os que se revoltam. Transigiram aquelles de má voutade e com o pensamento, fixo e occulto, de vingança. O povo, demoradamente creançola, crê em arrependimentos e em boa fé, e só á força de repetidos embustes chega á crise de desespero. Todos sabem, ou deveriam saber, que o Ter-

ror só se estabeleceu, em França, em 93, sobre a derrocada das mentiras, das traições e das relativas ingenuidades trahidas. Lições não faltam: assim não houvesse desprezo pelo estudo...

*

Continuando, ou seguindo viagem, temos na Africa do Sul a revolta do Natal alastrando-se a ponto de já se communicar o incendio ao Transvaal — de heroica memoria e de sinistra recordação para a Inglaterra. Vale a penna viver — por curiosidade.

*

Telegramma de Roma:

«O papa está melhor dos seus padecimentos; no entanto o dr. Laponi recommenda-lhe absoluto socego.»

Aqui no *pateo* visinho de minha casa, ha

n'esta occasião dois chefes de familia doentes, a quem a fome dos filhos recommenda que vão trabalhar. E são capazes de ir — os infelizes: o mesmo tenho eu feito, sem ter filhos. E' triste coisa não ser *Papa!*

*

Regressando a Lisboa. Nos jornaes de hoje:

«Hontem, cêrca das 11 e meia horas da manhã, um individuo que passava na Avenida, proximo da Rua das Pretas, foi acommettido d'uma syncope, sendo immediatamente soccorrido pela policia, que o deitou n'um dos bancos ali existentes.

«N'essa occasião descia sua magestade a rainha, a pé, a Avenida, acompanhada da princeza Luiza de Orleans.

«Sua magestade, tendo presenceado o caso, correu logo para junto do pobre homem, a quem procurou reanimar; e, como lhe dissessem que a causa da syncope fosse

talvez a inanição, deixou um valioso obulo em poder do infeliz.»

Chama-se a isto — *uma lição de coisas.* Para todos.

---

26 de maio.

Eoi n'um jornal do Porto que eu hoje li:

«*23 de maio de 1498* — Morre Savonarola.

«Chamava-se além de Savonarola, — Jeronymo, — e nascera em Ferrara em 1452, entrando aos 23 annos no convento dos dominicanos de Bolonha. Caracter austero e dado, pela feição do seu espirito, á meditação e ao estudo, depressa a corrupção italiana, que então se alastrava por toda a parte, invadindo as côrtes dos principes e os recintos dos papas, ferin profundamente

a sua ardente imaginação, chegando a supp:r-se enviado de Deus para ser o instrumento de regeneração do seu paiz e da egreja. Ora tendo sahido de professor de noviços e collocado definitivamente no convento de S. Marcos de Florença, de que foi o prior, começou a prégar ás turbas e annunciou as mortes de Lourenço de Medicis e Innocencio VIII, ao mesmo tempo que a invasão dos Francezes.»

... Li, e dei-me a formular assim e meu pensamento:

— Quantos Savonarolas por aqui temos!

*

Olhem para os tópicos:
— Corrupção por toda a parte.
— Caracteres austeros, repontando.
— Ardentes imaginações.
— Mania de *enviado de Deus*.

— Prégações ás turbas.

— O que está por vir a Deus pertence.

Etc.

Já não falo das manifestações dos *outros;* limito-me ás do padre Luiz José Dias — aquelle que metteu susto de arromba nas vias largas dos seus adversarios politicos, com gaudio incontestavel dos assustadiços. O nome d'elle ocorre-nos á medida que se desenvolve essa lista de tópicos que para ahi fica. E' o symbolo de uma sociedade que estrebuxa, — salpicado e borrifado de simonte e de verdasco. Cebo para elle!

*

Diz o *Correio da Noite* qne o presente é consolador, e o futuro é cheio de esperanças.

Apoiadissimo!

(E' para ralar os dissidentes.)

*

Como José Luciano está de cima — e á bica! Muita vida tem os do Romantismo!

(E' para moêr os *pães de ló!*)

*

Na camara municipal de Lisboa, em sessão de hontem, o sr. conselheiro Matheus dos Santos referiu-se á necessidade de se construir um estabelecimento de banhos baratos, obra que importará em 6 contos de réis, conforme o orçamento elaborado pela 8.ª repartição.

Disparates velhos, edições novissimas, para inglez vêr!

A quem se destinam taes *banhos baratos?*

— Aos pobres famintos? Esses não pensam em lavagem.

— Aos pobres remediados e aceiados? Esses lavam-se em casa. E' mais economico e mais limpo.

— Aos ricos? Esses, se querem banhos, dispensam a barateza.

O que o sr. *Matheus* propõe é tolice para estragar dinheiro da *Kagadeira* — á laia do que se estragou nos mercados de flôres... e de prostitutas. Juizo e cabeça fresca!

---

28 de maio.

O que ha dois dias eu tenho ouvido em blasphemias e sandices contra o Funccionalismo — *esse cancro!* — attinge o cumulo da estupidez perversissima. Applaudiu-se fervorosamente o governo que promettia esfolar os funccionarios, já na espinha, e ha consternação — porque *o cancro*, pelos modos, não será esfolado. Até *corre o perigo* de melhoria de rancho.

O que vale ao desventurado é não crêr em melhoria. Podia dar-lhe a esperança na fraqueza.

*

Incontestavel é o periodo de relativa acalmação: quero dizer da acalmação á superficie. Talvez isto influa favoravelmente no mercado dos legumes; certo é, porém, que prejudica os *assumptos*. Emquanto se está esperando e amolando, não sei que possa commentar. Dá me a gana de reproduzir aqui, para encher, os sermões do padre Luiz José Dias, á similhança do correspondente de jornaes inglezes, que para não largar o telegrapho aos collegas do jornalismo, ia telegraphando a Biblia. Mas eu já vi hoje *um assumpto*.

*

Ora! Foi ha pouco, ali na Arcada do ministerio do Reino. Quem imaginam que por entre os grupos deslisava, enfarpelado em briche, com um grande fartum a simonte,

verdasco, *etc.* ? Era elle mesmo: o vencido do Monsão, e a distancia um gallego com dois alforjes; n'um a *independencia*, n'outro a *lealdade*, com o *visto* de José Luciano e de Alpoim.

São para offerecer a João Franco. Aviso ao patriarcha dos Navegantes!

*

Nos jornaes:

«Consta que o sr. Antonio de Azevedo está cada vez com menos vontade de voltar a presidir ao municipio de Lisboa».

... Não quer ser ministro, — nem presidente da Kagadeira das carnes. Se elle quizesse deixar de ser conselheiro de Estado e director da Penitenciaria e *Kagado*?

Isso quer elle. Não temos sorte.

29 de maio.

Começam na camara municipal de Lisboa os mechidos para renovar o contracto do fornecimento das *carnes* á exangue população de Lisboa. Por mim, pelo meu estomago e pela minha nutrição, não gosto de carne de vacca e dispenso-a perfeitamente, a contas com as aves, de que faço creação e com o *fiel amigo* dos paizes scandinavos. Comigo não engordam os *taes moinas*.

Vejo, a proposito dos novissimos mechidos na *Kagadeira*, as seguintes palavras da *Lucta*:

«Chega a ser vergonhoso que ha mais de trinta annos se procure debalde uma solução satisfatoria para tão importante questão, e que cada vez mais se aggrave, accumulando erros sobre erros, que só têem approveitado á insaciavel marchanteria e associados anonymos.»

Assim é, e toda a gente o sabe, á sua

cnsta, em Lisboa. Só o mais pachorrento e gordalhudo dos *Kagados* se abstem de pensar em similhante coisa.

E queria ser ministro a obnoxia e inconcebivel creatura. Cebo!

E' do Porto a seguinte noticia, que tambem na *Lucta* se me depara hoje:

«O conhecido galopim Kagaçal offereceu hoje um jantar aos seus correligionarios que principiou ás 4 horas da tarde.

«Sómente ás 11 horas se fez o primeiro dos brindes, que foram verdadeiramente... multicôres. Iniciou-se a série com um ao sr. José Luciano de Castro; seguiram-se outros aos srs. Hintze e João Franco...»

Um *puro Kagaçal!* E a offerecer jantares! E haver quem lh'os acceite — sem

vomitos! E a *mayonnaise* dos brindes! Oh porcas e amargas recordações!

Hontem, no conselho de Estado, tratando-se da nomeação de novos pares, o sr. Julio de Vilhena ponderou a inopportunidade da nomeação, emquanto não se realisassem novas eleições geraes de deputados, pois que só então, acclarada a situação politica, essa nomeação se poderia fazer, sem risco da camara alta ficar fechada para outro ministerio que succeda ao do sr. João Franco e que não seja regenerador ou progressista.

Com o devido respeito que eu consagro ao sr. Julio de Vilhena, quem ha de succeder ao sr. João Franco senão o regenerador ou o progressista?

Este nosso poema não tem fim.

---

31 de maio.

Em these, sujeito que attinja os 50 annos de edade, deve ser reformado e excluido dos negocios publicos. Isto vem a dar-se em pouco remoto futuro, pois que os factos actualmente precipitam-se.

Aos 50 annos, hoje está-se *velho*. Estar *velho* é mergulhar na indifferença, ou no tedio, ou na misericordia desprezadora. Como quer que seja, é acceitar aquillo do velho Dumas: — «E emquanto um resonava e suspirava o outro, o mar ia açoitando as muralhas exteriores do castello, indifferente aos *pequenos nadas* que constituem a vida e a morte do homem.»

*

Tudo isto *pequenos nadas:* dizem os 50 annos scepticos e fatigadissimos.

Mas logo, com muita logica, salpicadinha de ronha, brada o bolacheiro Diniz:

«— E quem ha de fazer bolachas?!»

Isto é justo e não ha discutil-o em boa fé.

Mas, se os 50 annos de uma entidade pensante não acceitam *isto*, o unico remedio é affastar *d'isto* os 50 annos.

E com reforma aos desvalidos da Fortuna, bem entendido.

Hão de vêr, d'aqui a 20 annos, como *isto* é sério. Mas eu já não verei coisa alguma, graças a Deus!

E' da *Lucta* esta conceituosa noticia.

«A direcção da Penitenciaria de Lisboa soliciton do ministerio da justiça o preenchimento de grande numero de cellas vagas, que existem n'aquelle estabelecimento penal.

«Esta não lembrava ao diabo! A'manhã vem a direcção do hospital de S. José pedir

ao ministerio do reino que lhe mande para lá doentes, por ter leitos disponiveis. Provavelmente a direcção da Penitenciaria, tomando a sério os propositos em que estava o governo de reduzir á fome os pequenos funccionarios, lembrou-se de accudir a essa pobre gente, offerecendo-lhe cama e meza. D'ahi a sua mensagem ao ministerio da justiça, dizendo-lhe que tem lá cellas disponiveis. Pois conservem-n'as em estado de receber hospedes, que d'um momento para o outro podem ser precisas.»

...Reduzem-me o *Kágado* a alforreca!

*

Tem na Catalunha o *Diario de Noticias*, de Lisboa, um correspondente que lhe escreve:

«Archer de Lima, illustre poeta, um dos poucos escriptores que á força de talento conquistaram reputação europeia...»

O *Diario de Noticias* não deve caçoar com a *loucura*, representada pelo seu correspondente. Não seja máusão!

*

No mesmo jornal. Notas da Miseria:

«GOVERNANTE. — Para Lourenço Marques, Brazil, ou provincia, offerece-se senhora respeitavel. Não se importa de fazer alguns serviços domesticos; não faz questão de ordenado.»

Pobre senhora respeitavel! e talvez o seja. E offerece-se para fazer despejos e não faz questão de pagamento. O que tem é fome.

Pois não se vê isto?

*

Outro:

«100$000 RÉIS. — Para negocio, precisam-se. Só com o proprio. Seriedade.»

Negocio de cem mil réis, só de *assadas e quentes*. «Seriedade?»

Pois sim. Amica.

---

3 de junho.

Só n'um jornal vi hontem lembrado o anniversario da morte de Camillo Castello Branco. Talvez mesmo seja considerada caturrice a citação do facto.

Só o *Rosalino*, que Deus haja, teve forças para não largar o mundo — que não se endireita.

Amargo e torto como o cú d'um pepino. Deixal-o correr!

Consoante o *Popular*, já começaram a chover telegrammas pedindo ao governo que suste a conclusão, que está prestes a fazer-

se, do cadastro predial, cuja contribuição actual é talvez a quinta parte do que justissimamente deve ser.

Assim o crê e affirma o *Popular*, e continúa:

«Era de prever. A propriedade que seja respeitada e o funccionario *amolado*... Não queremos dizer que o governo deixe de respeitar a região onde a crise vinicola mais se faz sentir. Mas d'ahi a desperdiçar fonte segura e justissima de augmento de receita, e então, a deixar de preparar o indispensavel cadastro, fonte da nova distribuição, vae abysmo, que decerto será respeitado. Mas já nada nos surprehenderá!

«E não é só para a contribuição predial, é para a sumptuaria que tambem o governo deve olhar e com olhos de ver. Não ha quem opine de modo contrario.»

...Com o devido respeito, opinam em contrario, quaes refinadissimos pinas, todos os proprietarios da predial, mais os da sum-

ptuaria. A Patria é cada um em sua casa, com sua mulher, mais os filhos da mesma.

Adiante!

Quer um dos meus *tres effectivos* que eu lhe diga coisas ácerca do attentado em Hespanha.

Limito-me a dizer-lhes que de sangue e de miseria encheu a Africa do Sul o Chamberlain, para não fallar de mil e um flagellos da raça humana — que elle tem celebrado como superiores, — e que me lembro das palavras de Gustavo Planche, ácerca de Byron:

«Se eu dizesse o que penso, seria apedrejado em Londres e em Paris.»

---

10 de junho.

Não deixa de ser um assumpto — registrar a falta d'elle. Aqui temos nós: parlamento fechado, forçada suspensão de armas, vagas espectativas, calor a entorpecer corpos e almas, festas á porta — e muita fadiga, muito aborrecimento... A proposito:

*

Hontem á noite, tomava eu o fresco a uma janella da minha casa para a rua, — janella de rez do chão, — quando acertou em passar um velho companheiro meu de luctas de ha quarenta annos. Uma grande saudade apoderou-se do meu ser. Convidei o rapaz de ha quarenta annos, velho de hoje, a entrar no meu cubiculo e, naturalmente, penultima morada, e fui-lhe dizendo os nomes de visitantes que teem honrado este casinhoto da travessa da Palmeira, 35 — alguns dos quaes não poderão voltar.

Lembrei-me de João de Deus, Julio Cesar Machado, Oliveira Martins, Theophilo Braga, Jayme Moniz, Barjona de Freitas e outros mais modernos. Que eu vivo de preferencia com os velhos e das velhas recordações.

*

E disse-me o camarada de ha 40 annos, visita de hontem:

« — Pois é verdade. Algum tanto me enganei na vida, mas foi só nos meus processos. A vida continúa a ser bella. Imagine você que eu, á falta de quintal ou jardim, tenho dois vasitos com flores. O que se goza vendo-as nascer e desenvolver-se!

— E morrer?

— Menos do que se julga.

— ?

— E' que apenas adoece uma, tenho o cuidado de substituil-a. E ha um prazer especial n'esse duplo espectaculo simultaneo: uma flor que sae da vida e outra que vem entrando. Tudo é viver.»

*

— E de creanças: você não gosta d'ellas? perguntei.

«— D'essa armadilha do Destino me livrei eu. Como seja natural que a creança viva mais do que eu, raro seria o dia, — se eu me affeiçoasse a um tal ser, — em que eu não experimentasse angustias pelo futuro d'ella, sem fallar das inquietações pelo presente. E' de crêr que se gose mais intensamente em tal convivio, mas *os compromissos* são crueis.»

*

Fiquei muito tempo calado. Eu estava só em casa. O *Marius* e o *Raul* tinham ido vêr e ouvir o *Lohengrin.* O meu camarada levantou-se, despediu-se, e ao chegar á porta voltou-se e disse-me:

«— E aqui tem você as minhas conclu-

sões, ao fim da vida: — reduzir os gozos: isto é, reduzir as responsabilidades; não dar ao Destino muita confiança.»

E lá se foi.

---

7 de junho.

Do *Diario de Noticias:*

«Hontem de tarde, Sua Magestade a rainha D. Amelia visitou em Caxias a Casa de Correcção de Lisboa, sendo recebida pelo sr. Silva Pinto, director do estabelecimento, e por todo o pessoal.

Sua Magestade, declarando ao sr. Silva Pinto que visitava aquella casa, porque lh'o promettera e desejava verificar o que tem ouvido, pediu áquelle funccionario que lhe apresentasse o pessoal, e deu principio á sua visita.

«A qual foi interessantissima, a julgar pelo calor com que a Augusta Soberana annotou

o que ia vendo, informando-se, animando todos, até que ao sr. Silva Pinto demonstrou, chamando-o para junto de si, a satisfação com que vira a somma de intelligentes esforços, ali representada.

«Prometteu voltar, ao director da Correcção; deixou um donativo importante para o jantar de hoje dos reclusos e, por entre acclamações geraes, deixou impressões, tambem geraes, de muito reconhecimento.»

*

Dois dias depois. — Algum dos meus leitores effectivos recorta de um jornal e remette-me o seguinte, relativo á visita da esposa do chefe do Estado á Casa de Correcção em Caxias:

«Sua Magestade deu então principio a uma visita minuciosa, tomando notas, elogiando o asseio e boa disposição das diversas installações, terminando por dar ao sr.

Silva Pinto os parabens pelo que tinha visto.»

Limita-se quem isto me remette a formular um ponto de interrogação. Eu respondo, pois que é justa a extranheza.

Admirar e louvar o *asseio* é, pelos modos, velho sestro dos visitantes — que nada mais viram, porque nada mais houvesse para ser visto, ou porque não souberam ver. E tão frequente é isto que já faz parte dos dizeres noticiosos. Ora, no caso da visita em questão, não foi assim como se deduz da noticia.

Sua Magestade, ao terminar a sua visita, dirigiu-se-me, felicitando-me pelo que vira, e referiu-se detidamente ao adiantamento profissional dos menores, ás commodidades que desfructam, ao ar inconfundivel de satisfação de todos elles, á orientação material e moral de que tivera conhecimento — porque lh'a disseram e porque presenciou os resultados d'ella. E tambem notou a regia visitante — que falta pessoal, o que tor-

na difficilima a tarefa dos empregados actuaes e impossivel a admissão de novos reclusos. Viu isto a Rainha; só não o tinham visto visitantes que deviam providenciar! Mas, emfim, não é este o momento de divagações.

O que eu sustento é que a Rainha não louvou o *asseio*, — o que seria desairoso para todos nós.

Mais nada.

---

14 de junho.

Impõe-se, n'este momento, á minha attenção um pequeno opusculo de 24 paginas, publicado em 1869 por Alfredo de Oliveira Pires e commentado por Luciano Cordeiro, no *Segundo livro de Critica*, que viu a luz em 1871. O trabalho de O. Pires intitula-se *O Funccionalismo*.

Veiu como protesto e defesa contra medidas radicaes, exterminadoras, dos *patriotas da Janeirinha*.

A proposito vem a citação d'elle e dos commentarios do critico.

Fale Luciano Cordeiro:

*

«Desmoralisada pela ignorancia, que é enorme, e pela especulação, que não é menor, a consciencia publica tem andado agitada contra a classe de empregados publicos, que faz responsavel por males em que ella bem pequena parte tem.

«Fôra valente estimulo á hilaridade, se não provocasse antes tedio e desgosto aos que amam ainda o bom nome da patria, essa cruzada repugnante de analphabetos e refractarios ao imposto contra uma classe que elles consideram ou fingem considerar parasita, que reduziriam, se pudessem, ás condições dos antigos ilotas, e que é a que mais serviços publicos tem dado para a historia d'esta terra, a que mais illustração possue, e aquella finalmente onde em grande parte o trabalho é peior remmunerado

«A muitos, se soubessem historia, bastava talvez lembrar-lhes uma data para lhes mitigar os furores. Essa data é *1848*.

«A' causa do *funccionalismo* em Portugal anda presa a causa do proletariado. Cuidado!

«Se as sommas absorvidas pelo funccionalismo são grandes, se este é exageradamente numeroso, se a *sinecura* existe e o *esbanjamento* vos apoquenta os bestuntos, procurae, patriotas de *momento*, estudar o systema, obviar-lhe aos males, planear uma reformação sensata.»

*

Foi isto escripto e publicado ha trinta e cinco annos. Evolução demorada, mas inutil.

Mais diz Luciano Cordeiro:

«Vae o sr. Pires defendendo o empregado publico, com notavel clareza e imparcialidade,

expondo as oppressões de que aquelle tem sido victima, até á desavergonhada expoliação, condecorada com o nome de *deducções*, pela qual o Estado tira ao trabalho de um proletario, que lhe recebe 500$000 réis ou 700$000, muito mais do que ao Estado paga um capitalista que faz 50:000$000 réis, ou 100:000$000 de rendimento liquido.»

...Inutil, e parece d'hoje.

Isto agora é do *Popular*, na presente data:

«Affirma a *Opinião*, ácerca dos depositos da casa real, que é essencial acabar de vez com boatos que decerto são calumniosos e que encontram alimento no silencio do governo e das camaras e em certos factos que parecem inexplicaveis.

«Tambem achamos, e esperamos que o

governo esmague nas camaras os que an dam a propalar boatos de tal natureza, sabendo-ss á saciedade que a casa real está em situação embaraçada. O sr. João Franco pelo seu orgão assim o prometteu e o ha de cumprir. E' obrigação de todos os monarchicos exactamente provocar a exposição clara de todos os factos que tendam a provar que nada tem sahido, além da verba fixada no orçamento, para a casa real. E' pois necessario que tudo se esclareça.»

...Não ha nada mais parecido com a perfidia do que o excesso de lealdade.

---

15 de junho.

Já agora findará a semana com as apoquentações excepcionalmente aggravadas.

Falo das apoquentações economicas e da aggravante que resulta das discussões re-

centes, com ameaças de reducção no activo orçamental de cada um. A verdade é que o individuo habitua se ao meio de difficuldades a que o prende a má sorte, e ahi vae vivendo, ou morrendo; mas não convém sacudir-lhe a attenção para o exame das *origens e causas*, mais ou menos reaes, do seu infortunio.

Inconveniente para elle e para os outros.

*

Dizia-me ha tempos um alto funccionario, homem dignissimo, que falleceu ha pouco:

— «Meu caro, falla-me v. do *desgraçado* orçamento de um estabelecimento do Estado. Desgraçado a valer é o orçamento de cada um de nós — funccionarios, pequenos commerciantes, pequenos industriaes, militares de pequena graduação, etc. Aqui, onde me vê, ganho, pela folha de vencimentos, — uns cento e vinte mil réis mensaes. Com as deducções, recebo uns cem mil réis, *pouco*

menos. Agora, descontemos a amortisação da *divida* contrahida antes de attingir este logar. Accrescente as obrigatorias aparencias da minha posição social, renda de casa *decente*, sustento e vestuario de familia, educação dos filhos — e impossibilidade de accumular trabalhos. Eu, director geral, não posso revêr provas, dar lições, fazer escripturação de merceeiros, etc. Portanto, hei de *viver d'isto*. E' a morte, lenta e afflictiva. Diz-me v. que mais soffre o amanuense. Soffre o mesmo. Grande nau, grande causticação.»

*

Está-se soffrendo muito na *vida de Lisboa*. Ha ainda um recurso: não ter vergonha. Quer dizer: — calotear toda a gente. Hontem á noite, conversavamos n'isto, n'uma das praças publicas centraes da nossa Baixa, eu e um caturra dos meus tempos. Estugando o passo, em direcção a um café janota, passou um nosso conhecido, que vive

apoquentadissimo. E o meu companheiro de *cavaco* explicou me:

— Ali vae aquelle fazer o botequim. Está ali horas esquecidas, mas não sae sem *encostar* alguem.

— E não chega a fatigar os outros?

— Não. Só os envergonhados, os timidos, é que fatigam.

Tenho notado que alguns leitores effectivos me acompanham de bom grado na exploração dos interessantes annuncios do *Diario de Noticias*. Ora, ahi vae meia duzia d'elles:

*

«Actriz amadora. — Precisa-se, mesmo sem pratica, para theatro particular.»

Entendido. A pratica virá depois.
Ponto está que *ella* seja *amadora*.

*

«Senhores estrangeiros. — Ensinam francez, inglez e allemão Mensalidade 3$000 réis.»

Estrangeiros — mais nada?!
São acratas da Conchinchina.

*

«Fogueiro. — Offerece-se com 9 annos de pratica. Lisboa ou fóra.»

Diz-me Tiberio:
— Nove annos fogueiro — e não está queimado? E' que não se chega para o fogo.

*

«Magnifico negocio. — Para fóra de Lisboa e para negocio já montado, que dá de

lucros livres 180$000 réis mensaes, e para desenvolver dois outros de largo futuro que se acham paralisados por falta de capital, dando 90$000 réis mensaes em principio de exploração, precisa senhora, viuva, de socio ou socia com o capital de 1:500$000 rs. E' negocio da maxima seriedade e de muitos mais lucros do que os expostos.»

Eu já apanhei petisco assim. Foi nos lanificios, com o *senhor Ricardo* do Porto, ha 26 annos.

Se não fosse isso, petiscava hoje — da viuva.

*

«Rapaz. — Chegado da provincia, 15 annos, offerece se, casa particular, e de boas condições e muito fiel.»

Muito fiel? Dizia o velho perceptor, na *Irmã Anna:* — «Aposto que é mentira!»

*

«Offerece-se — Creada chegada da provincia, serviço de sala »

Chega da provincia e já quer ir para a sala.

Croia!

---

25 de junho.

Este mez, recheiado de dias santos e de estardalhaço, seria para mim insupportavel, se não coincidissem n'elle as festas dos Asylos — das creanças e dos velhos — dos que se preparam para a lucta da vida e dos que sahiram d'ella mal feridos. Em qualquer dos casos, — animação aos innocentes, ou consolação aos vencidos, — ha ali materia para contentamento de todos.

*

Falo de todos, referindo-me aos soccor-

ridos e aos que soccorrem, ou com o espectaculo saciam, porque mais não pódem, a sympathia que consagram aos infelizes. E agora me lembro eu, com um mixto de repugnancia e de despreso, de *um desgraçado* que a imprensa de varios paizes vem citando ha dias, com uma especie de veneração. E' o americano Rockefeller, possuidor de 24 mil contos por anno, ou 2 mil contos por mez, egoista até á perversidade, deixando nas luctas da pobreza a propria filha, com marido e filhos menores, e declarando n'um estribilho de maniaco — que ha de morrer com 50 mil contos de renda.

*

Dá ideia de um d'aquelles miseraveis Cesares romanos, execraveis como figadaes inimigos da especie humana. Mas o ricaço de hoje não tem sequer a *atenuante* da malvadez activa e com responsabilidade evidente. Dirá como todos os infames egoistas: —

que está no seu direito, governando o que é seu. E assim, *gosando* com a miseria dos outros, só um serviço presta, involuntariamente: — o de robustecer a ideia de que o Futuro terá de supprimir a hypothese de existirem semelhantes monstros.

*

As lagrimas que esse *respeitavel industrial* poderia enxugar, ou tornar impossiveis! E as alegrias que elle mesmo — melancolico e doente — poderia conquistar! Mas se tudo isso importa á variedade da Fauna!

---

26 de junho.

Deus escreve direito (já sabem) por linhas que não são direitas. Temos ás vezes de admittir em certos *acasos* a sua intervenção.

Vem hoje no «Seculo» desenvolvida noticia da prisão de 23 infelizes trabalhadores que no Brazil, tendo para lá emigrado, continuaram a lutar com a Fome — internacional e pertinaz. Fugindo á morte longe da patria, aqui regressaram clandestinamente, auxiliados por uns engajadores.

A *procissão*, hontem, composta de martyres famintos, ladeada de policias, fazia chorar, — com venia aos insensiveis catitas!

Mas — cá temos o caso — logo em seguida á lamentosa noticia do «Seculo»:

Exercicios em Tancos. Logo depois foi servido um almoço offerecido pelo ministerio da guerra — e fornecido pela pastelaria Marques.

«O *ménu* era o seguinte:

«Oeufs brouillés au fromage—Poulet sauté Richelieu — Foie-gras de Strasbourg en belle vue — Chateaubriand á la Bordelaise — Asperges en blanche sauce mousseline.

«Entremets: Puding royal sauce Madère —Bombe glace panachée.

«Dessert: Vins: Collares, Bucellas, Porto vieux, Madère et Champagne frappé — Café et liqueurs».

... E ainda ha quem emigre clandestinamente — com fome e contra a lei. Obnoxia comprehensão da vida!

*

Ainda agora, folheando eu a *Nova Floresta*, de Manoel Bernardes, ali se me deparou o seguinte discretissimo dictame (como lhe chama o famoso prosador), devido ao padre Manoel Rodrigues Leitão, fallecido no Porto em 1691. E' de perpetua *actualidade* e diz assim:

«*As leis são como teias de aranha: se cae n'elles uma pedra, rompe-as e fica ilesa; se cae uma mosca, ficou presa, e paga o seu descuido ou atrevimento. Assim os grandes zombam das leis: e o castigo de se quebrantarem fica só para os pequenos*».

Bello, E, salvo erro, já pude vêr isto reproduzido no livro *Lucta de gigantes*, de Camillo Castello Branco.

---

27 de junho.

Falei-lhes hontem n'um livro de Camillo — *Lucta de Gigantes*. Depois fui-me a procural-o e ali vi, effectivamente, o *discretissimo dictame* do padre Manuel Rodrigues Leitão. Por signal, diz Camillo — que o padre falleceu em 10 de junho de 1691, n'um dos quartos do *actual hotel do Cysne*. Ora, o nosso Mestre escreveu isto em 1865, — ha 40 annos. Eu estive hospedado no *Cysne* em 1877, — ha 29 annos; mas ignoro se ainda existe o hotel de meza farta e suculenta, onde eu paguei a 800 réis diarios o que hoje me custaria 2$000 réis com sacrificio do hospedeiro.

Vem isto a confirmar que está tudo pela hora da morte, e que não sei se é ainda *actual o hotel do Cysne*.

*

N'um intervallo, que eu abri na leitura de Camillo, vi n'um jornal um communicado de um sujeito ácerca da conveniencia de se abrir linha electrica para Caneças. Enaltece o homem com justiça, as virtudes hygienicas de Caneças e a difficuldade, por falta de conducção, de ir gozal-as, e diz:

«Quinze dias em Caneças bastam para alterar, augmentando o, o *pezo* de uma pessoa».

Pois sim, mas o *feitio* não soffre alteração. A prova está em que a *utilidade geral* serve para cobrir *interesses particulares*.
Não me digam que não!

*

Voltemos a Camillo:
Acabava eu de lêr notas relativas a de-

serções iminentes—de francaceos para Hintze e de hintzaceos para Franco, — quando se me deparou isto na citada *Lucta de Gigantes*:

«Seguiu se a appelação das penas para a sé apostolica. Porém, quando fr Diogo mandou pedir as assignaturas d'alguns provinciaes, que já duas vezes tinham engulido o vomito, soube que elles estavam bandeados com fr. Martinho». «Não me admirei — diz o Cesar na sua exposição — porque a condição do homem é triste; o poder aterra, e o interesse é uma espora. Não culpo o homem, culpo a humanidade. Tambem, á laia de manicheu, não entendo que a natureza seja pessima; o que entendo é que ella entrou em putrefação desde o peccado original».

Está certo.

1 de julho.

Bem vejo, como toda a gente, excluindo os *cegos*, que não vae propicia a quadra portugueza a assumptos de alta Litteratura. Outros assumptos prendem as anciedades, as esperanças e os terrores. Mas, emfim, para todos os desvios, ou caturrices intellectuaes sempre um homem pode contar com os seus tres leitores effectivos.

Aos quaes apresento as seguintes ponderações:

*

Vejo n'um jornal amargas referencias ao facto de n'um profundo silencio ter cahido o projecto do *monumento a Camillo Castello Branco*. Como é sabido, organisou-se nos paços do conselho, de Lisboa, uma grande comissão para tal fim, predominando n'ella a *camara municipal* e havendo-me eu limitado a chamar a tal caminho e a incitar para o cumprimento de tal dever —

a camara em questão, numerosos e importantes elementos intellectuaes e um certo interesse publico. Afastei-me quando vi chegar elementos commigo incompativeis, mas não com a ideia inicial. Da subscripção que pessoalmente eu abrira, entreguei logo a maior parte ao thesoureiro da comissão e espero a occasião propicia, para congratular-me — *ou para excitar de novo a opinião publica.*

*

Mas é preciso que a irreflexão precipitada, tão vulgar, entre nós, como a tendencia a um relaxado desanimo, não venha irritar os animos — causticando os com reflexões pungentes E é o que está acontecendo.

Ora, o projecto viu a luz em janeiro do corrente anno, — *ha 6 mezes.* Como desusada energia se lançaram as bases da realisação. A camara municipal officiou ás outras camaras do paiz, — pedindo-lhes, justa e

intelligentemente, que subscrevessem para o *monumento de Camillo*. De varios municipios sei eu — que se inscreveram para o anno economico de 1905-1907, que hoje principia, — pois que os seus orçamentos não permitiam extraordinarios. Ha o Brazil a contribuir: ha a nossa Africa; ha mil e um subscriptores *em cobrança*. E seis mezes depois de haver apparecido o projecto, já se berra pelo monumento. Eu não tenho procuração para defender a comissão, municipal e litteraria, a que não pertenço; mas as reflexões amargas dão vontade de rir, — salvo a vontade de virar costas. Pois não é aasim, compatriotas?

*

Resumindo: se fosse possivel eu viver o bastante para vêr *o monumento a Camillo*, grande satisfação eu poderia experimentar — dentro de dois ou tres annos. E' muito? Se eu tivesse feito com menos pressas a

minha travessia, é claro que mais e melhor poderia ver, — e com mais saude.

Não caustiquem os homens!

---

4 de julho.

Leio no *Dia*:

«Causou sensação e merece ser pensado o artigo de fundo d'hoje (2) d'*O Popular*. Duras verdades, expostas com muito relevo e deixando no espirito do leitor uma impressão profunda. Aos que o não leram recommendamos esse artigo »

Escapara-me o citado artigo sensacional. Fui vêl-o.

Testemunho darão os céus, se o quizerem, de que eu não reproduzo — não caio n'essa — o que de um partido diz outro partido. Todos são peccadores e já lá o dizia o Francisco d'Almeida aos zaragateiros de

Porto de Moz, quando, ha annos, administrador d'aquelle concelho:

— «O' rapazes! não se batam; decilitrem: somos todos portuguezes!» Salvo erro.

*

Mas o *Popular* diz, em regra, coisas de alto, para meditação alheia ao mexerico. Por exemplo:

I

«A indifferença, para não dizermos a hostilidade, votada ás instituições monarchicas, ao chefe do Estado e á monarchia, crescem a olhos vistos e de dia para dia, e este sentimento inquietador já vae passando dos grandes centros da população para as villas e para as aldeias, destruindo o apoio que a tradição offerecia n'essas localidades das provincias ás instituições monarchicas. Aqui em Lisboa é o que todos estamos presenceando...»

II

«O congresso republicano no Porto teve a importancia e a imponencia por todos reconhecidas e os jornaes vem de principio ao fim repletos das narrações da concorrencia, da qualidade e da importancia dos congressistas e das deliberações que alli se tomaram.»

II

(Vê no ar o projecto de tornar os circulos uninominaes, com garantia de representação effectiva de *todos* os partidos do paiz. Afflige o que sejam *todos* e explica a sua afflicção:)

«Assim, inevitavelmente, deverão ser no futuro proximo republicanos os que hão de representar os circulos de Lisboa, do Porto, de Beja, de Montemór-o-Novo, etc... pois que cada vez mais, por este meio, se ir-o alargando as aspirações e os exitos do partido republicano no paiz.»

IV

«Pelo mesmo motivo, as vereações municipaes terão de ser tambem republicanas, e ellas concentrarão na sua mão todas as forças e todas as dependencias que resultam da administração de tão importantes municipios. E tão evidente é este resultado dos planos do governo, que até já houve um jornal republicano, que é dos mais sensatos e dos mais dignos, que francamente previu, quando estivesse em execução o programma do governo, a necessidade de o chefe do Estado e a sua familia fazerem as malas e partirem, pois que a monarchia teria deixado de existir.»

*

Effectivamente, é sensacional... e não deixa duvidas sobre as intenções dos censores, dado que os destinos os montem, mais uma vez no cavalgadissimo paiz. Fi-

caes sabendo, caros e raros effectivos, que não seremos *todos* representados. Tambem, era o que faltava: representar os famintos e os comidos!

E o povo a adivinhar! Eu bem vos digo, ha um horror de annos, que é imprudentissimo deixar *os 80 a 90* % em frente das adivinhações. Muito bestas são os finorios, doce Jesus!

---

5 de julho.

A tal gratificação de cem mil reis mensaes tirada pelo ministro das obras publicas ao *absorvente* engenheiro Fernando de Sousa provocou a suspeita de que esse homem causticado se não resigne a situação. E' levar ao cumulo a ingenua depressão das crenças catholicas, do *absorvente* ex-filho de Marte — despedido por horror ao sangue. Eu me explico.

Foi em mais de um jornal que em tempos

sustentei a conveniencia de se construir a linha ferrea de Valença a Monsão e Melgaço — *via reduzida*. Appareceu então a advogar a *via larga* o ex dictador de Santa Cóca, padre Luiz José Dias, mettendo um *susto* infernal no timorato bojo do ministro das obras publicas, Paçô Vieira. E apoiaram-se os dois na *technica* do engenheiro Fernando — segundo a qual foi condemnada a *via reduzida* e preferida a *via larga*, que se não fará, ficando inutilisados e perdidos os capitaes já então empregados por uma empreza constructora. *Muito pão perdido:* em conclusão.

*

Frisando, de passagem, o facto de a administração de um ministro ser de tal ordem réles, que o põe á mercê das ameaças de um padre Luiz José Dias, quero insistir n'este ponto capital: que o dictador das engenhocas das obras publicas — o ex-filho de Marte, despedido por horror ao sangue — co-

brindo com a sua technica a *via larga* do ministro e o *susto* do padre, fazendo sangue nos que á empreza levaram capital, abriu contas com a Providencia. Digo-lh'o eu, que muito hei visto e meditado. O *córte* que o ministro Reymão lhe applica, com mão justiceira, sem haver *couraça* que o salve, é a escripta direita, por linhas tortas. E o cumplice do ex-dictador de Santa Cóca e do ex-ministro assustadissimo tem de chuchar, calado e resignado, a providencial sangria.

Para que saiba como ellas mordem!

*

Como ellas mordem: terminava eu, quando a attenção se me prende ao novo caso em que se affirma a *absorvencia* do ex-filho de Marte, despedido por horror ao sangue.

E' aquillo de o *cortado* peccador sacrificar a cidade de Setubal, tão sympathica e tão importante, ao Poceirão, na construcção do caminho de ferro do Valle do Sado —

em beneficio do lavrador José Maria dos Santos.

E não ha de castigal-o a Providencia — por intermedio do Reymão!

Bem sei. Queria para depois da morte. Já se não usa, por causa dos esquecimentos. Aqui é que se paga tudo.

---

8 de julho.

Releio, mais uma vez, uma proposta (sem inutil adjectivo) que o sr. dr. Antonio Coelho, presidente da commissão municipal republicana do Porto, apresentou ao recente Congresso, e destaco o seguinte:

«*Problema colonial.* — A solução positiva d'este problema é que ha de ser a redempção d'este decrepito paiz. Devemos consideral-o sob os seus multiplos aspectos, soccorrendo nos das leis sociologicas da colonisação moderna, postas ha muito tempo em

pratica pelas outras grandes potencias colonisadoras, principalmente a Inglaterra e a Hollanda.

«Concomitantemente tem de se estudar a emigração portugueza, no sentido de a dirigirmos para as colonias.»

Isto destaco da proposta, para recordar os seguintes factos:

Ha tempos, um ex-governador de uma das nossas possessões ultramarinas dizia-me, achando-se na opposição:

— «Estou morto por que volte a minha gente. Tenho grande precisão de uma colonia, *para a governar.*»

Chega a ser sinistro; mas ha mais descarado ainda. Vejam isto:

Um perpetuo aspirante a ministro dizia, um dia d'estes, a alguns amigos:

— «Se chego a ser ministro da marinha, vendo uma colonia e guardo o producto d'ella.»

E é capaz d'isso.

*

No Porto:

Em geral, os problemas apresentados pelo sr. dr. Antonio Coelho, na sua proposta, valem, só por si, a convocação de um Congresso, para discutil-os. A discussão impõe-se — para interessar e orientar o povo portuguez na *vida nacional*. E já não é sem tempo

Mas temos — diz-me um leitor attento — os *80 a 90* %.

Temos, e n'elles pensou o proponente, quando isto redigiu:

«*Problema pedagogico*, ou seja o problema intellectual e moral do povo portuguez.

«Urge resolvel o, não no sentido restricto, tradicional, empirico e metafisico, mas no sentido amplo. positivo, scientifico, philosophico e social.

«E' preciso substituir o ensino mnemonico, que só serve para envenenar a intelligencia, embotar a sensibilidade e enfra-

quecer a vontade, pelo ensino experimental que prepara o homem para os grandes conflictos da vida hodierna.

«N'uma palavra, o problema pedagogico não é uma questão de reforma de methodos. O estudo d'este magno assumpto deve estender se a todos os graus de instrucção: primaria, secundaria, superior, especial e technica.»

*

A materia da proposta a que me refiro já tem sido reimpressa por varias vezes; mas talvez mais uma reproducção interesse a mais alguns leitores d'esta chronica. E prosegue-se:

«*Problema juridico:*

a) Projecto d'um codigo civil, tratando todas as questões, sobretudo o regimen de propriedade, com o caracter e criterio scientificos e liberaes.

b) Projecto d'um codigo administrativo,

com orientação essencialmente descentralisadora.

c) Projecto d'uma constituição, em que sejam resolvidos ampla, scientifica e precisamente, todos os problemas de direito publico.

d) Projecto d'um codigo penal, não baseado nos velhos e absurdos principios de responsabilidade incondicional e livre arbitrio, mas nos principios de determinismo cosmico, biologico e sociologico.

«N'este estudo deve attender-se sobretudo á reforma medico-legal e á reforma do jury, lançando-se mão dos elementos positivos fornecidos pelas sciencias biologicas, principalmente a antropologia, a phisiologia, a psicologia e a psiquiatria.»

*

Congratulo-me com o benemerito trabalhador.

*

Com a sociedade é que me não congratulo — ao vêr este annuncio nos jornaes do Porto:

«Viuva de Felizardo de Lima. — Pede a todos os liberaes o favor de lhe angariarem trabalho para poder viver e crear seus filhos. — Rua das Antas, 27.»

O velho *Felizardo de Lima*, que morreu, ha pouco, no Porto, extenuado e miseravel, em lucta pela Republica... Como deve ser bom sahir da Vida!

---

9 de julho.

Escreve-me *um alfacinha:*

«Estando nós em epocha de esclarecimentos, permitta v. que lh'os peça, para

destruir ou confirmar boatos ácerca de dois assumptos interessantes e da sua especial competencia. Entende-se que falo apenas em nome do publico, muito dado a commentarios, infundados muitas vezes.

«Tenho ouvido discutir, com calor, o destino que levou a famosa custodia das Monicas, no valor de muitos contos de réis. Bem assim os quadros de Domingos Antonio de Sequeira, doados pelo grande artista ao convento da Cartuxa, onde está a Casa de Correcção outr'ora nas Monicas.»

*

Com todo o gosto e tambem com muitissimo calor (28 graus á sombra), esclarecerei os benemeritos caturras:

1.º — Quando em 1896, eu entrei ao serviço do Estado, nas Monicas, verberado por mil e um idiotas, dei-me á curiosidade de vêr a *famosa custodia*.

Já lá não estava. Fôra para o Rio de Janeiro (para a exposição), por ordem superior. Levou sumiço em terras de Santa Cruz, com outras preciosidades idas de Portugal. Fôra, nas Monicas, substituida por outra custodia, de prata, que ainda existe na Correcção. Pouco valerá em dia de apertos nacionaes.

Da *famosa* — não se sabe. Talvez esteja em chácara no Bota-Fogo.

*

2.º — Ninguem, até hoje, decerto experimentou mais ardente curiosidade (30 graus á sombra) de que eu, ao ser informado de que o grande pintor Sequeira brindou com algums quadros (ou cartões) o antigo convento da Cartuxa, e só descancei quando um meu velho camarada e amigo, critico de Arte e funccionario nas Bellas Artes, me disse:

— «Os trabalhos de Sequeira, de que v. fala, estão no Muzeu das Janellas Verdes. Comprou-os o Estado a um inspector das Bellas-Artes, um marquez que já morreu e que os tinha *achado* no Convento...»

*

Agora é que os caturras ficam *banzados*. E' para não serem curiosos.

---

10 de julho.

Tenho idéa de eu ja haver indicado aos meus leitores o *facto* que hoje indico ao sr. ministro da Fazenda.

E' aquillo de não ser contado para a reforma dos funccionarios civis o tempo que hajam servido no exercito.

Não falta, é certo, quem persuadido esteja de que para a reforma dos civis são contados os serviços militares. Foram-n'o,

até que um ministro da Fazenda—Marianno de Carvalho — ao salvar a patria pela terceira vez, pôz termo á disposição *escandalosa*, prevalecendo até hoje os embargos do salvador.

Devem ter notado que a Patria passa a vida a ser *salva*, como a Carta a ser violada. ***Sed non satiata!*** São de casta!

*

Pois é verdade, notei agora que se pensa em pedir a destruição dos embargos do Marianno. Recordo-me de que ha mezes, como quer que eu, no ministerio da Fazenda, pedisse esclarecimentos sobre tal assumpto, ali soube que o ministro da Fazenda de então — o sr. Espregueira — olhára com attenção e excellentes intenções para aquella miseria, esperando-se que elle procedesse. Era obra de dez minutos, de bom senso e de humanidade. O ministro nunca teve tempo — até que deixou de ministrar. Certo!

Recommendo o caso ao ministro de hoje. Vamos lá a ver...

*

Com espanto se referem jornaes aos seguintes factos:

— O sr. Ressano Garcia continua a receber os vencimentos de commissario régio junto á exposição de Paris, de 1900.

— O sr. José de Azevedo continua a ser ministro na China — á porta da Havaneza.

Dizia o já citado Marianno:

«Mettam-se com os proprietarios gordos, mais com os funccionarios gordos, e vão chamando o cangalheiro, para arranjarem caixão!»

*

A' sombra, ás 11 da manhã — 39 graus. Ponto final.

11 de julho.

Nunca se perdeu tão rapidamente, como agora, a recordação dos mortos. Pois não é que mais valham os sobreviventes Pelo contrario: em regra, em todos os dominios do saber humano e em capacidade mental, ha decadencia inilludivel e profunda. Houve tempo em que me afligia a consequente hypothese de grandes cataclismos sociaes e irredutiveis pela força humana; hoje, porém, não perco de vista o grande facto — a Morte — que ha de nivelar e liquidar tudo.

*

Vieram considerações assim, a proposito de eu vêr, no *Seculo* de hoje, a noticia de em Espozende estar para breve a inauguração de um monumento a Antonio Rodrigues Sampaio, filho d'aquella villa do Minho. O monumento é por subscripção publica, a qual, aberta nos jornaes de Lisboa e Porto.

atingiu a vertiginosa cifra de **274$000** (*duzentos e setenta e quatro mil réis*).

Só vi uma vez, frente a frente, o grande jornalista do *Espectro* e da *Revolução de Setembro*, e pela recordação inalteravel que da sua phisionomia conservo, supponho que lhe despertaria um simples encolher de hombros e um leve sorriso zombeteiro a previsão de, 24 annos volvidos sobre a sua morte, se apurar a custo, entre a sociedade portugueza **274$000** réis de consideração e de saudade — traduzidas em monumento nacional. Houve uma epoca em que a voz de Sampaio estrondeou tão forte que despertou na tyrannia o terror e em todos os tyrannisados a energia para a lucta. Depois, durante dezenas de annos, até ao dia *13 de setembro de 1882*, em que morreu, a sua voz foi a mais poderosa e temida. Foi nos seus dominios o Primacial.

*

Duzentos e setenta e quatro mil réis! Se

eu lhes digo que, n'este momento, sinto abrir-se a repreza das lagrimas. não lhes minto. Faz chorar um homem, palavra de honra, emquanto não chega a vez da abacial conformidade com a escorrencia fétidissima da gafaria social! ***Duzentos e setenta e quatro mil réis***, e está vivo o partido regenerador, que o teve por excepcional caudilho na imprensa e por chefe do governo, e não faltam milionários n'esse partido. Mas se *elles* sabem que 24 horas depois de mortos ninguem se lembrará d'elles! E' a revindicta dos chatos.

*

Que terrivel dia de calor!

---

12 de julho.

Não soffre duvida que se alguma coisa sei, finalmente é pelas razões que ao diabo assistem: — por estar velho. Como quer

que seja, não me falta, nunca, um leitor a consultar-me. Hoje por exemplo, pergunta-me *um dos tres effectivos :*

— «Aonde lhe parece que vae dar isto do João Franco?

*

Já não ha para mim perguntas capciosas ou sequer indiscretas. E nem ao menos grande trabalho material tenho para responder. Quando muito, recortar o que se segue, de jornaes de hontem :

I

Do *Seculo*, historiando o nosso parlamento :

«Resumindo :

«Em **trinta e nove** camaras eleitas, **só nove conseguiram escapar á dissolução.**

«Quer dizer : em **oitenta** annos de regimen constitucional, **trinta** vezes **correu**

risco a salvação do Estado e outras tantas foi preciso chamar **salvadores** que, por sua vez, eram **dissolvidos**.

II

Do *Popular*, aos regeneradores-liberaes:

«O melhor modo de tratar questões é no parlamento, não ha duvida, mas n'um paiz em que a constituição seja respeitada e em que o parlamento se reuna. Entre nós é isso, impossivel... pois ha muito que as côrtes não funccionam. Por isso o sr. João Franco pretende dizer coisas n'um parlamento... que talvez não venha a existir, para gloria dos tabacos e das instituições.

Depois queixem-se!»

III

Do mesmo *Popular*, sobre administração publica e processos do sr. João Franco:

«Não contestamos que, n'um caso ou

n'outro, elle não tenha completa justificação nos côrtes que applique, porque sejam manifestamente escandalosos e se não compadeçam com a geral penuria com que o Estado paga aos seus mais dedicados servidores, mas, postas de parte essas excepções, que não devem ser muitas, o resto dos córtes e das supressões de vencimentos mesquinhos a funccionarios que morrem de fome são realmente inapreciaveis vantagens para o thesouro e constituem uma verdadeira crueldade para o viver intimo de tantas familias».

IV

Do *Mundo*, n'um eloquente artigo de João Chagas:

«O sr. João Franco acometeu já os interesses da pequena burocracia e os dos jornaleiros. Esses submetter-se-hão, porque são interesses sem energia militante, sem partido e sem representação. Quando tiver

acommetido por egual os interesses, associados e defendidos até aos dentes, da alta burocracia, os dos magnates, os dos senhores, os dos influentes, os dos fanctores, o sr. João Franco sentirá o solo tremer sob os seus pés, e rolará no pó da sua chimera.»

V

Lembrando-me de Marianno de Carvalho, citarei d'elle:

«No dia em que um ministro pretender tocar na propriedade gorda, ou no gordo funccionalismo, póde encommendar a alma a Deus.»

... E tenho respondido.

*

E, pois que estamos em periodo de *tentativas*, não será máu que os ministros da Fazenda e dos Estrangeiros (supponho que

é isto com elles) olhem para o que hontem vinha no *Diario de Noticias*, escripto de Paris:

«Apresentam-nos aqui vinho do Porto. E que vinho, santo Deus! Uma mistela qualquer com assucar, com um tom de vinho de Collares, adocicado, preparado e repreparado em imitação muito trabalhada.

«Isto não quer dizer que se não encontre em Paris vinho do Porto bom, mas esse com o pomposo rotulo de «Imperial» ou cousa que o valha, custa 20 ou 30 francos a garrafa e não chega aos calcanhares do de 500 réis os 7 decilitros.

«Não sabemos, realmente, porque na nossa terra se não tem olhado para este assumpto, e não se tem introduzido em França os nossos vinhos, porque deve indicar-se que os direitos de entrada não são de fórma alguma exorbitantes.

«Ahi vae o exemplo:

«Alguem trouxe para Pariz duas duzias de garrafas de vinho do Porto e pagou,

áparte o transporte, é claro, numeros redondos, á razão de 100 réis os direitos d'entrada d'esse tão nosso apreciado licor, por cada garrafa.

«Assim, pois, como se vê, não é coisa que possa intimidar os nossos viticultores —o graude barranco da alfandega franceza.»

Mas, então, *trabalham* de graça, ou cortados, no estrangeiro, os nossos agentes commerciaes?!

---

14 de julho.

O orgão official do Vaticano, *O Observatore Romano*, publica o seguinte aviso aos fieis:

«Cahindo este anno á sexta-feira a solemnidade dos apostolos S. Pedro e S. Paulo (dia 29 de junho), o nosso Santissimo Padre Pio X dignou-se de dispensar da lei

ecclesiastica da abstinencia, para esse dia, os fieis de todo o universo catholico.

«Convidam-se todos os confrades da imprensa catholica a reproduzir este aviso em seus periodicos.

«Em vtrtude d'esta dispensa, na proxima sexta-feira não só é permittido o uso de alimentos de carne, *mas ainda* a mistura de carne e peixe na mesma refeição.»

...Pela parte que me toca, não me parecendo acto de coragem o alarde de independencia, no caso supra, não direi que sim, nem que não. Antes pelo contrario.

O que eu pretendo fixar no espirito das pessoas devotas, opulentas e caridosas, é que a maior parte dos catholicos deixarão de comer carne e peixe — não porque desprezem a dispensa, mas porque só dispõem de recursos para pagar a fome.

E' o que vos digo, boas almas!

Leccionando economia aos seus leitores, diz hoje um jornal de Lisboa:

«Todos nós temos por dever equilibrar a nossa despeza com a receita, de maneira que a decima parte dos nossos rendimentos constitua um fundo de reserva para as nossas doenças e despezas extraordinarias, com que não contamos.

«As pessoas que teem pequenos rendimentos, ou ordenados, acham em geral que isto não passa de uma theoria, de que desdenham, porquanto na pratica se lhes torna uma realidade impossivel.

«Ganhar-se pouco; prover-se a todas as nossas despezas e reservarem-se ainda algumas economias para attender ás exigencias imprevistas do dia de ámanhã?

«Como é que isto pode ser?

«Em primeiro logar, para se obter este resultado é preciso que cada um se restrinja a viver conforme as suas circumstancias, não querendo apparentar riquezas ou abastanças que não possue.

«A maioria das pessoas aspira sempre a passar aos olhos dos outros por possuir meios que na realidade não tem.

«D'ahi o desequilibrio financeiro inevitavel, de onde derivam as dividas, os emprestimos, as difficuldades e muitas vezes a desorganisação das familias, e até o desespero e as allucinações que conduzem ao suicidio, como infelizmente temos observado.»

*

Pois que se não sabe para que se está n'este mundo, porei de môlho as minhas barbas encanecidas.

Eu não posso *pôr de parte economias;* e não é porque eu pretenda fazer de ricaço. Por signal é vulgar dizerem-me, em minha casa:

«— V. anda cheio de nódoas e com o fato rapado. Até parece mal n'um homem como v.»

Não dou ouvidos, porque *os srs. Ricar-*

dos levaram-me tudo, e ainda pago compromissos de ha 20 annos — quando fui roubado.

E *gósto* muito de bacalhau, — não porque muito bem me saiba, mas porque é mais barato que os bifes.

Conclusão: não posso *pôr de parte.*

E sustento que a vida é cornea e retorcida.

---

15 de julho.

Tem-me dado para sincero e raro jubilo a noticia de que os poderes publicos do Brazil prohibiram ás pharmacias que aviassem receitas de Urbino de Freitas,

Um bravo ao Brazil; mas admiro-me de que o facinora não esteja a esta hora exercendo clinica, *com amendoas e clistéres*, em terras de Portugal. Em Africa foi elle recebido com enthusiasmo e acompanhado a bordo por *honrados chefes de familia.*

Naturalmente, o assassino de creanças

chegou a ter nojo do seu publico. Tem razão.

— —

Vejo n'uma carta do Porto ao *Diario de Noticias*, ácerca da Ida do sr. João Franco a essa cidade:

«Na minha opinião, a vinda ao Porto do conselheiro João Franco foi coroada de um exito brilhantissimo, como poucos homens publicos logram obter.»

Porque creio na sinceridade da opinião supra, lembrarei o seguinte:

Ha annos foi viajar pelo norte do paiz o sr. João Franco. Houve recepções cordeaes. De regresso a Lisboa, fallava-se da viagem e do seu exito, em presença de um companheiro de digressão do sr. João Franco, — homem de espirito, que esclareceu:

«— Palmas aos milhões. Votos nem um.»

Veremos.

— —

Pondera, dirigindo-se ao governo, *A Lucta* — que nas contribuições em relaxe, só nos 4 bairros de Lisboa, sobe a tres mil contos de réis o calote ao Estado.

«Se o governo se enthusiasma tão notoriamente com a famosa economin dos 200:000$000 réis, arrancados á magra bolsa do *pequeno funcionalismo*, o governo não pode olhar sem desvanecimento para uma cobrança de mais de **mil contos.**

«Na verdade, a divida de **tres mil contos,** quando tratada com cuidado, produzirá receita de **mil contos approximadamente.**

«Um bocadinho de trabalho para os juizes (que elles não engeitarão), regulamento em vigor, o *judicial* á vontade, os ministros surdos á empenhoca — e eis a cobrança a caminhar direitinha e veloz para os cofres publicos.»

*

Apenas um obstaculo, e á propria *Lucta* recorro para indical-o, citando este final do seu artigo:

«E — nota curiosa — na divida dos quatro bairros de Lisboa não collaboram, de preferencia, os pobres, pela simples razão de que esses, coitados, não teem automoveis, carros, cavallos ou creados, para commodo pessoal, nem são accionistas de grandes emprezas, ou donos de grandes estabelecimentos commerciaes, e muito menos capitalistas.»

E' esta *nota curiosa* que estorva a realisação da *cobrança*, como embarga a revisão das matrizes. Agora me lembro de que ha annos, na estrada de Bemfica, os beleguins apresentaram-se n'um palacete, para fazerem penhora, depois de um desaforado relaxe. Vieram corridos pelos creados da casa.

e o devedor ao Estado reclamou policia para prender os beleguins se se atrevessem a reapparecer. Não se atreveram.

Foi com Barjona de Freitas.

*

Referindo-se ao dr. José Frederico Laranjo, diz um dos orgãos do partido progressista, em Lisboa:

«Lente dos mais distinctos e sabedores do nosso paiz, parlamentar erudito e eloquente, conhecendo a fundo as mais graves e diversas questões de administração publica, trabalhador indefesso, que tudo deve á propria intelligencia e ao proprio esforço, elle reune a todas as qualidades um grande e generosissimo coração e um nobilissimo caracter. Todos os seus correligionarios o estimam e admiram, todos os que militam na politica portugueza o consideram e respeitam. Ultimamente, foi acom-

mettido por uma grave doença. N'essas horas dolorosas é que todos os seus puderam avaliar a somma de dedicações e de affectos creados n'uma vida cheia de honra, de dignidade e de serviços ao seu paiz por José Frederico Laranjo, por cujo restabelecimento o paiz inteiro formúla os mais ardentes votos.»

...Exacto. Por isso nunca foi a ministro.

---

16 de julho.

Já de ha muito lhes dei a conhecer aquella conclusão magestosa do Conselheiro Encravadissimo — que o diabo tenha seguro: — «Sopra um vento de insania!» Acho que está certo.

Que está certissimo, se admittirmos a collaborar na *insania* uma provavel imbecilidade, parecida com o mais requintado descaramento — resultante, nos inferiores

em posição social, dos obnoxios exemplos de cima.

Não é outra a coisa. E digo-vol-o, a proposito do seguinte:

*

Uma das classes mais *simpathicas* do nosso meio — a classe dos vendedores de leite — reuniu-se hontem, mais uma vez, em associação, e produziu o seguinte, que vem nos jornaes noticiosos de hoje:

!

«O sr. presidente declara o fim da reunião, que é o seguinte:

«Ha actualmente duas fiscalisações de leite completamente independentes uma da outra: é contra este estado de coisas que a associação se revolta.»

...Estão-se a rir? Esperem um pouco. Vão lendo:

II

«Já por diversas vezes nos temos dirigido aos governos transactos, mas o que temos recebido é promessas e nada mais. E' preciso, diz o orador — que isto se regularise por uma vez.»

...De cahir, não haja duvida. Mas vão vendo:

III

«Agora que o sr. presidente do conselho declara publicamente que deseja legalisar todos os serviços, não devemos deixar passar esta opportunidade sem apontar a s. ex.ª os vexames e prejuizos que estamos soffrendo com esta dupla fiscalisação.»

...Não falta nada: razões economicas, razões politicas, indignação e *piadas*. Ao resto, que já estamos, ás 11 horas da manhã, nos 26 graus á sombra:

IV

«Nem o estado lucra, pelo contrario, perde, porque com duas entidades differentes o pessoal tem fatalmente que ser duplo.

«Um patrão (o Estado) não deve ter duas fiscalisações no mesmo genero.

«Fallaram ainda varios socios, sendo todos de opinião que no mais curto espaço de tempo se iniciem os trabalhos, fallando-se a um advogado para auxiliar a collectividade nas suas pretenções.»

*

Não ignoram as donas de casa, e, se o não sabem, eu lhes digo — que não ha genero alimenticio mais falsificado do que o leite — tão util ás creanças, a grande numero de enfermos e, em geral, á economia domestica. No Porto, lembro-me, as vendedeiras de leite fogem a quatro pés,

quando avistam um agente da fiscalisação — para que se não averigúe a sua honestidade commercial. Em Lisboa os vendilhões conduzem vaccas, mugem-n'as, mas levam agua em bilhas, para, sem o comprador dar por isso, augmentarem o leite. E cá e lá chamam *gulosos* aos compradores desconfiados. E' quasi regra geral.

E estão fartos de fiscalisação. E appellam para o sr. João Franco. Eu não posso mais. Que me dizem aos **fréguezes**?

Só a raça, quasi extincta, do *pae-avô*, comprehenderá a alegria que experimentei, ao sahir approvado o *Raul*, no seu primeiro exame. E justamente me despertou o caso a recordação do que me aconteceu — era eu creança. Fiz exame, com certo zelo e brilho, e vim para casa satisfeito commigo e com o proximo. Ouvi então, para fechar a abobada: — «Essa historia de exames ha de servir de muito.»

Não quero dizer que de muito me servisse a historia dos exames, mas serviu a historiu dos commentarios domesticos. Dizia-me, ha pouco, um ex-condiscipulo na infancia — o Carlos Jorge: — «A verdade é que nunca te vi rir.»

Ha tantos meios, simples, de *desgraçar* a gente, logo em pequeno!

*

Quanto ao *Raul*, elle veiu dizer-me que, na escola, a maior parte dos meninos desejavam que todos ficassem reprovados e que, ao saberem do resultado agradavel de um exame, diziam que era por empenhocas. Queria o *Raul* que eu lhe dissesse se pela vida adiante a gente que se encontra é assim — tão malvada.

Para não o assustar á entrada na Vida, attenuei, quanto possivel, os esclarecimentos tristes, o que não impediu que o *Raul* me dissesse, com um ar de quem monologava:

— «Mesmo assim, vale a pena de nascer!»

... E' um tratado de Philosophia, hein?

*

A proposito de tudo isto disssertavamos horas depois, n'um carro electrico, o nosso illustre mestre d'armas Antonio Martins e eu, e dizia-me esse meu interlocutor:

— «E' verdade: o Mal e a Amargura são as unicas coisas *certas* na Vida: o mais só apparece por acaso. Cá estou eu que me diverti demais na mocidade, o que muito estimo. Ao menos entrei pelas illusões e não sou *comido*.»

Era talvez isto o que eu ouvi um dia a Fialho d'Almeida, nos seguintes termos:

— «O que eu sinto é não haver entrado mais pelo marisco!»

*

Isto não está nos livros. Está em nós e

vem cá para fóra como um coelho a fugir de um furão. Na lura humana, o furão vem a ser a Desgraça.

---

18 de julho.

De ante-hontem para hontem, reza a chronica de Lisboa, houve mosquitos por cordas no sitio da Junqueira, entre a policia e, contra ella, militares e povo. De parte a parte houve bordoada de cego e extraordinario desenvolvimento de energia. Foi a proposito, ou a pretexto, de umas prisões de galuchos insolentes. Bem empregado valor!

Tambem no Colyseu dos Recreios, todas as noites, ha scenas de *campeonato de lucta*, derivadas hontem a *bordoada livre* — por decisão do publico. A auctoridade parece empenhada em deixar expandirem-se as energias populares, em espectaculos de brutalidade. E facilmente se comprehende que as touradas sejam, em Hespanha, indispensaveis — como derivativo.

*

Hontem á tarde, dizia me no Chiado, ao desfilarem trens cati'as, um amigo meu, funccionario do ultramar, com licença em goso na metropole:

— Veja v. em meia hora, que de *cortados* não tem passado por aqui! Falo de *traductores officiaes* e de *apalpadeiras*, — tudo cruelmente apalpado pelo infortunio pelintra. São como aquelle cidadão — gato da alfandega e viuva. Faz chorar e faz rir; e a você?

— Nada! Estou como o velho Teixeira de Vasconcellos — o Antonio Augusto — que me dizia: — «Este mundo não é bom nem mau. Tal como está, é para quem gosta. Quem não gosta vae-se embora.»

*

Pergunta-me *um amigo velho* — se não ha inconveniente em falar sempre na Revolu-

ção, na Republica, etc. Se não perde assim vigor o elastico — á força de pucharem por elle...

Ha opiniões. Haverá trinta annos dizia-me o grande revolucionario hespanhol Fernando Garrido:

— «Quando não houver mais que fazer, podemos ir escrevendo em bocadinhos de papel a palavra *Republica* e deital-os á rua. Sempre desperta a attenção dos viandantes para a tal palavra. Não se perde tudo.»

---

19 de julho.

Dizia-me, ha bons vinte annos, Camillo Castello Branco:

— «Escusam de ralar-se estes sujeitos, para me deitar abaixo. O primeiro romancista de S. Miguel de Seide sou eu.»

Eu estabeleci que sou o mais distincto es-

criptor da minha rua. Era-o ao tempo na rua da Piedade, a Campo d'Ourique, e continúo a sêl-o — na travessa da Palmeira.

Vem isto para explicar o meu acordo com as classificações, ao parecer exageradas, de *escriptor distincto*, que por ahi correm mundo. Não tenho duvida em affirmar que, só nas dezenas de freguezias de Lisboa, reconheço a existencia de uns mil escriptores distinctos, — cada um na sua rua.

*

Todos elles com direito á vida: a escrever, por exemplo, por conta do Estado. Se ha especiaes direitos, estão elles na *necessidade* que a uns opprime e que outros desconhecem. Cá estou eu e outros *distinctos*, para quem esse trabalho representaria o *pão*. Para outros representa mais umas camisas de seda, ou mais uns mezes n'uma estação balnear catita. Por exemplo, vejo agora nos jornaes:

«O governo suspendeu uma mensalidade que, pelo ministerio das obras publicas, recebia o sr. Carlos Malheiro Dias, para escrever o historia das industrias no tempo do marquez de Pombal.»

... Se alguma coisa me satisfaz, n'esta noticia é a convicção de que o *córte*, funesto á historia das industrias, não prejudicou o distincto escriptor, *cortado* — no seu pão e no de seus filhos.

E d'hora a hora Deus melhora. E' verdade que tambem peiora.

*

E' infatigavel o servilismo patarata. Ali temos a colhêr assignaturas, em Paris, uma mensagem academico mundana dirigida ao reisito hespanhol e a sua mulher, a pretexto da bomba de que os livrou a sorte. Diz assim o lambido documento, devido ao romancista Lotti:

«Agora que a paz desceu sobre os mortos de 31 de maio, as mulheres francezas sentem-se felizes que, do criminoso attentado, resultasse levantar-se, para aquelle cuja morte se preparava, um immenso movimento de sympathia até mesmo entre os indifferentes e os hostis; e as manchas vermelhas sobre o tão lindo vestido de desposada, essas manchas de sangue humano, parecem-lhes sobretudo uma especie de mysterioso e magnifico baptismo, mais imponente do que todas as sagrações, e demonstrando melhor, que todas as lições de historia, a esses soberanos quasi creanças e aiuda em pleno sonho de amor, a grandeza tragica dos régios destinos.»

... E aqui está o que o tragico acontecimento — tragico nas origens e nas consequencias — inspira áquelles banaboias: dissertações sobre o *lindo vestido da desposada*.

Cá e lá.

*

Referindo-se ao ultimo episodio Dreyfus, diz *O Popular:*

«Como, aliás, era de prevêr, a proclamação da innocencia de Dreyfus desencandeou a mais temerosa das tempestades, tanto no parlamento como na imprensa: invectivas, duelos, escarneos, insultos, promessas de represalias, um lavar de roupa suja em pleno centro de civilisação — uma escuma negra e fétida que vem agora á tona da publicidade.»

E conclue:

«D'esta questão Dreyfus, póde tirar-se uma moralidade consoladora: a humanidade tem melhorado consideravelmente!»

... Tem. Mas não quer que se saiba.

21 de julho.

Muito ganhamos todos, quando eu substituo pela prosa *d'elle* as minhas banalidades, — a custo escriptas, como o attesta a minha caligraphia — um dos espelhos da alma. Hoje, muito fatigado, dei-me a reler paginas suas, e d'ellas transcrevo o seguinte:

«Eu é que conheço a Samardan, desde os meus onze annos. Está situada na provincia transmontana, entre as serras do Mesio e do Alvão. Nas noites nevadas, as alcatéas dos lobos descem á aldeia e cevam a sua fome nos rebanhos, se vingam descancelar as portas dos curraes; á mingua de ovelhas, comem um burro vadio ou dois, consoante a necessidade.

«Se não topam alimaria, uivam lugubremente, e embrenham-se nas gargantas da serra, illudindo a fome com raposas ou gatos bravos marasmados pelo frio. Foi ali que eu me familiarisei com as bestas-féras; ainda

assim, topei-as depois, cá em baixo, nos matagaes das cidades, taes e tantas que me iriçaram os cabellos.»

*

E mais:

«Fiquei n'isto, n'este nada até aos trinta e sete annos.

«Era tempo de acabar, muito antes d'esta idade; mas cá dentro, na alma do homem, sejam poucas ou muitas, temporans ou serodias as rugas que estão mentindo fóra, o tempo não se computa com a certidão do baptismo... A alma não é da razão.

«Agora, sim. N'estes baloiços da minha borrascosa vida, já não vejo estrellas. Está deante de mim um ponto escripto para onde todos os ventos me atiram.

«Já não quero saber do timão nem da agulha. Aquelle ponto negro é a sepultura: o esquecimento. D'esta pequena distancia em que estou, vou atirar para lá com os

meus ultimos *versos;* é bem que elles vão adiante de mim.»

... Pergunta-me um leitor ingenuo — se isto é de Camillo. Pois de quem póde ser senão d'elle?

*

Acabo de vêr desfilar o bando precatorio dos empregados publicos expulsos. E' o primeiro que assim vejo: *directo*, *pessoal*, pedindo para si. Esta feição dolorosa tira todo o pretexto para o julgarem espectaculoso, etc. E' devéras commovedor o que ali se vê e o que adivinhamos occulto: — o que vae pelos lares domesticos d'aquella gente desventurada.

Produziu apenas uns *cento e quarenta mil réis;* mas importa suavisar *as duvidas* dos maus. Já o disse o *bom* Lafontaine:

A formiga nunca empresta,
Nunca dá: por isso junta.

Esqueceu-me de todo — ser formiga!

25 de julho.

Um banal assumpto, que decerto conhecem os meus amigos de Cerva e de Mondim, e que me era completamente desconhecido: é aquillo que no *Popular* vejo nos seguintes termos em referencia a projectos do actual governo:

«Tambem promettem tornar os ministros responsaveis, como se elles o não sejam já e o não tenham sido sempre, e ao parlamento não assista o direito de lhes tomar contas dos seus actos e de fazel-os julgar se delinquirem.»

Vêde vós o que resulta de andar um homem por fóra d'este mundo: eu suppozera sempre que a *responsabilidade ministerial* era lettra morta, ou facecia para inglez vêr. Promover a accusação de um ministro delinquente? Já viram? O que? Não tem havido delinquentes? Se lhes parece, digam que fui eu!

*

Aqui temos nós, abaixo dos ministros completa *irresponsabilidade,* quando, ha annos já, a capital do reino julgando-se roubada, formula accusações nitidas e cita nomes, quiçá de excellentes pessoas. E' a proposito das carnes exangues que para ahi emporcalham, mas não sustentam... os compradores. Ha annos que se ouve:

— «Um conto de réis por dia!»

— «E não ha uma syndicancia!»

*

E' opinião geral que alguem faz um conto de réis por dia, ou muito mais. O falatorio é geral, na imprensa vão cobras e lagartos; mas não ha quem officialmente faça investigar, verificar, apurando que ha miseraveis ladrões, ou vilissimos difamadores! E não me digam que não ha lei para julgar simi-

lhantes patifes. Já o Montesquieu o dizia: — «Não ha más leis; o que ha é má execução.»

---

26 de julho.

Acabo de receber, do Ex.mo Sr. Dr. Antonio Coelho, a seguinte carta, que na integra reproduzo, aproveitando a permissão concedida:

«*Ill.mo Ex.mo Sr.*

«24 — 7 — 906.

«A proposta sobre o estudo dos problemas da vida nacional, que apresentei ao ultimo congresso republicano, foi apreciada por V. Ex.ª, na carta de 10 de julho para a *Voz Publica*, em termos altamente honrosos e eminentemente amaveis, que agradeço a V. Ex.ª, mais uma vez.

«Devo, porém, dizer a V. Ex.ª que estou devidamente informado de que alguns dos seus muitos leitores affirmam que o meu

trabalho foi cruelmente ridicularisado por V. Ex.ª, na referida carta para o diario republicano portuense.

«Não querendo nem devendo (já por V. Ex.ª, já por mim) deixar ficar de pé este conceito erroneo, rogo a V. Ex.ª a superior fineza de, n'uma das suas brilhantes chronicas para o citado jornal do Porto e logo que possa, fazer qualquer referencia a este equivoco e de dar as explicações necessarias, no sentido de levar luz, muita luz ao pobre cerebro das santas creaturas, que não comprehenderam a critica de V. Ex.ª á minha proposta apresentada ao congresso.

«Se precisar de publicar esta carta, parcial ou integralmente, tem a minha auctorisação.

«Esperando de V. Ex.ª este grande obsequio e pedindo mil desculpas da massada, subscrevo-me com a maior consideração

«De V. Ex.ª

«att.º venerador e grande admirador,

«*Antonio Coelho.*»

*

Ao estimavel cavalheiro e respeitavel cidadão direi apenas que ha perto de 40 annos principiei a encontrar d'aquellas *santas creaturas* (como S. Ex.ª diz), e que tão réles importancia me merecem as que hoje existem, que só a consideração que me merece o Ex.mo Sr. Dr. Antonio Coelho me obriga a pensar n'ellas por um momento...

Pensei, com muito nojo; e adeante!

---

27 de julho.

Vi hoje celebrada em dois jornaes a memoria do fallecido cardeal Americo, bispo do Porto. Consoante a celebração, o finado Americo, vem a ser um fr. Caetano Brandão, ou um fr. Bartholomeu dos Martyres. Não o foi, nem eu consentirei, com o meu silencio, na deploravel mascarada. Vá uma simples nota.

*

Eis o que eu escrevi, em 1880, como aditamento á 3.ª edição do meu opusculo *Os Jesuitas, cartas ao bispo do Porto*:

«Um facto recente, o suicidio do abbade Tavares (vid. a imprensa do Porto, agosto ou setembro do corrente anno), veio pôr em relevo a situação do baixo clero não contaminado pelo espirito do Jesuitismo. O abbade Tavares exercera, como sacerdote illustrado e digno, durante trinta annos approximadamente, a sua missão de paz e caridade. Ao cabo d'este periodo, é a sua competencia submettida a um exame sinodal. O padre não era um *Barroso*, entidade simbolica, nem uma d'essas abjecções que por ahi vivem na espionagem do paço episcopal, depois de haverem manchado o Seminario com as suas proezas de Ganymedes sordidissimos: — O Porto sabe. O resultado do exame foi, *pois*, desfavoravel ao

venerando sacerdote, e, collocado este em face do terrivel dilema - a carreira manchada pelo desamor do prelado, ou o abandono d'essa carreira, — evitou o dilema, suicidando-se.

«Havia dez annos que outro padre illustrado e honestissimo — João Bonança — evitara o exame *e as suas consequencias*, cortando violentamente a sua carreira immaculada. D'essa vez, como no caso do abbade Tavares, era ainda *Americo Ferreira dos Santos Silva*, o perseguidor.

«O exame sinodal é a gargalheira que prende o sacerdote austero e alheio ás intrigas de cima, ao bel-prazer tiranico do prelado faccioso e vingativo. Já não atiça o lume das fogueiras — a excellencia reverendissima. Mas hoje, como hontem, a purpura sagrada retinge-se no sangue dos rebeldes. Que monta, porém, a torpeza sanguinaria á consciencia dos prelados? A Igreja tudo absolve e purifica; ata e desata, e no Céo destroem-se ou apertam-se, por egual, os laços que ella deu ou destruiu.

«O baixo clero, sob o jugo de ferro que lhe esmaga as aspirações honradas, não tem recursos de defeza; tem-n'os de contemporisação.

«O exemplo está aberto na impunidade que os *escandalosos* encontram de par com a protecção. A porta está aberta. Que os *Barrosos* timoratos cobrem animo!

«O Porto tem sido nos ultimos tempos, sob a direcção espiritual de Americo Ferreira dos Santos Silva, o valhacouto dos mais negros conspiradores contra a Liberdade. Ao virtuoso Americo devemos essa irrisão. Ha ahi uma «Associação Liberal», composta de honrados cidadãos, de boas intenções dotados: mas não seria tempo de traduzir em factos as intenções? E o que se entende por factos? — Promover o ensino liberal contra o ensino jesuita; estabelecer a propaganda liberal contra a propaganda jesuita; vigiar as maquinações da *Catholica* e do *Paço Episcopal* e denuncial-as aos governantes; no caso de indifferença nas espheras governativas, appelar

para as reuniões publicas, para o espirito liberal do povo portuense e compelir os governos ao cumprimento do dever: o Porto tem força para tanto.

«A' cruzada — se é tempo ainda!»

*

Foi em 1880 que eu isto escrevi. Ha vinte e seis annos. Dá me grande saudade a lembrança d'aquelle tempo: isto é — de uns homens que já lá vão.

---

30 de julho.

Vejo impresso que o governo cuida em supprimir o cruel imposto de consumo em Lisboa — e que tal medida é execrada como *eleitoral*.

Deus a traga! — digo-o eu, que tenho visto, *graças* ao tal imposto, — alastrar-se a Fome na capital. Não será isto politico, mas é o meu modo de vêr — e de sentir.

*

E a proposito me lembro de, uma vez, ha 30 annos, me haver dito um vivente chamado Carrilho Videira, ao vêr-me dar um vintem a uma velha faminta:

— «Não dê nada a essa gente, que é o meio de se revoltarem os famintos!»

— O que?! Pois você conta com a revolta das velhas?!

— «Não; mas com a indignação *publica*.

— E, no entanto, morrem os *particulares*.

— «Você não entende nada d'isso!»

... Já lá vão 30 annos. Creio que estou na mesma.

---

3 de agosto.

Ponderava eu ainda agora, na Arcada, a um politico de cabellos brancos:

— Olhe que é desconsolador, para os amigos de ***qualquer partido de governo***, vêr

os homens que esse partido opporá aos adversarios. Em regra, é de um homem entupir!

—Precise lá!

—Por exemplo...

—?

—Em Braga. Não sei se já sabe...

—Sei. E' proposto o visconde da Torre, um raio de eloquencia, que foi inventado director geral e que não dá um amanuense em termos! Mas, sahindo d'aqui para a generalidade, que lhe parecem as eleições repetidas, sobre dissoluções de governos—e de partidos? E' o carissimo dinheiro—a exgotar-se, e é a desvergonha civica—alastrando-se. Você sabe o que me faz lembrar este povo?

—Eu não sei.

*

— Você tem visto, perguntei eu ao outro velho, — um boi a levar picadas de aguilhão—para andar—e bordoadas no focinho para estar parado?

— Parece-me que tenho visto, mas não dei...

— Não deu attenção?

— Justo.

— Pois vale a pena. A expressão desorientada da physionomia do boi é quanto ha mais proximo da loucura.

— ?!

— E' o que lhe digo. Faz lembrar este povo!

*

Colligir documentos da desorientação geral: a isto póde hoje reduzir-se a obra do annotador de consciencia. E está em quasi tudo a desorientação, que parece requintado descaramento.

Agora, por exemplo, vejo nos jornaes uma carta que lhes dirige um *homem do leite*, secretario da Associação dos Proprietarios de Vaccarias de Lisboa. Do parlamento leiteiro sahiu este naco de prosa:

«Os proprietarios de vaccarias não pedi-

ram que cesse a fiscalisação do leite por parte do ministerio das obras publicas, da qual não teem razão de queixa.

«As leis e regulamentos fiscaes é que carecem de ser modificados, e n'esse sentido está trabalhando a Associação dos Proprietarios de Vaccarias.»

Deduz-se que as obras publicas não incommodam os leiteiros e que estes tomaram á sua conta fazer entrar na ordem a fiscalisação, mais importuna, do ministerio do reino.

Está certo.

---

9 de agosto.

Deve um leitor effectivo das minhas banalidades ter notado, ha muito, que eu passo a vida a recordar-me. — Estava-me agora lembrando.

Pois é verdade, lembrava-me eu agora de ha annos se haver produzido no estrangeiro

um inquerito, plebiscito, ou mixto de taes coisas, ácerca da vida futura, — de além-tumulo. Consultados os Francezes, foi uma vergonha: ninguem, pelo visto, pensára, em França, no grave assumpto. E' claro que por muito que se pense nada se adianta; mas é muito reles a abstenção absoluta da preocupação. Foi muito ridiculo — e significativo.

*

Com a inesperada evolução politica d'estes ultimos tres mezes, em Portugal, tem-se dado coisa similhante. Chega a affrontar me a força e a generalidade da inepcia e da incuria. Ninguem suppunha que pudesse haver embargos áquillo que arripiava os carecas. Diziam todos, os calvos e os guedelhudos: — «Isto não póde continuar! Nem deve!» Subitamente, produz-se desarranjo na machina, estorvos no funccionamento; e todos gritam: — «Temos agora modas novas?! Grande pouca vergonha!»

Até o Manuel Luiz me disse, ha dias, no Chiado:

— «Ia tudo tão direitinho!»

E sinistro.

*

Frases indignadas, e acabou-se. Não vejo um esboço, sequer, de organisação de resistencia, por parte dos descontentes monarchicos — o maior numero. Porque? E' claro: porque *ninguem esperava*. Mas em que pensava esta gente? Agora me estou eu lembrando... de 19 de maio de 1870.

Na vespera governavam os Historicos. De noite marcha o Saldanha sobre a Ajuda, e terra com o gabinete! Pela manhã, o governo com o Saldanha, e o paiz inteiro pôz se a rir. — «Diabo do velho: tem coisas!»

O velho era o marechal.

Ainda tinha coisas. Hoje...

*

Que diabo deixará de vir ámanhã?

10 de agosto.

Será difficil encontrar-se a gente n'uma terra onde tanto se minta como a terra portugueza. A proposito d'isto me escrevia recentemente uma nossa illustre collega, benemerita da instrucção e da educação das creanças — e não qualquer *bas bleu* de camaradagens patuscas: — «Desejo muito averiguar quaes são os vicios de caracter que a educação mais facilmente melhora. O peior e o mais incuravel parece-me o da *mentira*. Não será? Como tenho muito odio a esta *senhora*, queria até um sanatorio, ou melhor um lazareto, para pôr de quarentena as pessoas atacadas d'este mal.»

*

Reproduzo estas ponderações do elevado espirito de D Anna de Castro Osorio, — ao recolher-me a casa, após algumas horas de convivio patriotico — por obrigação e por de-

voção — com varios ornamentos conspicuos do meu sexo. O numero de pêtas, algumas de perigoso alcance e quasi todas de absolucta irresponsabilidade, que eu ouvi, reservando-as cautelosamente para *segundas leituras*, é de arripiar, ou para desfalecer. Involuntariamente, irresistivelmente, grande parte dos nossos compatriotas dá-se a phantasias, a exageros, a deturpações, a calumnias — n'uma palavra, a perversidades mansas, que dariam bravas consequencias n'um meio mais refractario á intriga e ás infamias do soalheiro.

Escrevia-me em 1876, de Madrid, Ventura Ruiz Aguilera: — «O que me assombra é a impunidade que em Portugal disfructam factos da vida social, que em Hespanha produziriam catastrophes.»

Ha trinta annos. Já muito relaxados, hein?

*

O que eu ouvi, ora sustentado pertinazmente, logo abandonado, ás primeiras con-

testações, referia-se — ás proximas eleições, a projectos progressistas, a consequentes esperanças regeneradoras, a desusada tibieza do rei, a corrupção de varios pelo *homem das carnes*, ao imposto de consumo — que virá, ou não — ao conflicto de dois officiaes de marinha, como novo symptoma de miseria disciplinar, á direcção geral de instrucção pnblica, a *via larga* e ao *susto* do Gungunhana da Santa Cóca — esfarelado pudim de verdasco, do simonte e de maus pensamentos...

*

Vou revêr a lista, para as annotações cautelosas.

13 de agosto.

Vejo entre os candidatos a deputado por Vianna do Castello — o *padre Luiz José Dias, independente.*

Attesto que o não ha mais desprendido de qualquer costume ou sentimento agradavel. Aquillo é a *independencia* absoluta em face da lealdade, da gratidão, da abstinencia, do asseio, etc. O que elle quer é *via larga*, verdasco, simonte e campo de manobras para o *susto*.

Só falta ver quantos eleitores assim *independentes*, vem a dar o circulo por onde elle se propõe. Vamos lá a ver, de mão no nariz!

*

A proposito... deixem-me destacar uma pagina de Jacinto Freire d'Andrade. E' da *Vida de D. João de Castro:*

«Mandou vir a si o governo popular da

cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de São Francisco, a fr. Antonio de Cazal, a São Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda d'el-rei, a quem fez esta fala:

—«Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vice rei da India faltam nesta doença as commodidades, que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho e empenhei os cabellos da barba para vos assegurar; não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve n'esta casa dinheiro com que se comprasse uma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos do seu rei: e não é de espantar que esteja pobre um pae de tantos filhos. Peço-vos que emquanto durar esta doença me ordeneis da fazenda real uma honesta despeza, e pessoa por vós determinada, que com modesta taixa me alimente».

«E logo pedindo um missal fez juramen-

to sobre os Evangelhos, que até á hora presente não era devedor á fazenda real de um só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeu, mouro ou gentio; nem para a auctoridade do cargo, ou da sua pessoa outras alfaias que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata que no reino fizera havia já gastado, nem tivera jámais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama viam: só a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida d'algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia mandassem fazer um termo, para que se em alguma hora se achasse outra coisa, el-rei como a perjuro o castigasse.

«Esta pratica se escreveu nos livros da cidade, a qual se poderá ler como instrucção aos que lhe succederam, nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva que o exemplo.»

... Decorrem tres seculos e pico, e temos ahi reproducções de D. João de Cas-

tro, aos milhares. Aquelles dizeres tanto podem ser de *Castro forte* como de *Paçô Vieira* ou de *Cypriano Jardim.*

*

O illustre estadista da narigueta, Necker Periquito, anda a chorar atraz dos republicanos (previne a *Lucta*), pedindo-lhes votos, como victima do sr João Franco.

Ora, ali está um bello *córte* a fazer: um metro de nariz, para o escabeche ao padre!

---

15 de agosto.

Leio esta horrivel coisa nos jornaes noticiosos de Lisboa, — tanto mais horrivel que não se faz caso d'ella:

«*Sabbado, 11 de agosto.*

«Suicidio — Em Rio Tinto suicidou-se

hoje de madrugada, deitando-se a um poço, Antonio Coelho, distribuidor postal d'aquella localidade.

«O desgraçado ganhava duzentos e tantos réis por dia e tinha de sustentar mulher e seis filhos.»

*

Não se faz caso d'isto. Foi a cinco leguas de Lisboa que eu li esse resumo da dolorosissima tragedia. Estavamos no terraço do hotel, esperando o almoço, quando chegaram os jornaes com a noticia. Todos leram, e commentaram durante uns minutos. A situação viu-se: o homem a ganhar dois tostões, — uma familia de oito pessoas, a fome, o desespero, o suicidio. A familia sem os dois tostões...

— Mas ha muita caridade! ponderou o rechonchudo Levy da batota. E, olhando através a vidraça da casa de jantar, berrou:

— Ahi temos o almoço!

E lá nos fomos a elle, o que é natural. Mas o que diz o outro — ácerca da muita caridade, é mentira. Eu lembro, a proposito, aquillo com o celebre *Fajardo*, que deu o nome de *fajardices* ás malandrices.

*

Conheci-o no Porto, haverá 30 annos. Estava elle velho, retirado das operações e vivendo. . de umas subscripções permanentes de algumas dezenas de cavalheiros. No fim de cada mez — contou-me o informador — o ex-larapio passava os 80 ou 90 recibos e procedia á cobrança. Quando fallecia um subscriptor, arranjava prestes um substituto. E morreu garantido contra o mal estar, pela *caridade publica*.

*

Creio bem que a não terá encontrado o pobre carteiro de Rio Tinto; mas talvez ao despenhar-se no poço contasse com ella —

para lhe valer aos filhos. Eu, já um dia, desesperado, disse não sei a quem: — «Matava-me, se não fizesse falta.» E ouvi o seguinte: — «A *consciencia publica* ás vezes commove-se e acode aos que ficam.» Ora, a tal *publica*, por muito activa que seja, não dará aviamento a larapios e a innocentes, e, por afinidades, deve servir os primeiros — de preferencia. Ou o mundo não seria retorcido como um perfeitissimo corno!

*

... Esta sociedade portugueza affirma-se, em regra, pelo Egoismo e pela Impostura; e cada dia com mais intensidade se manifestam similhantes prendas. Sem coração, sem cabeça e com estomago fraco. Como é que *isto* vive e aonde vae parar? O que? Demonstrações? Pois que tenho eu feito senão — *demonstrar?!*

17 de agosto.

A respeito de eleições, deve-se lêr no *Popular:*

I

«Realisam-se no domingo as chamadas eleições de deputados em todo o paiz e ilhas adjacentes. E' evidente que, em virtude da *ignobil porcaria* oude se atascará até aos cabellos a invencivel virtude triumphante do franquismo, a victoria será do governo, mercê dos escandalosos desdobramentos e da inevitavel corrupção eleitoral, se o paiz não puder, não souber, ou não quizer reagir.»

Opinião de Tiberio:

— Não póde, não sabe e não quer... o que *uns* agora querem e amanhã deixarão de querer, quando quizerem os *outros.*

Está certo.

II

«Não nos causará admiração se, no deploravel estado em que se encontra a sociedade portugueza, as instituições ameaçadas, o rei sequestrado, o poder executivo desprestigiado e apedrejado, e a anarchia nos costumes cada vez mais dominante, as populações de Portugal se não lembrarem de reclamar bem alto, e de exercer os seus incontestaveis direitos, votando *nos seus candidatos.*»

Do philosopho:

— *Os seus candidatos:* quer dizer — Paçô Vieira, Pequito & C.ª.

Entende-se.

III

«Assim, a imposição governativa, a corrupção dos aliciadores de votos e o desprezo por vós todos, as chapeladas vergonhosas e outras manigancias do estylo, não

terão efficacia, e vós tereis dado exemplo de que a população portugueza não é ainda um rebanho de carneiros.»

Do meu velho amigo:

— *E outras manigancias do estylo:* quer dizer — «as que todos nós empregamos.»

Diz muito bem. Sómente accrescentarei: — A nação portugueza não será *ainda* um rebanho de carneiros, mas aquillo só se diz a quem já *os* tem.

E retorcidos!

---

20 de agosto.

Em materia de *suffragio*, como na do *jury*, abrigo, de ha muito, umas opiniões reservadas, que bom será conservar na reserva, limitando-me eu, hoje, a umas simples e candidas reflexões — a proposito da votação regeneradora na capital.

*

Nos jornaes da manhã apura-se que para o seu tabaco apanharam especialmente os regeneradores, que ainda ha seis mezes arrastavam á urna a confiança da monstruosa maioria. Só me refiro a este ponto da votação, porque do resultado final ainda não falaram os *saloios* dos concelhos á roda da capital, e as *surprezas* são o pão nosso de cada dia.

*

A *queda* dos regeneradores (sic) quer dizer isto, indubitavelmente: que os milhares de eleitores que votaram nos correligionarios do sr. Hintze, ha poucos mezes, *quando elle começára a governar*, só esperavam a chegada de quem administrasse com *tezura*, para condemnar a *podridão*.

Eram, pois, milhares de eleitores *putridos*, em pleno exercicio de suffragio. Lembra-me aquillo do Affonso Karr:

«Foram vendidos em leilão, os velhos cavallos da casa real. O preço attingido foi o de 30 francos por cabeça. De modo que ainda na vespera do leilão as cavallariças reaes estavam povoadas de sendeiros de 30 francos (uns 6 mil réis).»

Vinham a ser os *eleitores putridos* subitamente melhorados. Não direi leiloados, que isso é para segundas leituras

Deus conserve a gente digna e grata!

*

A proposito, reproduzo esta carta que ha tempos me cahiu nas mãos, não me lembra d'onde:

«Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Hintze Ribeiro, meu venerando chefe.—D'aqui e com o mais profundo respeito me congratulo com o anniversario natalicio de V. Ex.ª, e que por muitos o muitissimos annos se repita tão auspicioso acontecimento, para honra e gloria e felicidade da nação inteira (tex-

tual), pois está provado até á evidencia que V. Ex.ª é uma das primeiras notabilidades do mundo.

«C/V.

«Moimenta da Beira, 9 de novembro de 1903.

...»

... A esta hora é capaz de o julgar *corrupto*. Deixem-me guardar a carta.

---

22 de agosto.

A noite passada, tive em minha casa a visita de um amigo de 1870 — amigo de ha 36 annos! Tambem elle está velho e foi por isso que de mim se lembrou, com a sua visita saudosa. E' que não falha o que algures diz Camillo Castello Branco:

«Relembra tudo que é da infancia quando a vida nos vae no cabo. A' beira do tumulo

vem as saudades do berço. Compraz-se ahi a alma lagrimosa em se andar a despedir amorosamente das nebulosas imagens que se lhe refulgem com o alvor das primeiras primaveras.»

... Vem isto no *Visconde d'Ouguella,* do Maior de todos nós.

*

Passámos bem algumas horas da noite, como se usava ha 36 annos. Citámos amigos e factos de outros tempos; e eu lembrei os seguintes:

Em 1876, ha trinta annos, vivia eu no Porto. Vivia mal, ensaiando a Travessia. Tinha eu por amigo certo um pobrissimo rapaz e grande espirito, que se chamou Alfredo Carvalhaes. Era um typo bocageano, no moral e no physico. Livido, com o cabello empastado sobre a testa e com um rictus de troça e soffrimento, contristador e inolvidavel. Eu procurava-o quando mais

cruelmente a Necessidade me opprimia, para o fim de desabafar com aquelle companheiro de soffrimentos. Alfredo Carvalhaes não era um amigo para consolações sentidas, mas eu encontrava-as no rictus sombrio com que elle sublinhava as minhas explosões.

Um dia, offereceu me estes versos:

OS MISANTHROPOS

E havia nos seus labios resequidos
O vestigio da febre que os queimára:
Eram dois homens altos, combalidos,
Com poucos pêllos na marmorea cara.

Viviam affastados, escondidos,
Cheios de nôjo da gentalha ignara,
Mas amavam-se muito os foragidos,
Porque os unira a mesma sorte amára.

E sempre que a Tristeza, essa bohemia,
Os arrastava á sanguinaria estancia
Onde ha o ranger de dentes, a blasphemia,

Aquellas almas, mergulhando anciosas
No mutuo affecto as chagas cancerosas,
Tinham a azul pipilação da infancia.

. . . Já lá vão trinta annos.

---

23 de agosto.

Um rapaz litterato, muito conhecido em Lisboa, jogava, uma noite, no *Bucha*, da rua do Arco do Bandeira, quando succedeu cahir da banca para o chão uma moeda de ouro. Inutilmente a procuraram, e então ouviu-se:

—Parece mesmo impossivel!

—E' que se foi por algum buraco.

—Pois já se deixa ver.

E então o rapaz, apertando o monoculo, bradou:

—Oh! indignadas gentes! Não parece que estamos n'uma batota! Está dito: heis de ter o premio Montyon, virtuosos cavalheiros!

*

Muito me tenho eu lembrado, estes dias, de similhante episodio, ao vêr execrada a corrupção eleitoral por diversos relaxados que por ella teem *subido* na vida publica. Onde diabo havia de encafuar-se a indignação do correctissimo civismo! Todos nós conhecemos *Kagaçaes*, mais ou menos conselheiros, que seriam capazes de beijocar um carvoeiro, a troco do voto do machacaz, e que uivam improperios contra os manes do *Zé das Pinguinhas*, de Lisboa, ou do *Senteeiro*, do Porto. Que réles comedia a furar a tragedia da Vida!

*

Cá diz um orgão regenerador:

«...a despeito das violencias, coacções e fraudes que os colligados agora commetteram para esbulhar os regeneradores da

sua legitima representação em côrtes, e das verdadeiras fraudes commettidas, que deixaram fóra da camara muitos e valiosos amigos nossos, entre elles ministros honorarios, antigos deputados de nomes feitos e de reputação larga.»

De reputação *larga* e de *via* mais *larga* ainda, ficaram alguns de fóra; outros, a preces de Santa Cóca, foram mettidos para dentro, qual fralda indiscreta. Que seria, sem elles, do *susto* do outro?!

*

Vejo impressas umas notas sobre o *Kagaçal*. Dizem assim:

«De manhã, apresentou-se em Ramalde, com grande numero de malandrões, que iam votar pelos mortos.

«Logo que os eleitores o lobrigaram, estabeleceu-se tumulto, mas apesar d'isso o grande homem conseguiu fazer introduzir

na urna 28 listas, isto segundo declaram testemunhas.

«E, como a balburdia e o barulho fossem de ensurdecer, interveio a força armada, que fez *evacuar* a egreja.

«Mas o Kagaçal metteu-se debaixo de uma mesa, conseguindo illudir a vigilancia da força e ficar dentro do templo.

«Quando recomeçou o acto eleitoral, houve novo tumulto, sendo finalmente o homem posto na rua.

«Então o Kagaçal foi para a quinta de que é proprietario e mandou abrir uma pipa de vinho, que pôz á discrição dos seus amigos.

«Houve bebedeira por uma pá velha.»

...: O que me nauseia é a ideia de beber *vinho do Kagaçal* Deve estar tão *evacuado* como ficou a egreja. Puh!

24 de agosto.

Muito fallada a hypothese de em breves dias vir a ser dissolvida a benemerita kagadeira municipal de Lisboa — a das *carnes*, do *lixo* e da *viação* — tudo lixarada! A vêr o que dá a fagueira esperança!

*

A obnoxia questão dos Tabacos inspira ao *Popular* amargas e scepticas considerações. Diz elle — que a si e aos outros pergunta se é possivel que todo o paiz ande a reboque dos interesses mercantis de uma empreza, que os partidos se scindam, que os governos se recomponham, que os agrupamentos adversos façam pazes e se concentrem, que as côrtes se dissolvam e se reconstruam — tudo por causa de uma empreza.

Pergunta bem. Mas todos saberão responder-lhe — que ao sabor de uns empre-

zarios anda o paiz ha um horror de annos. Talvez desde D. Affonso Henriques. O milagre de Ourique já veio por conta de emprezas.

*

Mais diz, scepticamente, *O Popular*:

«Ora é por isso justamente que quando de roda de nós ouvimos ingemos a segredar que o chefe do Estado está já muito aborrecido com o sr. João Franco, que o sr. José Luciano está já muito mal com o sr. João Franco, que, na futura camara, entre regeneradores liberaes e progressistas ha de haver graves desintelligencias, que o governo não póde viver na camara, *etc.*, *etc.*, philosophicamente encolhemos os hombros e não acreditamos absolutamente em nada.»

Acredita: acredita e não encolhe coisa alguma. Até sente vontade de desdobrar os *etc.*, *etc.* Encolhido só o *susto* do padre.

*

Justiça:

Em todos os jornaes de Lisboa, que hoje tenho lido, vejo o seguinte:

«Acha-se quasi restabelecida, devendo ter alta brevemente, a pobre Clotilde Alice, que ha dias foi aggredida pelo sapateiro Antonio do Amaral, com 17 facadas, uma das quaes lhe attingiu o pulmão esquerdo.

«A fazer obra pelo que disseram os medicos encarregados do exame, os quaes em resposta a um questionario do representante do ministerio publico, sr. dr. Pereira Brandão, declararam que o aggressor não tivéra o intento de matar a aggredida, mas apenas o de *marcal-a*, o procedimento contra o criminoso será apenas correccional, salvo se a justiça não se conformar com essa opinião e ordenar novo exame.»

... Dezesete facadas, muito a sangue-frio, só para *marcar* a rapariga! Ora Deus

queira que a justiça dos tribunaes tenha mais vergonha do que os taes medicos — bem dignos de *marcação*.

Não perderei de vista o caso do facinora *marcador*.

*

Foi extincta a patuscada da legação na China.

Nota importante: — Causou mais espanto a *extincção* de que causara a *creação*.

Deboche dos espiritos!

---

26 de agosto.

Hontem, n'um carro electrico, disse-me o Diniz das bolachas, — sujeito sério e respeitado como um defuncto a caminho do cemiterio:

— Não se póde ter caridade.

— ?

— Imagine que, ha bocadinho, estava eu

á espera d'este carro, chegou-se a mim um rapazito — *todo esfarrapado* — e pediu-me esmola. Dei-lhe dez réis.

— Muito bem!

— Vae vêr. Na minha cara, imagine, que fez o garoto!

— Deu-lhe com os dez réis?

— Foi comprar peras!

— Que infame!

— Pois não é?

— Claro: Se estava todo esfarrapado e o senhor o soccorreu com dez réis, devia ter ido vestir-se: comprar um fato completo. Afinal, o patife refocilava-se nas peras!

— Para que saiba...

— Já sabia: a estupidez é capaz de tudo.

*

A proposito da *Kagadeira municipal*, pondera-me um luzitano:

— Como se explica isto: de uns homens largorem os seus negocios, ou o seu descanço, para irem, como vereadores, traba-

lhar de graça, levar descompusturas e ser difamados? Não percebo.

Nem eu. E já tenho estudado o problema.

*

Remettem-me do Brazil tres numeros do excellente jornal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre) intitulado *Correio do Povo*. N'esses tres numeros occupa-se, minuciosa, intelligente e energicamente o sr. dr. Victor de Brito da infame e sinistra individualidade que se chama *Urbino de Freitas*. Escorraçado do seu paiz, o maldito pensa em explorar a bondade dos brazileiros, aferindo-a pela relaxação de uns desalmados que á sua passagem pela Africa Portugueza alli o agasalharam e festejaram! Por honra e desaggravo da especie humana, o Brazil, em toda a linha, repelle e execra o descarado monstro. Por seu respeito pela justiça e pela moral social, bem haja o povo irmão!

Ao sr. dr. Victor de Brito sinceros e calorosos louvores!

*

Condemnados, como sabem, os marujos. *Toda a gente* achou aquillo barbaro. Officiaes de marinha, muito respeitaveis, dizem-me: — Aquillo é justo?

Distingo. Se o condemnado *é um voluntario*, deixemos passar a severidade. Quem o chamou lá? Mas se o serviço militar o foi arrebatar á sua vida de trabalho e de liberdade, a prisão de um homem por vinte annos, em homenagem á *disciplina*, só inspira horror por este appendice da lei — e pela propria lei.

Isto é que condensa o fel, para a fermentação e para a explosão... *Não haverá um dia de paz na face da terra!*

*

Informa-me um deputado:

— «Não imagina. Nas salas d'armas já

não ha logar para os esgrimistas. E' tudo a aprender o sabre, o florete, o grande diabo!»

Deve-se abençoar a furia politica, como os carros electricos. Estes tornaram o povo mais ligeiro e menos distrahido. A previsão de *casos* parlamentares vem tonificar os derrancados. A'vante, catitas!

*

A *Illustração* do *Seculo* traz um bom artigo do sr. Sergio de Castro, ácerca de Antonio Rodrigues Sampaio. Entre diversas anecdotas, falta esta, que tem muito valor:

Ahi por 1870 havia polemica, entre a *Revolução de Setembro* (Sampaio) e *O Paiz* (Navarro, Ennes, etc.). Sampaio adoeceu e foi substituido por subalternos. Os progressistas reduziram os substitutos de Sampaio á expressão mais simples.

Acode Sampaio, e Antonio Ennes escreve:

— «Lá chamaram os pequenos pelo avô!»

E o Sampaio:

— «*O Paiz*, embora sendeiro callejado, ainda conhece, pelas esporadas, o cavalleiro que tem em cima!»

E' triumphal!

---

2 de setembro.

Sopra um vento... de satisfação por toda a cidade de Lisboa, pois que já temos libras a 4$500 réis. Note-se que os ricos tiveram sempre libras, fosse qual fosse o custo da formosa moeda, e que os pobres, seja qual fôr tal custo, continuarão a passar sem possuil-as. Pois são, justamente, os pobres que mais contentes se mostram. — «Já temos libras!» exclamam. Onde, meus amados irmãos?!

E' o caso do mendigo: — «Já hoje vi bellos pecegos á venda!» Para os outros.

*

Esta historia das libras em oscillação lembra-me sempre o *ultimatum* dos nossos melhores amigos e as manifestações do patriotismo aggravado e a Liga Patriotica do Norte, e Anthero do Quental, desilludido, a despedir-se da Vida, e eximios patriotas a chamarem-lhe *doido*, fazendo tilintar nas algibeiras as *piratas* das especulações... Lá vou ficar sombrio para todo o dia — que é o primeiro de chuva e negrumes, ha bom par de mezes.

*

A proposito das severas penas applicadas aos marujos e da provavel intervenção do poder moderador, occorre-me aquillo de Moreau e de Bonaparte. Fallo do julgamento do primeiro, em fins do seculo XVIII, como conspirador.

Napoleão Bonaparte, então consul, fez

prevenir os juizes do seu illustre rival — que deviam *carregar a mão* na sentença, para tornar mais apreciavel o perdão que elle tencionava conceder ao réu.

— «E a nós quem nos perdoará?» tornou um dos juizes.

E' bem dito.

*

Se este calor que tem martyrisado Lisboa não acaba hoje, não sei que será de mim. Não como; bebo constantemente refrescos, que me estragam o estomago e debilitam. Agora lhes estou escrevendo, e *n'um lago d'agua!* E o visinho alli de baixo, o ricaço do predio dos azulejos:

— Porque não vae o amigo descançar para *fóra da terra?*

Hei de tratar d'isso *dentro d'ella.*

---

4 de setembro.

Um *leitor effectivo* pergunta-me se estou

veraneando, pois que lhe tenho faltado com as *minhas noticias*, uma vez por outra. Agradeço a boa parte lisongeira da observação, e participo-lhe, em troca das attenções, que tenho realmente veraneado — na cama. Sigo, quando mais extenuado, a indicação de Souza Martins: deito-me de costas em cima da cama e para alli fico, horas esquecidas, prohibido de ler — mas não de recordar-me.

E lembrar-se a gente, a grandes intervallos de tempo, é, pelo ordinario, torturar-se. Felizes os raros, se existem, que só se lembram — para regosijar-se.

*

Trata-se de organisar uma Liga de educação e ensino. O *Seculo* congratula-se e diz:

«Um grupo de homens de alta competencia e alta intelligencia, sériamente preoccupados com o problema mais grave da

vida nacional, pretendem provocar em todo o paiz um forte movimento de opinião em favor do ensino primario, secundario e superior, como elles são comprehendidos nos povos que se governam scientificamente e scientificamente governam o mundo. Essa *Liga de educação e ensino*, resolvida a acabar com o analphabetismo no povo e com o mandarinato no ensino, conta com todas as boas vontades independentes da politica...»

Em Portugal, todas as boas vontades, com recursos, independentes da politica... acho pouca gente. Ainda assim, para grandes commettimentos generosos, melhor se me afigura *um homem só*. Por exemplo — João de Deus.

Ora, pensem n'isto.

*

Contristou-me profundamente a noticia, que vejo agora, de morte de Rodrigo de Seisal, um bello rapaz intelligente e bon-

doso, victima de um desastre em Cintra. Ia elle com um companheiro, para a caça, quando se lhe disparou a espingarda. Narra assim o jornal, commovedoramente:

«O sr. José Caetano Garção, ao chegar, afflicto, junto do seu companheiro, não imaginava que elle dentro em breve seria cadaver. Perguntou-lhe repetidas vezes, anciosamente, que lhe tinha succedido. Olhou em redor, a ver se descortinava alguem que lhe acudisse. Nem viv'alma! Rodrigo Seisal, apenas balbuciava:

«— Eu morro, eu morro! Minha mãe, minha mãe, minha boa mãe!

. . . . . .

«E, no emtanto, a morte avançava a passos de gigante, sem que José Garção lograsse impedil-a. Restava-lhe apenas uma missão a cumprir, e cuja melindrosa delicadeza, cuja elevada significação moral nem todos sabem comprehender ou justificar. Restava-lhe lembrar ao amigo de infancia um appello supremo á divina piedade; não

já para o corpo vencido, mas para a alma immortal.

«— Rodrigo, reza!

«E o pobre Rodrigo cruzou no peito as mãos como quem ora, os labios agitaram-se-lhe levemente, como se murmurasse uma prece, e quedou-se na immobilidade da morte.»

. . . Póde ser salutar a leitura d'estes horrores. Para não rir demais com o espectaculo da vida.

---

11 de setembro.

Já sabem que causticações vão cahindo sobre os benemeritos vereadores da *Kagadeira* de Lisboa. E tudo soffrido *gratis* e com abandono dos proprios negocios e arrostando com a calumnia! . .

Já é civismo (não componham *cinismo*).

---

14 de setembro.

A breves dias da abertura do parlamento, conta-se nos arraiaes opposicionistas, ao que tenho ouvido a pessoas muito *previstas*, com os seguintes factores de desgraça ministerial:

— Sessões tempestuosas, com intervenção obnoxia das galerias — por mais que as façam *evacuar*. Eu já lhes ponderei, ha tempos, que mau fôra acostumar-se o povo a ir ás repartições do Estado metter o bedelho no concurso dos tabacos. Agora, não faltará a festas.

— Coisas ineditas dos deputados republicanos, dos dissidentes e dos regeneradores, — mais brandas por parte d'estes. Coisas de entupir!

— Obstrucionismo feroz na camara dos pares, e os *20 dias* a passar. E' claro que no mez de outubro uns 10 dias são para nomear commissões.

— O sr. João Franco irritando-se e pas-

sando da defeza do ministerio ao ataque a fundo dos partidos opposicionistas. No ar um forte cheiro a defecção. Ha quem preveja Waterloo; e em tal caso o sr. José Luciano seria o marechal Grouchy. A salvar Napoleão não apparece o general francez; apparecem os Prussianos.—E os *20 dias* a vapor, em contrario das horas do *D. Jayme*. E os tabacos? E a auctoridade do sr. Driesel sobre o *caso*, em discussão violenta?

Teremos, pois, adiamento? Dissolução?

E o rei? Tenho notado, a proposito, que ninguem lhe fornece um alvitre, — acceitavel por parte d'elle!

*

Na camara municipal, as *carnes* e a *viação* passaram á Historia — sem osso. Os vereadores continuam, *gratis*, na brecha. Com o maior civismo (não componham *cinismo!*).

*

Do *Liberal:*

«Uma princeza que visita a nossa formosa cidade é uma honra para a rainha do Tejo e para nós.

«Pois é verdade. Hontem andou por Lisboa, visitando os principaes pontos a princeza Paleologo.

«E devia ter gostado de muitas coisas que por cá ha. Pena é que em assumptos de limpeza estejamos atrazados, pois bonitas coisas temos nós.»

. . Póde ser que a illustre viajante gostasse, *quand méme*, das nossas coisas; mas é obnoxio fallar d'ellas — se estão sujas. Que tal está o da rabeca?!

17 de setembro.

Já sabem como as férias se passaram na Camara Municipal de Lisboa, a proposito da viação da cidade. Apertada pela opinião publica e pelo perigo de uma syndicancia do governo, a Camara gerou uma commissão: a commissão chamando a Lisboa, da Suissa, *Pedroso de Lima*, gerou um exame, dispensando-se de chamar testemunhas inconvenientes, e gerou louvores a si propria, dando tudo por *bem acabado*. Não o estava tal.

*

Era melhor do que fazer meia. Assim o ponderaram o vereador Sabino de Souza e o ex-presidente da camara, Zofimo Pedroso. O caso parece a toda a gente incluso no fôro criminal. Eu não digo tal. Apenas sustento que são tudo inconvenientes de trabalhar gratis — por civismo.

Adiante!

*

Um dia d'estes, grande desgraça maritima em Cascaes. Faltaram soccorros a tempo — porque não appareceu certa chave, indispensavel á apresentação de certos utensilios.

Já repararam que falta sempre uma chave? Já lá dizia o outro:

Que é d'ella a chave?...

E falta quem peça responsabilidades aos relaxados. E' dos livros portuguezes.

*

Esta cá me fica. E' das gazetas:

Menor fugido á familia — De cadeia em cadeia até Lisboa

«*Azambuja, 13.* — Foi hontem preso em Aveiras de Baixo o menor de 16 annos, de nome João Bernardo, filho de João Bernar-

do e de Maria Emilia Gaspar, morador no Paço da Rainha, 10, loja, por ter fugido á familia e ter levado a importancia de 2$400 réis que pertenciam a seu pae.

«O referido menor seguiu hoje acompanhado por cabos de policia d'esta freguezia para Castanheira do Ribatejo e d'ali a Villa Franca e assim respectivamente até Lisboa.»

O pequeno deshonrado, perseguido, perdido — pela familia, a troco de 2$400 réis.

Immunda canalha!

---

18 de setembro.

Continua em discussão violenta a historia das *entrelinhas* no contracto da Companhia de viação. Numerosos habitantes de Lisboa vão protestar em comicio, e pedir syndicancia. Agora vejam isto:

«No domingo offereceu o sr. conselheiro Carvalho Pessoa a algumas pessoas das suas relações um elegantissimo jantar na sua bella vivenda de S. João do Estoril.»

Vem no *Popular* de hoje Póde servir de resposta ás obnoxias accusações que principalmente visam aquelle desinteressado servidor da cidade.

Elegantissimo jantar na bella vivenda. Fóra, brutos!

*

Foi para o tribunal do *Commercio* e não para o do *Crime,* o caso de um socio industrial haver roubado 15 contos de réis a um socio capitalista, que accordou a tempo.

Teve mais sorte do que eu — o roubado de hoje.

A proposito d'estes factos de cada dia, ouve-se esta verdade a cada passo:

— «Os malandrões encontram sempre quem lhes confie a bolsa. Um homem hon-

rado e trabalhador procura inutilmente auxilio.»

Explica-se — é que os malandrões estudam, dia e noite, *o assumpto*. Planeiam o roubo com sabedoria; os homens honrados não têem plano, nem têem labia. Não seduzem pessoa alguma.

Oh! *o senhor Ricardo e Companhia!*

*

Escreve-me hoje um homem publico:

«—Eu, ao menos, entrei pobre e pobre sahirei da vida publica. Meus filhos abençoarão a minha memoria.»

Talvez mais a abençoassem, se o amigo lhes deixasse uma fortuna. Só *um nome honrado* é triste tempero para a panella do cozido.

Demais a mais, com as carnes sem sangue. Abobora!

19 de setembro.

Hontem n'uma reunião publica, contra a Camara Municipal de Lisboa. Extracto do *Seculo:*

«Outro orador, o sr. José Barreto, fallou tambem com grande energia. Não estava preparado para tomar parte na discussão, mas não pôde deixar de o fazer. Ninguem lhe deu procuração, é certo, para defender ou atacar, mas tem dois filhos em casa, e a esses é preciso defendel-os.

«A syndicância á camara municipal impõe-se. E, não a respeito da questão da viação, mas a respeito da questão das carnes, póde narrar um facto que lhe foi contado por um lavrador do Alemtejo, dos mais honestos e dos mais sérios, que revela bem a que estado vergonhoso chegou a camara municipal.

«Tendo esse lavrador censurado o arrematante das carnes, por este fornecer mau

gado e caro aos consumidores, este dissera:

«— Como quer você que eu não venda a carne cara se tenho que sustentar os vereadores e as familias!...

«Por esta razão, por muitas outras que não expõe, a camara deve ser desde já dissolvida e eleita uma outra pelo povo, para saber quem são os seus representantes.»

... A isto se responde altivamente, no *Popular* de hontem, como eu já lhes disse:

«O sr. conselheiro Carvalho Pessoa (o vereador mais *notavel* da actual camara) deu no domingo um elegantissimo jantar, na sua bella vivenda de S. João do Estoril.»

Parece um trecho dos *Homens illustres*, de Plutarcho. Fóra, brutos!

*

Na representação da *Liga de defeza dos*

interesses publicos ao chefe do governo, ha d'estes periodos:

«As accusações, pois, feitas em publico, não attingem apenas a vereação: estendem se tambem, irradiam pelos empregados e repartições municipaes.

«Não lhes escapam aquelles que, na frase pittoresca do velho marquez de Ficalho, têem *fedôr de honestidade,* tão perigosos ou mais perigosos ainda que os marcados até por stigmas officiaes.»

Percebem? Tambem eu.

A *moralidade* está n'isto:—Não ha bifes que sempre durem!

*

Ainda sobre o caso da viação, perguntame *Um Lisboeta:*

—E os Ascensores são mais amigos do Publico do que os Electricos?

Entre os dois, *mon coeur balance.*

O Dia, prégando:

«O beija-mão real está abolido desde o reinado do saudoso e inclito rei D. Pedro V.

«Beija-se, por gentileza e deferencia, que a todos fica (*e sabe*) bem, a mão de uma senhora. Ao chefe do Estado, sauda se muito respeitosamente, e até nos documentos officiaes a formula consagrada é esta: «Deus prolongue por dilatados annos a preciosa vida de Vossa Magestade, como todos havemos mystér.» — No paço ha *recepção* em dias de gala. *Beija mão*, foi n'outros tempos... já distantes, felizmente!»

O Mundo annotando o sermão:

«Fazemos votos para que a licção do *Dia* sirva, pelo menos, aos dissidentes.»

... Bem dada bola!

Lá por fóra:

«*Paris, 18.* — De S. Petersburgo dão diversos detalhes sobre a morte de Trepoff. Um ajudante do general ao entrar na habitação onde este repousava, encontrou-o morto.

«Trepoff morreu, encontrando-se completamente só e a morte surprehendeu-o sem lhe deixar tempo para pedir auxilio.

«Ha muito tempo que o general padecia do coração; durante as manobras de Krasnoiselo teve um ataque, convencendo-se, então, de que morreria brevemente.

«Diz-se que quando soube do recente attentado contra um general a quem tomaram por elle, sorriu amargamente e disse:

«— Entregaram-se a um trabalho inutil. O meu fim virá breve e sem necessidade d'isso.»

Morreu como um passarinho — o patife.

*

Cá em casa:

Diz o *Popular* — que o engenhoqueiro Fernando de Sousa encrava tudo.

Perdão! No Alto Minho quem apontou dextramente o *susto* do padre á *via larga* do outro foi elle. E com que habilidade!

O peior é que os piteireiros e zaragateiros de Santa Cóca ficaram a apitar n'uma alcôfa!

---

26 de setembro.

Do *Seculo:*

«Um gatuno incorrigivel

«Subordinada a este titulo publicámos no dia 16 do corrente uma noticia, na qual se dizia ter sido preso o sr. Henriques, de 62

annos, morador na rua do Possolo, 55, 2.º, por ser accusado pelo sr. L. Marques, com estabelecimento de *bric-à-brac* na rua da Escola Polytechnica, de lhe extorquir varias quantias no valor de 18$300 réis, e bem assim um quadro em esmalte, ricamente emoldurado em caixilho de talha, representando Santo Ignacio de Loyola, no valor de 200$000 réis.

«Após uns poucos de dias de incommunicabilidade, averiguou o agente Martinheira, encarregado de proceder ás necessarias diligencias, que o preso estava innocente do crime que lhe havia sido imputado, obedecendo a queixa a uma vingança.

«Visto isto, foi mandado em liberdade o sr. José Henriques, que nos consta ser pessoa de toda a respeitabilidade, já pelos seus annos, já pelas suas qualidades de excellente chefe de familia; pobre, sim, mas honesto, e sem nenhuma especie de cadastro policial, como tambem se fez constar, insidiosamente.»

*

Prudente será esperar *os acontecimentos;* por exemplo, um desmentido formal do queixoso Marques do *bric-à-brac*. Infame coisa seria que realmente um honrado velho fosse enxovalhado, na policia e na imprensa, por um calumniador — e que este ficasse impune! E' preciso deslindar este *negocio*. Se ha infamia graúda, é indispensavel pôr em fóco o infame.

Pois como brinca?

*

D'um chronista liberal celebrando a memoria de D. Pedro IV:

«Portugal deve-lhe a liberdade e o Brazil a independencia.»

Caranguejo: — Peixinho vermelho, que anda de recúo...

Não é peixe, não é vermelho, nem anda de recúo...

O mais está certo, japonez!

*

Politica, Esthetica e Philosophia, em duras phrases de mulher:

«O primeiro dever d'um rei é conhecer a sua epocha, e o primeiro dever de um ministro é represental-a.»

A mulher não é a sr.ª D. Olga; era Madame de Girardin.

*

Da alludida Madame de Girardin:

«Sem razão chamam *frivolos* aos Francezes. Um caracter frivolo é o que não dá importancia a coisa alguma e nós damos importancia... a coisa nenhuma.»

Bello! Não é da sr.ª D. Olga.

Upa!

*

O triste João Antonio Semedo Marujo foi demitido, por abandono do serviço, do logar de distribuidor supra numerario da estação de Portalegre.

Ganhava 85 réis por dia, com descontos. Pudera não abandonar o logar!

Córneo mundo!

---

27 de setembro.

— Sexta 28, sabbado 29 e domingo 30: tres dias de santa ociosidade para os martyres da Burocracia com *deducções*. Lá diz o proloquio nacional: «Quem dorme janta.»

Diz muito bem. Descancemos. Durmamos: ensaiemos a Morte...

*

A' data de publicar-se esta prosa, reunir-se hão em S. Bento as *forças vivas* da costa, para tratar dos nossos destinos. E' tempo. Não irei lá, porque não vou a apertos, — embora calejado apenas na sensibilidade. Não penso em avistar o quadro, mas conservo na retina um consideravel numero de typos — provados legisladores e administradores de via larga, de via reduzida, com susto abeberado, com pouquissima vergonha do mundo, — uns de caroço, outros de espinho, uns em compota, outros em conserva de alcool, — com ellas e sem ellas — dentes cariados. Já sei!

E' tudo assim? Quasi tudo — *o que está visto.*

*

Não ha uma opinião divergente: concordam todos: — o parlamento fechado antes

do fim do mez (ha quem diga: antes do decimo dia). O rei concedendo o addiamento; o sr. João Franco governando em dictadura — até janeiro proximo. Depois. .

Aqui entre nós — uma prophecia familiar: — Ainda teremos saudades de João Franco.

E fiquemos n'isto.

*

Vou sahir de Lisboa, muito fatigado. A vêr se me refaço — para chegar ao fim do anno. Muito gosto eu do Natal!

---

28 de setembro.

Escrevo-lhes, fazendo as malas. *Depois* — aldeia!

*

No *Popular* de hoje:

«**Tabacos** — Continúa a diminuir a venda

do tabaco em Portugal. Pelo ultimo balancete publicado, vê-se que as vendas foram até 31 de agosto do exercicio corrente, de 968:024 kilos, no valor de 3.853:706$445 réis. Em egual periodo do anno anterior, as vendas alcançaram 985.004 kilos, que produziram 3 899:486$940 réis.

«Ha portanto já uma diminuição de 16.980 kilos, na importancia de 45:780$495 réis.»

O' caros patricios! Acabem com essa ignobil porcaria: façam como eu. Elle é a perda da memoria, a perda de vista, a dispepsia, os estragos na aorta, idem nos centros nervosos, e mais no orçamento caseiro, e o mau halito, *etc.*, *etc.*

E tudo para dar dividendos á Companhia *etc.*, *etc.*, *etc.*, *etc.*

*

No alludido *Popular*:

«Regressou de Castello de Vide á sua casa de Lisboa o sr. Francisco Gomes da Silva, que se encontra felizmente quasi restabelecido da grave doença que ha tempo o accommetteu.

«Prompto e completo restabelecimento é o que lhe desejamos.»

. . . Vantonio Bernardes de *Carvalho*, não deseja coisa alguma, senão a carta de conselho. *Esta é que é a pura da verdade!*

*

Em toda a imprensa:

«O sr. dr. Avelino Calixto pediu a exoneração de vice-reitor da Universidade de Coimbra.»

Sume-te, cebento!

*

Para os nervosos. Alludo aos que as querem *a escaldar*. E' do *Liberal* de hontem:

«Será verdade? Dá-se como certo que já no dia 2 de outubro ha de estalar uma formidavel tempestade parlamentar na camara dos pares.

«A questão Schroeter diz-se que será apresentada com caracter *agudo*. A questão politica tambem se diz que vae ser discutida vivamente, e até os *regeneradores* este anno, contra o costume, se propõem discutir a resposta ao discurso da corôa.

«Vamos a vêr se emfim voltam os tempos de gloria parlamentar. Os José Estevão já andam a encaracolar as melenas.

«O sr. Luiz de Magalhães é que não parece disposto a assistir a taes provas de brilho parlamentar, por mais que lhe recorde os tempos gloriosos de seu pae. Está desejoso por deixar o poder, sobretudo de-

pois que o obrigaram a passar á disponibilidade dois diplomatas.»

Mais:

«E perante taes trapalhadas, os que tratam de formar um novo partido sob a chefia do sr. Julio de Vilhena, vão esfregando as mãos de contentes.»

Tomem nota, amigos de Cerva e de Mondim!

*

A hypothese de dictadura do sr. João Franco, dado que elle não se aguente com o parlamento, — é geralmente posta em duvida pelos meus amigos de *Cerva*, mas n'ella acreditam os de *Mondim*. Temos tapona em romaria!

*

A Italia, sentindo-se pontapeada pela Austria, resolveu fortificar as suas costas.

E' sestro. Já um dos ultimos lazarentos reis de Napoles dizia ao seu lazarento ministro da guerra:

—«Arranje-me v. couraças para as costas dos nossos lazarentos soldados. E' o que elles mostram ao inimigo.»

*

Chove devéras. Fico em Lisboa, — em casa, — como o *sr. Procopio* (comedia lisboeta de ha 40 annos).

---

6 de outubro.

Discutem os padres do patriarchado a provisão do Patriarcha e resolvem pedir um synodo. Lembra Byzancio — sem faltarem os Turcos.

Quem não apparece nas discussões byzantinas é o padre do *susto*. Esse tem olho — para as Turcas.

Dominus vobiscum!

*

Mas não falta assumpto para amargura. Ali temos nós a fabrica de Xabregas destruida pelo incendio, e mil e tantas familias na miseria. E' ainda uma das minhas afirmações de ingenuidade, pelos modos incorrigivel — não perceber *como taes crises se atravessam*. D'ahi se deduz, e é certo, não perceber eu como tenho atravessado as minhas de meio seculo.

Soffre-se que tem diabo — antes de chegar ao fim!

*

Pergunta-me alguem — qual é a vantagem *pratica* das Casas de Correcção. Parece-lhe *fraco resultado* afastar da vida errante, por dois ou tres annos, duzentos ou trezentos rapazes,—gota d'agua no Oceano.

E eu digo-lhe que justamente se devem desdobrar as Casas de Correcção e assim multiplicar as gotas d'agua. Porque? Ahi vae *um porque*.

*

Ha quem supponha inevitavel, a breve, ou a demorado praso, uma convulsão social — com a entrada das massas na grande scena. Isso vêem, ou prevêem, os que observam os grandes buracos no mundo velho: chove por elles, como na rua. Bem. Estabelecida a hypothese de uma tal *monstruosidade*, — que já tira o somno ao meu visinho *Ricardo*, o ricaço ladrão do predio dos azulejos, — pode alguem suppôr que os *perigos*, para a gente séria e que tem que perder (como diz o outro) estão nas fileiras dos que fôram *meninos do collegio* e são *felizes da vida?*

Não ha tal. Os *perigos* estão ali, na multidão dos que só receberam, na infancia, privações e pontapés, e, pela vida fóra, amplexos da Miseria e troça dos Felizes. Estão ali os *perigos*, séria gente! Esses malditos dos homens e do destino são muito capazes de assaltar a propriedade e o so

cego das familias sérias — em nome do *abandono* que soffreram. Injusto fôra condemnal-os em absoluto, — o que lhes seria indifferente. Mas seria *justo* e *prudente* — il-os instruindo, educando e garantindo contra a Miseria, desde a infancia, — suavisando assim a tal *entrada em scena*.

Pensae n'isto, emquanto é tempo.

*

Da Russia communicam — que os Cossacos protestam contra os seus senhores e buscam adherir ao povo.

E' que vêem os senhores em perigo. Só falta ao povo ser burlado pela contricção d'aquelles infames ratoneiros, seus algozes.

---

8 de outubro.

Haveria, talvez, meio de atenuar impressões tristes despertadas por violencias

e crueldades contra os pequenos: seria o respeito pelos intellectuaes superiores. Não fallo dos falsos intellectuaes, que são *enfermos subsidiados*, *viuvas* e *gatos da alfandega*. Refiro-me, por exemplo, a Bulhão Pato. . .

*

E' ainda hoje, para mim, um singular prazer uma visita ao ermo de Caparica, onde o illustre e venerando escriptor fixou o ultimo quartel da vida, — como Herculano em Val-de-Lobos, e como Camillo em S. Miguel de Seide. Já notaram como taes homens tornaram imorredouro o nome de uma terreola que escolheram para retiro gasalhoso? Só os intellectuaes superiores. Nem reis, nem politicos, nem contrabandistas gordos conseguem nobilitar uma terra. A's vezes deshonral-a—pela simples citação dos seus nomes. Altos designios de Deus!

*

Raras vezes me é dado disfructar o goso d'aquella visita. E' difficil o trajecto a uma especie de invalido, como eu. Mas recordo-me das referencias de Camillo (no *Cancioneiro Alegre)* a Bulhão Pato e á selectissima sociedade em que elle viveu—antes de hoje: Vem da intimidade carinhosa de Alexandre Herculano á... chamada *para o seu logar*, nas obras publicas. Perto dos 80 annos e com a veneração de todos os que sabem ler—uns 10 % dos Portuguezes!

*

Condensa profundissima tristeza — tudo isto—em corações que viveram e conheceram mundo. Alli vae passando e olhando-me de alto o moço de padeiro, que eu vi ha annos de cabaz aos hombros, e que de pão *roubado no pezo e na materia prima* extraiu os 200 contos com que levanta pre-

dios e a cabeça de burro, com a altivez de um macho da Andaluzia. E não irá para *o seu logar*, entre os varaes de uma carroça... porque é considerado na *praça*.

Bulhão Pato é desconhecido no atascadeiro. Para as obras publicas! brada o *Malheiro Reymão*. — Vivo, quero viver, por curiosidade.

---

10 de outubro.

Varios *amadores* destacam do *Seculo* de hoje as seguintes notas sobre a sessão de hontem, na camara dos pares:

«O sr. *Hintze Ribeiro*: — A camara sabe que elle, orador, annunciou que trataria do apurar as responsabilidades do governo a que teve a honra de presidir, quando se discutisse a resposta ao discurso da corôa. E', porém, de notar que a commissão de resposta ainda não elaborou o seu parecer.

que, aliás, é contra as praxes d'esta casa, e assim ver-se-ha obrigado a passar o que respeita ás occorrencias do Rocio, e explicar o que fez e as responsabilidades que lhe competem. Assume as responsabilidades que lhe pertencem; isso sim, mas nenhumas outras. Tem sido accusado bem injustamente de responsabilidades que lhe não competem. Por agora limita-se tão só a dizer que não mandou acutilar o povo de Lisboa.

«O sr. *Arroyo:*—Vejam como tudo se vae esclarecendo devidamente.

«O *orador:*—Mas, emfim, na sessão seguinte será mais explicito e mais desenvolvido.»

... Eu lhes conto *um caso* de ha dez a doze annos,—1894 a 1895.

*

A's 9 horas da noite, n'uma casa da Avenida da Liberdade. O dono da casa, forne-

cedor de um ministerio, pergunta ao meu amigo *Ego*, que vae entrando:

—Então que houve hoje nos Deputados?

—O deputado A. intimou o ministro P. a apresentar na proxima sessão os documentos relativos ao ultimo fornecimento. E' hoje sabbado; segunda-feira vae ser bonito...

—Misericordia! berra o fornecedor, e sae como um foguete.

*

48 horas depois. Na mesma casa da Avenida. Entra *Ego*. Diz-lhe o dono da casa, — o ameaçado fornecedor, socio do ameaçado ministro:

—Então hoje nos Deputados?

—Não sei. Creio que não appareceu o A.

—Não appareceu, nem fallará mais em documentos. E' bom coração.

*

Quero eu dizer, na minha, que ficará tudo no mysterio. Bons corações!

10 de outubro.

Não falta quem supponha aggravado o conflicto da camara dos pares e espere ainda um grande lance theatral. Para mim, tudo é possivel, até o incrivel, n'uma sociedade destrambelhada nos seus *80 a 90* o/o e algo safada no resto Lembra-me agora, a proposito, o episodio do chapeu a fugir com o vento... Eu explico:

Como a todos vós, tem-me acontecido ser-me arrebatado, pelo vente, o chapeu — da cabeça. Corre o maldito pela rua fóra, ameaçando-me de se me perder de vista. Eu antigamente ia sobre elle esbaforindo-me, até que descobri este phenomeno: — O chapeu, *se vê que o deixam ir*, pára subitamente, insensivel ao vento — e esperando que o levantem do chão.

Não ha nada parecido com os episodios sociaes como as *ratices* demoniacas das coisas. Assim me apraz suppôr que a zaragata da camara dos pares, se continuar a viver,

— a correr, — é porque a perseguem. Dado que não encontre repressão, pára subitamente, extingue-se, pois que a opinião dos *amadores*, alheia a principios, só aguarda, febrilmente, o espectaculo e o escandalo. Durará isto sempre ?

*

Ainda a proposito de lances parlamentares. Li n'uma pagina de Luiz Veuillot:

«O deputado F..., tolo e petulante, dirige-se ao sr. Guizot, presidente do conselho, e interpela-o tão insolentemente, que ninguem leva a mal ao ministro o silencio desprezador com que elle *acolhe* o imbecil. O governo tem muito a ganhar com taes oppositores.»

Está certo.

*

Do *Liberal*:

«São quasi 4 horas, e a leitura não termina. Entra o sr. Padre Luiz José Dias, que busca logar ao pé dos dissidentes. Em que ficará o reverendo prior?»

Em que? No escabeche. Nem elle já tem onde metter *susto*.

---

11 de outubro.

Bem disse eu que avulta o numero dos *bons corações*, ao prevêr que o sr. Hintze Ribeiro não declinaria *em absoluto* responsabilidades nas bestiaes scenas de 4 de maio (o espancamento do povo, pela policia, na *gare* do Rocio). O sr. João Franco aproveitou, naturalmente, aquella demonstração de bondade, para dizer ao seu adver-

sario politico: — «Toda a gente diz que foi v. ex.ª o anctor, exceptuando eu e os meus amigos.»

Como troça é modelar.

*

Porque, afinal, *toda a gente*, á falta de explicações e pelo manifesto cuidado em as produzir, ficou inteiramente convencida de que o sr. Hintze Ribeiro não foi o mandante, mas foi um sacrificado nas aras da opinião publica. Um *sacrificado voluntario*, — o que ha de mais sensibilisador e mais demonstrativo da corrente de *bons corações*. Chega-se a crêr que morreremos de excessos de bondade.

Inutilmente, o sr. João Arroyo bordava, ha quatro dias, nas promessas do sr. Hintze, na camara dos pares, palavras de satisfação e de esperança em esclarecimentos positivos. Não se formularam. De resto, o proprio sr. Arroyo, tambem por bondade de coração, deixa, uma vez por outra, em

malograda espectativa os que do seu labio inspirado e verboso esperam deleitosas maravilhas.

Ficou-se convencido.

*

Vê *O Liberal* na situação politica actual uma comedia devidamente ensaiada, em futuro aggravo do paiz. *O Popular* vê coisas tristes e assim se exprime, em tom de regenerador... indisciplinado. Vale a pena lêl-o com attenção:

... Vae o sr. João Franco governando e continuará a governar, menos talvez por força propria do que pela fraqueza alheia, que de cima a baixo da escala social é a mais prodigiosa possivel. Não se falla no chefe de Estado, nem nos partidos regenerador ou progressista, ninguem pensa nos republicanos ou dissidentes, apesar dos homens de verdadeiro valor n'esses contidos, todos falam e pensam no sr. João Franco,

no sr. presidente do conselho, que na sua personalidade cifra e resume todos os seus collegas no gabinete, que, apesar dos seus meritos individuaes, são como não existindo.

«Porque, pois, esta divinisação, esta idolatria, este fetichismo, quando elle, na verdade, governa pelas providencias que não correm pela sua pasta, ou pelos trabalhos que para ellas legaram os seus predecessores? E' porque o sr. João Franco tem a inflexa força de vontade, a indomita energia, o potente querer que no meio d'uma sociedade de tibios, de fracos e de hesitantes lhe tem conquistado esta situação, á parte e unica, de poder com verdade blasonar que á sua vontade invencivel tem visto dobrar o povo e o rei. E, como as massas aclamam sempre na sua inconsciencia os vencedores, sem tratarem de indagar porque foi que venceram, por esse motivo o sr. João Franco vê desfazerem-se como por milagre todas as difficuldades na sua frente, e ha de continuar a governar emquanto qui-

zer, e ha de querer, como são as suas ambições do mando, por largo tempo.»

... *Tu l'as voulu, Georges Dandin!*

---

12 de outubro.

Em 1868 — ha 39 annos — a Academia das sciencias moraes e politicas, em França, admittia a concurso o seguinte trabalho, reclamando-o:

— «Procurar e estabelecer, mediante observações positivas, quaes são os elementos de que se compõe, em Paris, ou n'outra grande cidade, a parte da população que constitue uma classe perigosa pelos seus vicios, pela sua ignorancia e pela sua miseria; indicar os meios que o estado, os homens abastados e os trabalhadores laboriosos e intelligentes poderiam empregar no sentido de *melhorar* essa classe perigosa e depravada».

A este convite do Instituto de França (Academia supra) respondeu entre outros M. U. A. Fregier, chefe de repartição na prefeitura do Sena, escrevendo um livro de 620 paginas em 8.° grande, intitulado: — «Das classes perigosas da população das grandes cidades e dos meios de melhoral-as.» A obra foi recompensada pelo Instituto de França. E' tão *de hoje* que, se eu viver, hei de traduzil-a.

*

Diz-me a esta hora, e com justiça, um nosso compatriota:

—«Em Portugal, não escreveria tal obra um funccionario do governo civil de Lisboa.»

Decerto. E não se trata apenas de registrar a *impossibilidade,* mas de estabelecer-lhe as *origens.*

1.ª—Não ha estimulo moral, ou material, que leve taes funccionarios a instruirem-se sobre taes assumptos;

2.ª—O governo é indifferente, em regra e *pelo menos;* só trata de politiquice—desanimando os estudiosos;

3.ª—A Academia das Sciencias só trata de banalidades; nem para coisas sérias se habilita:

4.ª—Nos tribunaes, um julgamento, em regra, é uma lastima: pelo juiz, pela accusação, pela defeza, pelo jury e pelo publico;

5.ª—A direcção das cadeias, em cima e em baixo, *não se discute;*

6.ª—Na imprensa popular o assumpto está á altura do publico, — dos *80 a 90* %.

Incluindo, como é justo, nos *80 a 90* % nobreza, clero e povo, e n'este a burguezia (individuos excepcionaes á parte), não esquecerá notar o seguinte:

Ha typos para quem o assumpto não vale a pena de attenção urgente, porque antes dos *criminosos* estão as *pessoas de bem.* N'este caso, as pessoas de bem são as que estão fóra, ou livres da cadeia. Simplesmente, deixam de vêr, esses moralistas de

nôrra, que, ao menos por idéia de conservação, deveriam as classes correctas, ou tal suppostas, tratar de melhorar os instinctos das *outras*.

Não tratam.

Imaginam que o extremo recurso é exterminar.

E assim se vão arrastando com a bagagem da inercia, da estupidez, da confiança, das combinações entre grutescos—para arranjar a vidinha.

Aonde vão parar?

15 de outubro.

Lá descança, afinal, o nosso pobre Heliodoro Salgado. Libertou-se bem cêdo: foi a unica *aberta* na sua tormentosa vida.

Trabalhou—*como um negro*—pelos seus principios e pelos seus irmãos no destino. Bella coisa é o Fim, após similhantes canceiras.

Até logo!

*

Diz assim o *Liberal*, noticiando a queda (?) do sr. juiz Veiga e da pavorosa *Bastilha da instrucção criminal:*

«Do sr. juiz Veiga diz-se que vae pedir a demissão do actual cargo, para fazer serviço na Relação. E' elle que assim o deseja, ou vae impellido pela ingratidão dos homens? N'este caso—ai dos ingratos!—se o sr. juiz Veiga quizer dizer o que sabe, e voltar ás lides do jornalismo, em que tanto se distinguiu em 1895.»

... Por *saber coisas* foi o sr. Pedroso de Lima collocado no magnifico logar de secretario (director) da Camara Municipal de Lisboa. Se o mundo é assim!

*

Emquanto o governo melhorava a sorte

dos pequenos funccionarios (pouco, mas de boa vontade!) houve um deputado da atormentada nação que fez isto. Fala o *Seculo* de hontem, em referencia á sessão do dia 12:

Augmento de ordenados aos ministros

«O sr. *Rodrigues Nogueira* apresenta um projecto de lei que tem por fim augmentar os vencimentos que percebem os ministros de Estado em exercicio, e legalisar a situação dos seus secretarios, que, constituindo uma necessidade, representam todavia um abuso, por isso que nenhum diploma legal os auctorisa.

«Fundamenta o seu projecto em considerações que se lhe afiguram justas, e pede ao governo, terminando, que deixe a camara pronunciar-se livremente sobre elle, demonstrando assim, como em palavras já tem sido dito, que o parlamento serve realmente para aquillo que foi instituido na Carta Constitucional: ter iniciativa propria.»

Leram bem? E' do sr. *Rodrigues Nogueira*...

*

Noticía *O Popular* o suicidio de um desgraçado, exhausto de recursos, e assim diz no seu artigo de fundo:

«... O pobre homem lamentava-se da sua negra sorte, chegava a lastimar-se até de que as pobres creanças eram de muito alimento, e de que elle não ganhava, depois de toda uma manhã de percurso doloroso pelas ruas do Bairro Alto, o sufficiente para se alimentar a si e á mulher e aos filhos. Hontem o desgraçado appellou para o suicidio, pondo assim termo a tão angustiosa vida. Elle libertou-se pela morte dos tormentos da vida de miseria em que vivia. Triste recurso para esquivar-se á sua triste sorte, mas ainda mais triste a condição em que pela sua morte elle deixou aquella numerosa, triste e desamparada familia.»

... E' que o suicida contou com *o bom coração da Sociedade* — para lhe amparar os filhos.

O que? Pois a croia não os ampara?! Só tem lamentações!?

Horrenda croia!

---

16 de outubro.

Notei hontem, já depois de lhes haver escripto, que em toda a linha se falava da imponente manifestação republicana, a proposito do funeral de Heliodoro Salgado. Foi devéraa grandiosa, e os herdeiros do Rei da Madureza (idiota popular de Lisboa) descobriram esta *sahida:*

— «Foi uma demonstração da maçonaria, contra o clero.»

Cada burro!

*

Não viram *maçonaria*, mas *republica*, os

pares do reino que hontem, na sua camara, assignalaram o facto, chegando, por signal, o illustre sr. *José d'Azevedo* a denunciar os marinheiros que tomaram parte no funeral. Mas tudo isso são *mouches de la cloche* — como dizia o Paulo Luiz Courier.

*

Com frenesi aguardam a abolição do imposto de consumo os honrados negociantes de generos alimenticios. Não sei se estão vendo os cavalheiros ensacando a differença nos impostos, — sem a minima differença no preço exigido ao consumidor. Mas diz-me Tiberio, ao ouvido:

— «Hão de cheiral-o.»

Tambem me quer parecer.

*

Os grandes assumptos — *pratos do dia* — são: o formidavel discurso do sr. João Arroyo, na camara dos pares, e aquillo de

o sr. João Franco dizer ás creanças na festa das escolas: — que o ensino garante a liberdade e a supremacia do povo sobre os reis (o que é verdade), convidando, ao mesmo tempo o principe real a proteger o ensino.

Como quem diz: — «Suicide-se!» Abobora!

*

Muito divertida a interrupção do discurso do sr. Arroyo pelo sr. ex-capitão Machado!

Sob o ponto de vista da auctoridade *mental:* não lhes parece?

Chega a ser patusco!

*

Disse ás creanças o sr. João Franco — que é preciso acreditar em Deus.

Preciso não me parece que seja. Talvez *racional;* hein?

Mas, emfim, Deus já deve estar aborrecido de lhe metterem os pés nas algibeiras.

Lembro me da minha velha creada Jacintha, que comprava, em todas as loterias, uma cautella de 50 réis. Mettia-a no oratorio, pedia a Deus a sorte grande — e, em frente da cautella branca, vociferava:—«não ha Deus!»

Parecia um *Voltaire* falsificador de generos e ladrão no pezo!

*

E tambem me occorre que ha bons 50 annos, tinha eu uns 8, ia, de manhã cedo, encafuar-me na egreja da Estrella, e pedir a Deus Nosso Senhor — que me fizesse saber a licção, que eu não tinha estudado.

Lá passava, regularmente; e esquecia-me de agradecer a Deus. Um verdadeiro mortal!

*

E vae agora o sr. João Franco e diz que *é preciso*... E' fazer do Eterno pouco mais ou menos!

23 de outubro.

A sonhada *abolição do imposto de consumo* suggere-me a seguinte idéa:

Um additamento á sonhada *abolição*, condemnando em prisão e rigorose multa os lojistas que explorassem em proveito proprio as vantagens da abolição — continuando a *sustentar os antigos preços de venda.*

Com vista aos falsificadores dos generos e ladrões do pezo, — para dizerem mal de mim.

*

Pelo que diz respeito ao meu pensar e sentir, só digo, sem errar, aos meus amigos de Cerva e de Mondim — que ha trepidação e rumor subterraneo. O desabamento parcial, pelo menos, é logico. Será certo? Eu tenho visto e sentido grandes tremores de terra *malogrados.*

*

Ha um ponto essencial para a comprehensão nitida de *tudo isto*. E' n'uma carta do sr. D. Carlos, lida na camara dos pares, quando S. M. diz que *os passados erros, etc.* Eu cá não fui. E até me parece pouca vergonha do Destino — que eu e outros soffressemos as consequencias do *regabofe* e soffremos hoje as da *entrada no bom caminho* (se o não sonharam). Que tal está o da rabeca?!

*

Antes que esqueça:

Se os de Monção querem realmente apurado o caso dos 4:068$000 réis do tal ex-administrador do concelho, berrem de lá, que eu barafusto de cá.

31 de outubro.

Vi hontem excepcionalmente risonhos dois *politicos* que andam, ha uns cinco mezes, embezerrados. Fez-me especie a transformação, e um d'elles mostrou me a seguinte noticia no *Popular*, relativa á sessão de ante-hontem na camara dos deputados:

«Tendo dado a hora de se passar á ordem do dia, o sr. Abel de Andrade requereu que, com prejuizo d'esta, lhe fosse permittido continuar o seu discurso. Pois na votação d'esse requerimento dividiu-se a colligação liberal. Os progressistas votaram, como as opposições, o requerimento do orador e os amigos do governo regeitaram-no, ficando porém vencidos.»

—Viu? berrou-me o *politico*.
—Vi.
—Temos o José Luciano em manobras.
—?!

—E' o que digo. Adeus!
Estes diabos!..

*

E' interessante o que no *Seculo* vejo nos seguintes termos:

«No domingo á noite, em Fanhões, povoação proximo de Bucellas e pertencente ao concelho de Loures, foi aggredido com facadas Manoel Barbosa, almocreve, d'aquella localidade, sendo o aggressor Maximiano Paradelo, calceteiro, tambem de Fanhões.

«O caso passou-se assim:

«O Barbosa, que conta apenas 16 annos de edade, namorou em tempo uma filha do Paradelo, de nome Bella, de 22 annos de edade.

«Ao que parece, relações entre os dois namorados tornaram-se muito intimas, tendo o Barbosa promettido casamento á Bella.

«Mais tarde, porém, como esta soffresse de *ozena* — enfermidade que consiste n'uma

ulcera na membrana mucosa das fossas nasaes e que exhala um pessimo cheiro — deu o dito por não dito e recusou-se a cumprir a sua promessa.»

Resultado: o pae da moça cortou dois dedos ao seductor de sua filha. E' perseguido pela justiça.

E eu acho muito justo que alguma coisa se cortasse ao garotão. Quando as relações d'elle com a rapariga se tornaram *muito intimas*, não lhe cheirou mal a petisqueira!?

Bem castigado patife! Assim a moda pegasse!

*

Não quero abster-me de deixar aqui o registo de um facto que a muitos impressiona dolorosamente,—eu entre elles. Falo da morte do sr. Manoel Joaquim Correia de Lacerda, o velho e leal progressista dos bons tempos de Delfim Maia e de Magalhães Aguiar, que em muito consideravam o seu digno correligionario politico e hon-

rado e brioso funccionario da Camara Municipal do Porto.

O finado, modelo dos grandes homens de bem, era pae do illustre poeta Narciso de Lacerda e de Manoel de Lacerda, empregado superior da repartição de fazenda do Porto, e ambos meus amigos inalteraveis de ha perto de 30 annos. Por elles e por mim sinto profundamente a morte d'aquelle homem justo.

---

13 de novembro.

O dia de hoje é temivel para os supersticiosos — *terça-feira, 13, novembro!* Um romano não saíria de casa.

Eu sáio, mas acautelado. E' que a gente, se se demora n'este mundo, com o mau sestro de *observar*, chega a julgar crivel o Inverosimil. Dá o braço ao Boileau.

(Ali está de bôca aberta o contrabandista gordo !)

... Tomára eu já passado o dia de hoje — *terça-feira, 13, novembro!*

*

Entende *O Liberal* que o *perigo* para o governo actual está na crise da fome que póde originar uma revolta dentro d'um anno.

E eu entendo que dentro d'um anno, ter-se-ha acostumado o paiz a passar sem comer, — á similhança do cavallo do inglez.

Logo em seguida morrerá d'isso, como a tal outra besta.

Por ali não vem *perigo* ao governo.

*

Muito a sério. Perguntava eu, um dia d'estes, a um antigo homem de estado, nada tolo:—Cairá no parlamento o governo? Ou na praça publica? Ou empurrado pela intriga?

E o velho estadista: — «Naturalmente,

por qualquer outro motivo desconhecido e imprevisto. Pois que o João Franco é um homem forte, cairá como os fortes: escorregando n'uma casca de laranja.»

Deve estar certo.

*

Do *Popular*:

«A mensagem do *commercio* ao sr. João Franco tem tido um successo louco. Todavia, muita gente desejaria conhecer os 600 patriotas que assignaram tão notavel documento.

«Será possivel obter a lista?»

Não é possivel, porque ha lá nomes tão patuscos que o successo passava de *louco* manso a louco *furioso*.

O sr. João Franco não tem culpa.

*

No parlamento discute-se com braveza os

caminhos de ferro do Alto Minho — que não atam nem desatam.

Lembra o da *via larga* arranjado aos de Santa Cóca pelo benemerito padre do *susto*.

E' verdade: se os piteireiros e zaragateiros de *via larga* quizerem esfolados os *4:068$000 réis*, puxem de lá, que eu puxo de cá.

---

14 de novembro.

Está aqui uma phrase singela, despretenciosa — e resolutiva. E' na chronica parlamentar de uma gazeta. Refere se á sessão de hontem na camara dos pares e noticia: — «As galerias desanimadissimas.» Claro: já não ha escandalos em perspectiva; o *civismo* recolheu á privada.

*

Já que me refiro á tal camara e á tal

sessão, farei notar a uns leitores menos attentos — que o sr. *José d'Azevedo Castello Branco* pronunciou se severamente contra a carestia dos generos alimenticios. Deve ser motivado pela falta de legação na China — com os 12 contos por anno.

Ai! que eu morro vestido! dizia o Oliveira Valle.

*

Na camara dos deputados o padre Luiz José Dias metteu os pés pelas mãos, a proposito da lei de contabilidade, mas não achou por onde meiter o *susto*. Foi tempo, que oxalá não volte — para me não dar incommodos de maior.

*

Presa pela millessima vez uma proxeneta immunda, conhecida por «A Barbuda», que em carcere privado e casa de prostituição retinha duas pobres raparigas que ao engano mandara vir da Covilhã: a Maria da Piedade e a Julia Amelia.

Denunciada, a infame megera pediu que lhe perdoassem e como a não attendessem teve o descaro de bradar:

—«Só então para o *Moreira de Alhos Verdros*, o patife que maton a mulher, é que não ha justiça!?»

Tem razão o monstro — contra o *outro*.

*

Voltando á camara dos deputados. De uma chronica de hoje do *Liberal*:

«O sr. *Oliveira Feijão* — Este sim seuhor. Fala rijo e forte. Envia para a mesa uma representação dos professores da escola medico-cirurgica de Lisboa, pedindo melhoria de ordenado. Em phrase calorosa defende que esse vencimento se estenda a todo o professorado superior. E um lavrador que estava na galeria disse logo: — Rica voz! Assim elle fallasse a defender os interesses dos vinhateiros do sul!

«O *orador* — No emtanto fala dos servi-

ços que os medicos prestam e quer tambem que se acabe a Escola Medica e se ponha lá uma mobilia catita. *(Muitos apoiados).*»

... Lá se vae o pé de meia arranjado pelo sr. João Franco! E a proposito da mobilia para a Medica, vejam se lhe mandam das cadeiras da camara dos deputados — que custaram *120 mil réis* cada uma!

E não ha de *José d'Azevedo*, defensor dos humildes, enfuriar-se contra os que esfaimaram o povo? Chiça!

---

16 de novembro.

Insisto em affirmar que, se eu fosse ministro de Hespanha em Lisboa, a policia havia de ser castigada — para não confundir homens sérios com gatunos — *naturalmente* porque eram hespanhoes, e o criterio d'estes lanzudos de chanfalho só conhece

hespanhoes ratoneiros, e d'ahi para cima toureiros e amantes dos chulos do Bairro Alto. Haviam de aprender a bem viver.

*

Tenho residido em Hespanha, por varias vezes e demoradamente Não conheço hospitalidade tão bizarra e carinhosa como a dos hespanhoes, nem mais distinctas mulheres do que as senhoras do paiz vizinho. As bestiagas do chanfalho só conhecem *deita gatos* e marafonas — na intimidade.

O que lhes vale é, talvez, — estarem abaixo do correctivo. Individualmente é certo, mas concorrem para o descredito do paiz.

E tão *pequeno* é já esse descredito!

*

Vindo de Caxias, chego ao Caes do Sodré, e ali encontro um politico da opposição que me diz:

—Já viu o *Diario de Noticias* de hoje?
—Já.
—Que me diz áquillo do rei?
—?
—Então, não viu?
—?
—Leia! (mette-me á cara o *Noticias*. Leio:)
«Parece que S. M. El-rei sae de Lisboa na proxima terça-feira »
—E d'ahi?
—Você não percebe?
—Eu não.
—*Estão em terra!*
E afasta-se, saltitando, o politico.

*

Lembra-me o dono de uma gazeta, o Ferreira da *Folha do Povo*, na qual eu redigia, ha annos, uma secção humoristica—*Os Ridiculos*. Antes de eu chegar á redacção, o Ferreira lia os jornaes da manhã e a lapis marcava *assumptos que eu poderia*

explorar. Ordinariamente tolices, de que eu não fazia caso. Um *assumpto palpitante*, que nunca escapava ao lapis indicador, era este:

«Partiu para Paris o conde de Burnay.»

O Ferreira commentava a lapis:

—Que bello ridiculo!

Nunca percebi o alcance do caso. Só um dia, como estivesse de mau humor, eu disse ao Ferreira:

—Ridiculo é você, que não pode ir a Paris!

São da pelle do diabo estes facciosos!

---

29 de novembro.

O sr. João Franco offerece a *bolsa e a vida* á Patria e á Monarchia. Devem ser abstracções — porque a Familia deve ter a preferencia, e o sr. João Franco não iria, decerto, privar os seus — da sua fortuna e do seu convivio terreno. Deve ser abstracção; não creio em mystificações.

E agora me lembro de, em creança, quando Garibaldi se apoderou de Roma, ter eu lido nas gazetas uma declaração de *fieis catholicos portuguezes* — de que estavam promptos a *voar* em soccorro de Pio IX. E ninguem voou.

Abstracções, já se deixa vêr!

*

Sahindo do seu meio abstracto, o sr. João Franco poderia ter affirmado dedicação pela Monarchia, pagando a pobre letra de *um conto de réis* que o Banco Commercial de Lisboa acaba de protestar contra a sr.ª D. Maria Pia.

Ou, pelo menos, segurando o braço do sr. *Mello e Souza* — seu primacial correligionario — director d'aquelle Banco, livrando-se da suspeita de que *expressamente*, etc.

O sr. João Franco é, como chefe de governo, o segundo cidadão portuguez. O primeiro está nas Necessidades.

Como segundo, o sr. João Franco tem de ser dedicado ao regimen — e mais do que isso: tem de parecel-o. Como a mulher de Cesar: diz bem o Gonçalves Vivas!

E se o é, não o parece. D'ahi um perigo imminente.

Passar de segundo a ultimo, com grande gaudio de quem eu cá sei.

Sei, mas não digo.

*

Esta da letra da sr.ª D. Maria Pia devia *dar muito de si*.

*

Do *Liberal*:

«Crise?

«Talvez por causa do mau humor do sr. João Franco correm persistentes boatos de crise.

«Um ministro disse a um amigo que não

pedia nada ao chefe do governo, porque elle anda muito aborrecido.»

Coitado! Lembra-me um cauteleiro que ha dias berrava, cá pela minha rua, um numero da loteria. E uma senhora visinha, fula:

— «Maldito homem que tanto berra! Já me doe a cabeça!»

E o cauteleiro:

— «Quando a você, que está calada, lhe doe, que fará a mim, que estou berrando?!»

Claro. Aborrecido *elle*. Que dirá o paiz— esfolado?

*

De Monsão:

Que tendo fallecido o empreiteiro da *via larga*, trata-se de renovar a empreitada. Aquillo tem ido a vapor, como é notorio.

Sério: a vapor foram os *4:068$000 réis*.

Não esquece.

Não escapa.

30 de novembro.

Insiste um dos meus amigos do Alto Minho em pedir-me exactas hypotheses (textual o absurdo) da vida politica do sr. João Franco, ou do termo d'ella. Eu não conheço exactidão possivel. Mas vejo *factos,* que *toda a gente* vê e aprecia. Não é de crêr que no alto, fóra dos dominios de toda a gente, deixem de vêl-os e de aprecial-os.

Por exemplo:

Abriu hoje *O Mundo* uma subscripção republicana, para pagar a letra da sr.ª D. Maria Pia. E' um escandalo terrivel, devido a quem podia com uma simples palavra, segurar o braço do sr. Mello e Sousa, director do Banco Commercial, que protestou a letra. Isto, — não querendo, da sua grande fortuna, tirar o sr. João Franco o miseravel conto de réis, *para salvar do escandalo a familia real.*

Tem-se dito que o sr. D. Carlos, conservando o sr. João Franco, obedecia a dois fa-

ctos: o receio de que esse politico se filiasse no partido republicano, e o estado de afastamento dos outros chefes politicos.

Ora, já todos nós sabemos que os srs. Hintze, José Luciano, José Dias e Julio de Vilhena estão promptos para os encargos da herança. Quanto ao perigo de para os republicanos vir o sr. João Franco, só alguma sopeira ou algum marçano de mercearia tal julga e em Lisboa.

E' vêr no *Mundo* de hoje:

«Coisas no ar

«O sr. João Franco fez hontem saber no parlamento que não assistia ao discurso do sr. Alpoim, porque a sr.ª D. Amelia o mandára chamar ao paço. Por outro lado, não houve sessão, por falta de numero, na camara dos deputados.

«Os dois factos constituiram o pratinho da tarde, para as conversas politicas, havendo quem affirmasse que o governo estava em terra.

«Talvez esteja. Talvez.

«Mas, se o sr. João Franco cahir, cae desastradamente, podendo cahir de cabeça levantada, altivamente.

«Hoje, ou quando fôr, ha de, portanto, cahir, enterrado, para não mais se levantar.»

... O sr. D. Carlos deve vêr, como *toda a gente.*

*

O *Diario de Noticias* desmente os boatos de crise ministerial, bem assim de más relações entre os srs. José Luciano e João Franco.

Não têem mais importancia os desmentidos do que os boatos. Mas o *Diario de Noticias* perde toda a auctoridade quando diz que o sr. João Franco deixou de comparecer no parlamento, porque teve de conferenciar com a rainha — sobre sanatorios.

E' um cumulo... não de finura, bem entendido.

*

Uma palavra caracterisa *tudo isto*: — Agonia!

---

21 de dezembro.

Veiu hontem publicada em diversos jornaes de Lisboa a seguinte nota que o povo portuguez deve trazer ao peito, n'um escapulario para, ao menos, decorar, quando souber lêr. Recortem a nota e dependurem-n'a ao pescoço do pobre *Zé* — entre a pelle e a camisa.

Emquanto ha camisa e pelle.

Eis a nota:

«Para que o povo saiba como é tratado, offerecemos lhe hoje duas notas curiosas. Uma do que se gasta com o exercito, outra

do que se gasta com a instrucção publica.

«Vamos a isto:

Guarda municipal	1.003:000$000
Exercito, despeza ordinaria	7.069:000$000
Dita extraordinaria.....	1.041:000$000
Guarda fiscal	995:000$000
Marinha.....	3.516:000$000
Total	13.624:000$000

«Com o exercito gasta-se annualmente 13.624 contos, arrancados ao suor do povo que trabalha.

«Com a instrucção é outra coisa. Não vale a pena gastar muito dinheiro.

«A conta é simples:

Instrucção primaria.....	346:000$000
Instrucção secundaria	253:000$000
Instrucção superior	389:000$000
Total	988:000$000

Fóra, patifes!

Estou a falar com os Cafres.

*

A conferencia do sr. dr. Carneiro de Moura, o illustre director do *Liberal*, realisada hontem, ácerca da lei de imprensa, foi uma excellente pagina de Historia e de Critica. Sinto profundamente que a minha deteriorada saude me não permittisse ouvir o orador, que é honra da nossa classe. Quanto a licções, por mais eloquentes, são desdenhadas pelos tyrannos e pelos tyrannetes — gordos e magros. Como disse Camillo dos janotas do Porto: — «E' preciso bater-lhes, para magual-os.»

*

O ministerio *que ahi vem* compõe-se dos seguintes membros, segundo alguem que com o diabo falla á meia noite:

— *Presidencia e reino* — Julio de Vilhena.
— *Justiça* — Campos Henriques.

— *Guerra* — Sebastião Telles.
— *Marinha* — João Pinto dos Santos.
— *Estrangeiros* — Wenceslau de Lima.
— *Fazenda* — ?...
— *Obras publicas* — Conde de Bretiandos.

Para a fazenda: insiste um leitor. Não se sabe ainda, porque os administradores correctos acham o *activo* insignificante. Têem razão; mas *eu cá não fui*.

---

26 de dezembro.

Ha ali perto de minha casa, na rua do Abarracamento de Peniche, um redemoinho permanente, como nunca vi. Quer haja vento, quer não, em toda a cidade, ali faz sempre ventania. E toda a papelada, reduzida a lixo, vem das ruas visinhas procurar o tal ponto da mencionada rua — e ali em redemoinho sobe em espiraes patuscas até um terceiro andar.

Depois desce tudo aquillo e acommoda-se na rua — até vir mais vento.

Os boatos politicos de cada momento já me dão ares de papeis velhos e rotos — em agitação grotesca. Vêde vós:

*

Que o governo estremece e cambaleia. Guarda de baixo!

Que no paço dos Navegantes desce a cotação francacea, mas que, por isso mesmo se aproximam os regeneradores do sr. Hintze aos do sr. João Franco. Tóma!

Que no caso da queda do governo, teremos um gabinete Vilhena — como eu já vos disse — de *acalmação*. Malvas!

Que teremos um gabinete Beirão, amparado pelo paço dos Navegantes. Os velhos batibarbas e *chechés*.

Que o rei vae proceder. *Ai lari ló lé!*

Que o rei está coacto: que não se mexe, nem se mexerá. Olá!

Que teremos *isto* por largos tempos, com

ajuda da espada e do metro. O habito é uma segunda Natureza.

Que está tudo hypnotisado, nas regiões officiaes. Effectivamente...

Parece-me poder concluir:

—Malditos os que tornaram *isto* possivel! E não lhes digo mais nada.

---

29 de dezembro.

Vamos por uma semana morta; mas os acontecimentos vão vivendo—e hão de vêl-os breve.

Dois projectos de manifestação—no ar. E d'esses projectos pode sair *coisa grave.* Refiro-me á ideia de certos *Gomes Netto*, auxiliados pelos manes do *sr. Ricardo*, irem, no dia 28, esperar e cumprimentar o rei, que de Villa Viçosa regressa a Lisboa; e tambem aquillo de uns filhos de Marte irem no dia 1 ou 2 de janeiro, á rua da Emen-

da, cumprimentar o da presidencia do conselho.

N'estes casos e em identicos, o grave erro está em annuncial os. O *amargo* e o *enjoativo* engolem-se — sem prevenção. Isto pelo que toca aos ingenuos. Os *outros* lá sabem.

Ides vêr, acho eu, *alguma coisa* fóra do programma, se não desapparecerem os projectos.

Adiante!

*

A crise ministerial está latente. O sr. José Luciano só espera que o da presidencia do conselho discuta os *adiantamentos* e o *orçamento*. Moralidade e economia é o forte da situação: dizem os manes do *sr. Ricardo*. Ahi será, pois, que se ajustem contas. Ai, que rico!

*

A proposito de uma phrase grutesca de

Roberto Peel, do Fundão, ácerca da liberdade de imprensa:—«o governo desinteressa-se»,—dizia hoje na Havaneza, com graça que fazia rir toda a gente, um tipo lisboeta:

—«O governo estende-se? Deixal-o! O governo desinteressa-se.»

*

Foi ha bons 40 annos que eu li estas palavras de Camillo Castello Branco, ao enterrar um adversario:

—«Sepulturas em que se insculpe o epitaphio do riso pelo ordinario fecham-se para sempre.»

... Ou abrem-se, para servir de pia.

*

E' natural que pouco tornemos a conversar, este anno, o leitor e eu. Liquidarei, pois, dizendo que o 1906 foi um anno de

symphonia. Vamos ter opera — e de grande espectaculo.

Será uma affirmação decisiva de que estamos vivos. Ai de nós, se a opera não viesse!

*

Verdade, verdade: Para ao termo de 60 annos de paz podre — na alma e no corpo — se mostrar ainda vivo o pobre torrão nacional, é preciso ter a vida bem agarrada ao corpo.

Tal diria aquelle cozinheiro da tasca, que ás vezes faz de jornalista. E diria bem.

A cada hora, vos digo eu, se nos impõe a sentença de Littré: — «Não se modifica, por meio de leis, o cerebro de um povo.»

Não se modifica.

Se ha atrophia, da paz podre, da ignorancia, da extagnação moral: do consequente desdem pelo tripudio dos altos e gordos gatunos, não surgirá, subitamente, a decretos avelhacados, nem a decretos since-

ros, a affirmação da sciencia e da consciencia.

Mas, n'um dado momento historico, póde surgir *outra coisa:*

Vamos vêr.

---

30 de dezembro.

Mais, para o bom *Zé* trazer ao pescoço, em escapulario:

O sr. dr. João de Menezes refere na *Lucta*, servindo-se de documentos officiaes, que já foram produzidos na camara dos deputados, que em 1902 começaram as obras da sala de jantar das Necessidades, gastando-se no anno economico de 1902-1903, a quantia de 2:999$745 réis. No anno economico seguinte, de 1903-1904, a despeza com essas obras foi de 9:999$960 réis; no anno economico de 1904-1905, de réis 58:902$045; no anno economico de 1905-1906, de 19:995$795 réis e no anno eco-

nomico corrente, de 1906-1907 já essas despezas vão em 39:994$170 réis. Total: 131:891$715 réis. E faltam, ainda, os trabalhos de pintura decorativa e dourados, cuja importancia devem elevar os gastos geraes a 138:000$000 réis.

Commentam patuscamente as *Novidades:*

«Oh! uma sala de jantar confortavel! Decididamente, não ha nada que lhe chegue!»

Quem manga tambem morre. O que eu vejo e declaro é que no Paço Real succede o mesmo que em minha casa. Por exemplo: — a minha meza da casa de jantar estava como as seis cadeiras, em mau estado. Levei dois annos a substituir tudo aquillo. Em 1901 meza concertada, e em 1902 cadeiras novas. Tambem sei o que são *necessidades.*

Mas hoje póde-se comer na minha casa de jantar.

E' modo de dizer. *Pódem comer os de casa.*

*

O *Popular*, citando individuos que no Terreiro do Paço deram, no sabbado, vivas á familia real, termina assim:

«Quasi todos os deputados e pares de reino, muitos officiaes superiores de terra e mar e muitas centenas de outras pessoas ali se viam, cujos nomes não nos foi possivel apontar.»

Por outra, em versos *alexandrões:*

Quasi todos os deputados e pares do reino
Muitos oficiaes superiores de terra e mar
E muitas centenas d'outras pessoas ali se viam
Cujos nomes não nos foi possivel apontar.

São versos *para encher o papel todo* — como preceituava o capitão-mór da *Morgadinha de Valflôr*.

Podem ser do meu padeiro, Castanheira de Moura:—dá a mais na metrificação dos

versos o que a menos póde dar no pezo de pão.

E tambem podem ser do sr. João Franco: o acrescimo nos versos e o deficit no vencimento... dos *civis*.

E fica certo.

---

31 de dezembro.

Na *Voz Publica*, do Porto, (de 26 de dezembro de 1906) lê-se:

«Em julho de 1792, a França e a Revolução estavam em perigo. Havia condensação e combinação de infortunios. Os Austriacos avançavam sem resistencia até perto de Straburgo; em Flandres, um general idiota, Lukner, embargava os planos militares de Dumouriez, o unico general habil d'aquelle tempo, ao serviço da França; Lafayette consagrava-se á côrte que o detestava; na Alsacia, o general Biron mostrava-se incompetente e desanimado. A Breta-

nha sublevava-se, pelo rei. Pitt iniciava as hostilidades da Inglaterra á França — tão funestas aos dois paizes. As Tulherias, em permanente conspiração, cantavam a derrota do povo. A nação parecia já prevêr a victoria dos devoristas e dos tyrannos.

Uma tarde, ao sahirem da Assembléa Legislativa, dois deputados apenas conhecidos — Chabot e Granjeneuve — preoccupados nos acontecimentos, encaminharam-se na direcção do Sena, e ali, juuto ao velho Louvre, de sinistras recordações, pararam, e então se produziu o seguinte dialogo, que a historia recolheu da narrativa de um d'elles.

— Como vês, o momento é decisivo, disse Granjeneuve, depois de examinarem a situação. O povo perde o enthsiasmo; dentro em pouco perderá a confiança nos seus defensores e a fé no futuro. Não te parece?

— Não ha duvida. E o remedio?

— Havia um: — Vergniaud falar. Mas não ha contar com esse homem. Passa a vida em amores e em distracções artisticas. E'

pena, porque só um discurso de Vergniaud salvaria *a patria em perigo*. Mas descobri outro recurso.

— ?!

— Logo, de noite, eu espero aqui n'este sitio. E' solitario, quando fóra d'horas. Tu arranjas um malfeitor, a quem pagas; traze-l-o comtigo. Eu não me defendo; elle mata-me. Percebes?

— E depois?

— Espalhas que foi a Côrte quem me mandou assassinar; e ahi temos sublevado e animado o povo.

Era tal a expressão de firmeza d'aquella physionomia, que Chabot limitou-se a dizer:

— Pois sim; virei.

*

Foi d'ali procurar Vergniaud, e contar-lhe tudo.

Ouviu-o o grande orador e, envergonhado, ao comparar com tal stoicismo e dedicação a sua propria indolencia, disse:

— Pódes garantir ao nosso collega Granjeneuve que falarei, como é urgente. Peço-lhes apenas ires dias.

Noite já, e vae Chabot ao local, onde o esperava e á Morte, Granjeneuve. Dirige-se jubiloso ao homem que esperava, e diz-lhe:

— E' inutil o sacrificio. Vergniaud vae falar.

Simples palavras de Granjeneuve:

— *Talvez fosse melhor o que eu propunha.*»

*

Falou Vergniaud. Foi o prodigioso discurso que deu em terra com a Realeza, destruindo todos os sophismas da Constituição.

Vão lêr.

No entanto, limito-me a repetir, com o historiador:

— *Que podia fazer a Monarchia contra similhantes homens?!*

SILVA PINTO.

O DISCURSO

Cidadãos! dirijo-me a vós e perguntovos: Que estranha situação é esta em que se acha a Assembléa? Qual é a fatalidade que nos persegue, marcando cada dia por alguns acontecimentos que, introduzindo a desordem nos nossos trabalhos, nos impellem constantemente para a agitação tumultuosa das inquietações, das esperanças, e das psixões? Qual é o destino que prepára á França essa terrivel effervescencia, no seio da qual quasi que duvidâmos se a revolução retrograda, ou caminha para o seu termo?!

Quando parece que os nossos exercitos do Norte fazem progressos na Belgica, vemol-os repentinamente retirar-se em frente do inimigo, trazendo a guerra para o nosso territorio. Entre os desgraçados Belgas sómente se conservará de nós a memoria dos incendios que tiverem allumiado a nossa retirada. Do lado do Rheno, os Prussianos accumulam-se incessantemente sobre

as nossas fronteiras descobertas. Porque é que, mesmo no momento d'uma crise tão decisiva para a existencia da nação, se suspende o movimento dos nossos exercitos, e, por uma prompta desorganisação do ministerio, se quebram os laços da confiança, e se entrega a salvação do imperio ao accaso e a mãos inexperientes?! Será verdade que se receiam os nossos triumphos? Deseja-se o sangue do exercito de Coblentz ou o do nosso? Se o fanatismo do clero nos ameaça de nos fazer victimas da guerra civil e da invasão, qual é a intenção d'aquelles, que com uma obstinação invencivel, se recusam a sanccionar os nossos decretos? Querem reinar sobre cidades abandonadas e em campos devastados?

Qual é, com exactidão, a quantidade de lagrimas, de sangue, e de mortos que baste para a sua vingança? Onde estamos nós, finalmente? Meus senhores, cujo valor os inimigos da constituição se lisonjeiam de ter reprimido: — vós, cuja consciencia e probidade elles tentam assustar quotidiana-

mente, qualificando o vosso amor da liberdade por *espirito de facção*, como se vos houvesseis esquecido de que uma côrte despotica e os covardes heroes da aristocracia deram este nome *faccioso* aos representantes que foram prestar juramento ao Jogo da Pella, aos vencedores da Bastilha, e a todos quantos fizeram e sustentaram a revolução: vós, que sois calumniados, pelo simples facto de não pertencer á raça que foi reduzida a pó pela Constituição: vós, em quem não esperam encontrar cumplices os desgraçados que pedem a honra infame de se rojarem diante d'essa raça: vós, a quem pretendiam alienar do povo, porque se sabe que o povo é o vosso apoio, e que, se desertasseis criminosamente da sua causa, merecereis ser abonados por elle, e lhes seria então facil dissolver-vos: vós, a quem pretenderam dividir, mas que addiaes para depois da guerra as vossas divisões e pendencias, não vos parecendo agradavel o aborrecer-vos mutuamente, e preferindo a esse jogo infernal a salvação da patria: vós,

a quem pretendem assustar por meio de petições armadas, como se não soubesseis que no começo da revolução o sanctuario da liberdade foi cercado pelos satelites do despotismo, Paris sitiado pelo exercito da côrte, e que esses dias de perigo foram os dias de gloria da nossa primeira Assembléa: vou, emfim, chamar a vossa attenção sobre o estado de crise em que nos encontramos.

Estas desordens intestinas teem uma causa: manobras aristocraticas, e manobras sacerdotaes, todas tendem para o mesmo fim, isto é para a contra-revolução.

O rei negou-se a sanccionar o nosso decreto ácerca das desordens religiosas. Não sei se o sombrio genio de Medicis e do cardeal de Lorena caminha ainda errante pelas abobadas do palacio das Tulherias, e se o coração do rei é atribulado pelas idéas fantasticas que lhe suggerem, mas, sem lhe fazer injuria, e sem o accusar de ser o inimigo mais perigoso da revolução, não é permittido acreditar que elle queira animar

pela impunidade as tentativas criminosas da ambição sacerdotal e dar aos orgulhosos apoios da thiára o poder com que tem egualmente opprimido os povos e os reis; sem lhe fazer injuria, e sem o declarar o inimigo mais cruel do imperio, não é permittido acreditar que elle se compraza em perpetuar as sedições, em eternizar as desordens que o precipitariam na sua completa ruina, por meio da guerra civil. Concluo, pois, que se resiste aos vossos decretos, é porque se julga muito poderoso para manter a paz publica, sem dependencia dos poderes que lhe offereceis. Portanto, se não é mantida a paz publica, se o fanatismo continua a ameaçar com o incendio do reino, se as violencias religiosas continuam a assolar os departamentos, é porque os proprios agentes da auctoridade regia são a causa de todos os nossos males. Pois bem, respondam elles com a cabeça por todos os disturbios a que serve de pretexto a religião; n'esta responsabilidade terrivel, mos-

trae o termo da vossa paciencia e das inquietações da nação!

A vossa sollicitude pela segurança exterior do imperio aconselhou-vos a decretar um acampamento em Paris, onde todos os confederados da França deviam apresentar-se no dia 14 de julho para renovarem o juramento de viver livres, ou de morrer. O sopro envenenado da calumnia manchou este projecto: o rei negou-se a dar sancção ao decreto. Respeito muito o exercicio d'um direito constitucional, e por isso não vos proponho que torneis os ministros responsaveis por tal recusa: mas se acontecer que antes de se reunirem os batalhões, o solo da liberdade fôr profanado, deveis tratal os como traidores. Cumpre que elles mesmos sejam arrojados ao abysmo, que a sua incuria ou malevolencia tiver aberto debaixo do pés da liberdade; rasguemos, finalmente, a venda com que a intriga e a adulação cobriram os olhos do rei, e mostremos-lhe até onde alguns amigos perfidos se esforçam por o conduzir!

E' em nome do rei que os principes francezes levantam contra nós as côrtes da Europa; é para vindicar a dignidade do rei que se concluiu o tratado de Plinitz; é para defender o rei que vemos marchar para a Allemanha, debaixo do estandarte da rebellião, as antigas companhias dos guardas de corpo; é para auxiliar o rei que os emigrados se alistam nos exercitos austriacos e se preparam para despedaçar o seio da patria; é para se reunirem a esses *valentes guerreiros da prerogativa real* que outros abandonam os seus postos em frente do inimigo, trahindo os seus juramentos, roubando as caixas militares, corrompendo os soldados e collocando d'este modo, a sua honra na covardia, no perjurio, na insubordinação, no roubo, e nos assassinios: o nome do rei, finalmente, figura em todos estes desastres.

Ora, na Constituição, leio o seguinte:

«Se o rei se collocar á frente d'um exercito, e o dirigir contra a nação, ou se, por um acto formal, não se oppuzer a uma tal

empreza executada em seu nome, entender-se-ha que abdicou.»

Fôra inutilmente que o rei responderia:

«E' verdade que os inimigos da nação pretendem que obram unicamente com o intuito de levantar o meu poder, mas eu provei que não era seu cumplice: obedeci á Constituição; puz os exercitos em campanha; é verdade que esses exercitos eram muito fracos, mas a Constituição não determina a força que eu devia dar lhes; é verdade que os reuni muito tarde, mas a Constituição não marca o tempo em que me cumpria reunil-os; é verdade que alguns corpos de reserva os poderiam auxiliar, mas a Constituição não me obriga a formar acampamentos de reserva; é verdade que quando os generaes avançavam sem resistencia pelo territorio inimigo, lhes ordenei que retrogradassem, mas a Constituição não me impõe a obrigação de ganhar victorias; é verdade que os meus ministros illudiram a Assembléa nacional. ácerca do numero e da disposição das tropas,

e da maneira porque estavam apercebidas. mas a Constituição dá-me o direito de escolher os meus ministros, não me determina que dê a minha confiança aos patriotas e que despeça os contra-revolucionarios; é verdade que a Assembléa nacional promulgou os decretos necessarios para a defeza da patria, e que me recusei a sanccional-os, mas a Constituição garante-me essa faculdade; é verdade, finalmente, que se opera a contra revolução, que o despotismo vae entregar nas minhas mãos o seu sceptro de ferro, com que eu vos esmagarei, que vos punirei por terdes tido a insolencia de querer ser livres, mas tudo isto se faz constitucionalmente, e de mim não emanou acto condemnado pela Constituição; portanto, não é permittido duvidar da minha fidelidade para com a Constituição, e do meu zelo em a defender.»

Se fosse possivel, meus senhores, que nas calamidades d'uma guerra funesta, nas desordens d'um movimento contra-revolucionario, o rei dos Francezes nos fallasse

esta linguagem irrisoria, se fosse possivel que elle nos fallasse do seu amor pela Constituição, com uma ironia tão insultante, não estariamos no direito de responder-lhe?

«O' rei, que, como o tyranno Lysandro, acreditastes que a verdade valia tanto como a mentira, e que cumpria divertir os homens com juramentos, do mesmo modo que se entretêm as creanças com brinquedos e passatempos; que simulastes amar as leis para conservar o poder que vos serviria para as afrontar; que simulastes ter amor pela Constituição, para que ella não vos precipitasse do throno, onde carecieis de vos conservar, para a destruir; que fingistes amar a nação, para dar segurança ao successo das vossas perfidias, inspirando lhe confiança: Julgaes que nos illudis hoje com protestos hypocritas? Entendeis que nos fazeis duvidar da verdadeira causa das nossas desgraças, pelo artificio das vossas desculpas; e pela audacia dos vossos sophismas? Será defender-nos oppôr ás tropas estrangeiras algumas forças, cuja inferiori-

dade não permittia que se duvidasse da sua derrota? Será defender-nos não admittir os projectos tendentes a fortificar o interior do reino, ou fazer preparativos de resistencia para a época em que já seriamos victimas dos tyrannos? Será defender-nos não vos oppôrdes a um general que violava a Constituição, e lançardes grilhões ao valor dos homens que a serviam? Será pugnar pela nossa defeza paralysar constantemente o governo pela desorganisação continua do ministerio? A Constituição permitte-vos a escolha dos ministros para nossa ventura, ou para nossa infelicidade? Constituio-vos chefe do exercito para nossa gloria, ou para nossa vergonha? Deu-vos, finalmente, o direito de sancção, uma lista civil, e tantas outras grandes prerogativas, para perder constitucionalmente a Constituição e o imperio? Não, não, homem que a generosidade dos Francezes não poude commover, homem a quem sómente poude tornar sensivel o amor do despotismo: vós não cumpristes os desejos da Constituição; talvez

que ella venha a ser destruida, mas não recolhereis o fructo do vosso prejurio. Não vos oppozestes por um acto formal ás victorias que foram alcançadas em vosso nome sobre a Liberdade, mas não gosareis o fructo d'esses indignos triumphos. Já nada sois para essa Constituição, que indignamente haveis violado, nem para este povo, que tão covardemente haveis atraiçoado!»

Como estes factos que deixo referidos estão ligados com muitos actos do rei; como é certo que os falsos amigos que o cercam estão vendidos aos conspiradores de Coblentz, que ardem em desejos de perdel-o, com o intuito de collocar a corôa na cabeça d'algum dos chefes da sua conspiração; como é importante para a sua segurança pessoal, tanto como para a segurança do imperio, que o seu procedimento não desperte suspeitas, proponho que se lhe dirija uma mensagem que lhe lembre as verdades que acabo de proferir, e que n'ella se lhe prove que a neutralidade que con-

serva entre a patria e Coblentz seria uma traição para com a França.

Peço tambem que declareis — a Patria em perigo. Vereis que a este signal de rebate, se reunirão todos os cidadãos, que a terra se cobrirá de soldados, e que se renovarão os prodigios que cobriram de gloria os povos da antiguidade. Os francezes regenerados de 1789 já não tem patriotismo? Não chegou o dia de reunir todos aquelles que estão em Roma e no monte Aventino? Esperaes que, cançados das fadigas da revolução, ou corrompidos pelo habito de se ostentarem no palacio do rei, alguns homens fracos se costumem a fallar da Liberdade sem enthusiasmo, e da escravidão sem horror? O que é que nos preparam? Quer-se estabelecer o governo militar? O paço é suspeito de projectos perfidos; manda fallar em movimentos militares, em leis marciaes, e que se familiarise a imaginação com o sangue do povo. O palacio do rei dos Francezes converteu-se de repente n'uma praça de guerra; mas onde estão os inimi-

gos? Contra quem se apontam a artilheria e as baionetas? Os amigos da Constituição foram demittidos do ministerio. As redeas do imperio conservam-se fluctuantes ao acaso, no momento em que era necessario, para as sustentar, tanto vigor como patriotismo. Fomenta-se a discordia geral, o fanatismo triumpha, a conveniencia do governo augmenta a audacia das potencias estrangeiras, que vomitam contra nós exercitos e grilhões, o que esfria a sympathia dos povos, que occultamente fazem votos para que triumphe a Liberdade. Estas cohortes inimigas agitam-se; a intriga e a perfidia tramam traição. O corpo legislativo oppõe a estas conspirações alguns decretos rigorosos, mas necessarios; a mão do rei rasga-os. E' tempo ainda. Chamae todos os Francezes para salvar a patria; mostrae-lhes toda a immensidade do abysmo. Não lhes cabe fazer um esforço extraordinario; vós é que deveis preparal-os para tal esforço, por um movimento electrico, que se communique a todo o imperio. Imitae vós

mesmo os Espartanos das Thermopylas, ou esses anciãos respeitaveis do senado romano, que foram esperar ao limiar das suas portas a morte, que lhes traziam á patria ferozes vencedores. Não careceis de fazer votos para que nasçam os vingadores d'entre as nossas cinzas. No dia em que o vosso sangue tingir a terra, a tyrannia, o seu orgulho, os seus palacios e os seus protectores desapparecerão para sempre, diante da omnipotencia nacional e da colera do povo!

---

2 de janeiro de 1907.

Em materia de nossa Politica fechou o anno com a chave d'ouro do ridiculo immortal. E' vêr isto nos jornaes d'hoje, relativo ao encerramento das côrtes:

«Com a assistencia de 3 pares do reino e 11 deputados, entre os quaes se incluiam os membros do governo, realisou-se hon-

tem a sessão real do encerramento das côrtes.

«As galerias não chegaram a ser franqueadas ao publico, porque o acto decorreu em breves minutos e porque não havia espectadores».

... Encerrado o anno tinhoso, vamos lá a vêr se temos limpeza de baixela!

*

Já sabem que a famosa Companhia de Panificação, em que é trumfo o meu padeiro, Castanheira de Moura, — collega do Gomes Netto em *esperas*, — resolveu vender *mais barato* o pão a quem fôr compral-o ás padarias. Se achar tolos em sufficiente numero, acaba com os vendilhões, ou distribuidores de pão aos domicilios — *umas duas mil familias;* supprime as padarias independentes, e depois dirá aos tolos — *quanto o pão custa.*

E o meu padeiro, Castanheira de Moura,

analphabeto, mas ricaço *e com gazeta*, passará a collega do *Faz-Milhões*.

E que nos conta a austeridade do sr. Franco?

*

Na ultima sessão da *Kagadeira Municipal* de Lisboa:

«O sr. vereador José Bello propoz que se consignasse na acta um voto de bom desejo de que todos os municipes tivessem festas felizes e que o anno de 1907 lhes fosse mensageiro de felicidades.»

... Agradeço, pela minha parte. Graças á *ex-Kagadeira*, teremos felicidades em barda, se é certo o que vêmos nas entrelinhas dos *casos* varios: como sejam carnes, pão, electricos e lixo — toda a lixarada!

Tenho cá um palpite a respeito de 1907.

5 de janeiro.

Tenho inutilmente esperado, por alguns dias, a continuação de uns artigos ácerca do augmento da gatunagem menor em Lisboa e da urgencia em embargal-o. O primeiro artigo foi publicado em uma folha da capital, e outros foram promettidos. Pois que elles não apparecem, não me abstenho de referir-me a uns erros do primeiro. São os seguintes, e, se os menciono, não é porque me julgue constituido em annotador obrigatorio do assumpto; mas porque se trata de materia alheia e superior á declamação.

*

Tendo o articulista registado o deposito de menores na cadeia do Limoeiro, e não contente com a permanencia dos rapazes *em transito* demorado, intima os poderes publicos a que recolham os menores ás Correções. Não está certo.

Em primeiro logar, as Correções (districto de Lisboa, *em Caxias*, districto do Porto, *em Villa do Conde*, e Colonia Agricola de *Villa Fernando*, no Alemtejo), têem lotação que não póde confundir-se com as plataformas dos *electricos*. E' fixada pelas condições hygienicas e pela dotação dos estabelecimentos. Supponhamos *quatrocentos menores reclusos* — o maximo, distribuidos pelos tres estabelecimentos. Claro que não ha sahidas constantemente; no entanto *e constantemente* augmenta o numero de vadios. Nos bairros pobres são aos cardumes — os *incorrigiveis*. E, pois que o Limoeiro já tem demais, sem attingir cincoenta, ahi temos Lisboa ameaçada de uma praga de garotos, como a dos coelhos na Australia.

A policia prende-os, mas, sem destino a dar-lhes, solta-os e manda-os á *vida*. Que vida? A' aprendizagem da gatunice. Dentro de dez annos, se não intervém a sério, haverá em Lisboa fortes quadrilhas, organisadas.

Por quem? Pela miseria, pelo abandono da *questão* — uma imbecilidade.

*

Abandonar os desgraçaditos ao seu destino está na natureza humana: executa se. Mas não é humano fornecer, pelo desprezo do assumpto, elementos ao maximo perigo social. Não é humano, porque é de uma imprevidencia idiota: nem criterio, nem instincto! Se hoje, *dez annos antes*, eu interrogo sobre o *caso* uma auctoridade intelligente, vejo-a mudar de assumpto, com precipitação. Que não será *depois?* De quando em quando apparece nos jornaes a lamentação dos habitantes e dos transeuntes contra o jogo da pedra e os insultos dos rapazes. E ha a formação de *purrias*, esboço de quadrilhas. A policia já soffre resistencias, enxovalhos: os *menores* são ajudados pelos *maiores*. Como accudir áquillo — aos que a Sociedade abandona e que naturalmente constitue, a breve praso, *inimigos* d'ella?

Parece-me obrigatorio, quando se indica, em publico, uma miseria de similhante ordem, apresentar um alvitre, no intuito de attenual-a, ou de embargal-a. Estando, pois, atulhadas as Correções, e crescendo diariamente o numero dos vadios e passando diariamente a *maiores* os *menores*, que importa, sem perda de tempo, fazer?

Estabelecer o trabalho obrigatorio,—bem como o ensino. Pódem as classes altas considerar perigoso o ensino da *plebe*, mas a obrigação do trabalho impõe se como *salvação de todos*. De todos!

Ha ali no Alemtejo leguas e leguas de terreno, — em pousio quando os homens cultivam o descanço. Ali está o terreno da salvação — a experimentar desde já. Alliviar a população das cidades e os encargos d'ellas, collocando nas Colonias Agricolas — independentes da de Villa Fernando e do

seu Regulamento — milhares de menores, não sob o regimen *penal*, mas *preventivo*, seria possivel, e seria facil. Estudem isso — já!

CRITICAS

«COMBATES E CRITICAS»

Foi para antigos profissionaes objecto de saudações carinhosas,—impressas, manuscriptas, ou verbaes,—dispensadas ao auctor e ao reapparecimento da obra, a reedição dos tres livros de *Combates e Criticas*, outr'ora publicados — em 1882, 84 e 86. Os modernos de claro entendimento sanccionaram, por eguaes processos, o voto dos meus antigos camaradas. A uns e outros agradeço sincera e commovidamente.

Olhando eu para a primeira edição dos *Combates*, naturalmente cae o meu espirito em recordações pungentissimas consagradas aos tantos que eu amei ou combati, em condições reciprocas de rivalidade e de fé. Desacerta, a miude, o meu pobre destino, em apoquentarem-me uns sobreviventes, e é para trocarmos olhares de desolação e de amarissima saudade — até pelas horas de

fucta encarniçada, mas leal e a descoberto o rosto.

A' beira dos sessenta annos da minha idade e dos quarenta de trabalho litterario, affirmados em quinze mil paginas escriptas e publicadas, é-me gratissimo pensar e sentir que não aviltei o exercicio da palavra escripta, *combatendo pelo Justo;* que esse ideal amei sobre todas as coisas da Terra; que lhe consagrei sempre os recursos da minha intelligencia, do meu caracter e do meu esforço, — *e que não tenho a retirar coisa alguma*. Falem outros — agora.

SILVA PINTO.

1907.

«COMBATES E CRITICAS»

I

«A individualidade litteraria de Silva Pinto é d'aquellas que dispensam encomios e louvaminhas, de tal modo ella se encontra do ha muito firmada brilhantemente no nosso meio intellectual. Basta citar lhe singelamente o nome, desacompanhado de adjectivos laudatorios, para que todos saibam que se trata de um escriptor de poderosa envergadura: tal a fórma por que elle tem sabido impôr-se e conquistar a mais legitima admiração, pelas raras faculdades do seu espirito eminentemente critico. E tanto mais isto accentua os altos meritos d'este escriptor, quanto é certo que os seus admiradores os não tem elle alcançado, como tantos outros, nos deprimentes torneios do elogio mutuo: antes a independencia dos

seus juizos e opiniões, formulados e lançados a publico sem preoccupações de nenhuma especie, não poucos rancores e despeitos lhe provocaram.

«Passada, porém, a dolorosa impressão das feridas causadas na epiderme de tantas vaidades, pelo afiado estylete critico d'este escriptor, os proprios alvejados pelos seus golpes certeiros acabaram por curvar-se perante elle, em reverente testemunho de admiração. E não só com os mediocres isto se deu. O maior de todos os escriptores portuguezes do nosso tempo, o incomparavel Camillo Castello Branco, que com Silva Pinto travara *um recontro de polemistas assanhados*, segundo o seu proprio dizer, acabou por conciliar-se com o seu adversario e prestar-lhe a valiosa justiça da sua grande auctoridade.

«Está n'isto, certamente, o maior elogio que póde fazer-se dos meritos litterarios de Silva Pinto.

«D'este escriptor está agora sendo publicada a segunda edição dos seus *Combates*

e Criticas, sem duvida a sua obra mais notavel, a que contém, como disse Camillo, no esplendido preambulo que para ella escreveu, «as paginas mais serenas, as treguas mais remançosas das suas pelejas, e as actas dos seus triumphos». Editado pela Parceria Antonio Maria Pereira, o primeiro volume d'essa obra sahiu já do prélo, n'uma esmerada edição, illustrada com dois excellentes retratos do auctor, um do 1882 e outro de 1906.

«Está de ha muito feita a critica d'esta obra, que consagrou definitivamente o nome de Silva Pinto.

«Publicados pela primeira vez ha vinte e cinco annos, os *Combates e Criticas* foram desde logo julgados como um livro de critica superiormente independente, feito com uma desassombrada franqueza e uma honesta sinceridade, que não é frequente depararem-se em trabalhos similares, onde não raro um arbitrario convencionalismo suppre a opinião propria do escriptor.

«Os *Combates e Criticas*, como diz o sr. Sil-

va Pinto, na *Nota* que escreveu para esta segunda edição, «viviam na gasalhosa amizade de camadas posteriormente surgidas». E' certo, porém, que d'essas camadas nem todos conheciam a obra; e, assim, a idéa da sua reedição foi deveras opportuna, não podendo duvidar se de que ella encontrará o acolhimento que merece o louvavel intuito que levou os editores a emprehendel-a.»

(Seculo).

II

«Que podemos nós dizer, que não esteja dito já, do livro de Silva Pinto — *Combates e Criticas*? A quando da sua primeira edição — ha que tempos isto vae! — o livro iconoclasta do escriptor inconfundivel produziu um verdadeiro alarme litterario. A sua audacia, unida á linguagem agreste e sacudida dos capitulos, ainda hoje e sempre memoraveis, foi assim como que um grande calhau atirado a um tanque, onde, commoda

e socegadamente, coaxavam rãs, a medo. O escriptor assumiu, na occasião, as legitimas proporções de um heroe litterario, como outr'ora Theophilo Gautier, de colete de velludo vermelho, a derruir os falsos deuses do Olympo.

«A primeira edição d'este admiravel livro de combate esgotou-se. Existe nas bibliothecas e estantes dos amigos dedicados das boas lettras. Foi ha 25 annos que sahiu o primeiro volume dos *Combates e Criticas*, com um prefacio notavel de Camillo Castello Branco. Vinte e cinco annos depois, a livraria Antonio Maria Pereira lança á publicidade a segunda edição. O tempo parece não ter decorrido. Os litteratos de 1882, os que despontavam, leram soffregamente a obra do escriptor indomavel e sem amo, e n'elle encontraram estimulos, em tal exemplo, para desdenhar rebaixamentos de espinha em suas proprias pessoas. Muitos, de certo, prestes a saborear a sopa fornecida nos outeiros *fin de siècle*, sacudiram, de repente, a juba esperançosa, substituindo das suas

lyras as cordas, que eram de retroz, por outras que foram de aço. E, no verso e na prosa, uma geração houve que cantou d'alto as glorias da existencia e da eterna justiça, arremettendo em gritos de revolta contra as hypocrisias do seculo moribundo. Duas gerações seguidas beberam n'esses tres volumes de Silva Pinto a inspiração da coragem litteraria.

«Hoje, como então, essa obra do escriptor deve ser lida por todos os que da penna desejam fazer uma arma que não se cala nunca, porque nunca se rende... Por isso, naturalmente, ella se publicou em segunda edição. E é, infelizmente, bem precisa!»

(Novidades).

III

«**Combates e Criticas**, *por Silva Pinto*, com um prefacio de Camillo Castello Branco, 2.ª edição, volume I, 1907. Lisboa,

Parceria A. M. Pereira, editora, 1 vol. de 367 pag.

Publicaram-se ha vinte e cinco annos os *Combates e Criticas*. N'este lapso de tempo, os que então leram e applaudiram a obra foram-se approximando da velhice, mas a obra não envelheceu, nem envelhece. As boas lettras, as verdadeiras, as authenticas, trazem comsigo o elixir de longa vida e realisam a lenda da Hebe mitológica.

As criticas d'este volume, lançadas a publico desde 1877 a 1882, incidem sobre coisas, factos e pessoas, que são de permanente actualidade, e que, com igual imperio, se impõem aos leitores de hoje, como se impuzeram aos de hontem.

A obra está julgada, não simplesmente pelo publico, — o que já não é indifferente, embora não seja decisivo, — mas sobretudo pelo glorioso mestre que se chamou Camillo.

O finado e sempre vivo escriptor, no caloroso prefacio dos *Combates e Criticas*, opina:

—«Este livro dos *Combates* são as paginas mais serenas, as tréguas mais remansosas das suas pelejas (do auctor), e as actas dos seus triumphos».

E, mais adiante:

—«Silva Pinto luctou bravamente. A divisa d'este livro *Combates e Criticas* deveria ser a de Voltaire: *Ma vie est un combat*. Combate de quinze annos, nos reductos mais perigosos das tremendas batalhas, em que um homem sósinho, indefeso, se arrosta aos esquadrões cerrados da ignorancia, e ás insidias, ainda mais formidaveis, dos seus camaradas da lucta.»

Continuemos:

—«Nas criticas theatraes, Silva Pinto passa de justo a severo e intransigente como o seu dilecto G. Planche Resente-se da leitura apaixonada d este iconoclasta; mas nunca desatrema de uma singular integridade, tanto ou quanto mareada pelos mordentes beliscões da sua adjectivação».

E já agora, mais estes primores da prosa camiliana:

—«O seu estylo (de Silva Pinto) tem, de par com a elevação eloquentissima, uma nitida clareza—o *verniz dos mestres*, como disse não sei quem. Usa phrases compostas de sarcasmos e pontas de agulhas, e bom peculio de antiphrases ironicas. E' muito bilioso na polemica, arrebatado, critico de rija tempera, subtil na analyse, muito perspicaz de relance, pouquissimo caroavel de periphrases e circumloquios, com uma temeridade, sempre bem sorteada, de viajar largos estalidos de litteratura sem grande bagagem de expositores e com as melhores armas de combate, muitas vezes ao serviço da verdade, e algumas vezes, com rara dexteridade, ao serviço do paradoxo. Tem ditos originaes, finos botes de esgrima faceta, que se vão generalisando em outros escriptores. Ainda não conquistou a *popularité populacière*. Para isto, falta-lhe escrever mal».

Este *falta lhe escrever mal*, só por si, vale um livro de critica.

Meditemos n'elle, e na meditação nos cerremos.»

(Diario de Noticias).

«Novos Combates e Criticas».

I

Do *Seculo:*

«O segundo volume (2.ª edição) da obra celebre de Silva Pinto acaba de vir a lume n'uma excellente edição da Parceria Antonio Maria Pereira. Essas admiraveis paginas de prosa, que constituem os *Novos Combates e Criticas,* leem-se hoje com o mesmo alvoroço e o mesmo aproveitamento do tempo, já distante, em que vieram a lume: os annos de 1875 a 1884. Ha trabalhos que nunca envelhecem: — este de Silva Pinto é um d'elles. O ardente pamphle-

tario, o demolidor implacavel, firmou uma reputação excepcional de independencia e ousadia, ao realisar a obra de saneamento intellectual e litterario que significam as suas criticas e os seus combates. Artista da moderna prole portugueza, que teve em Camillo o pontifice maximo; erudito, philosopho, humorista, iconoclasta,—Silva Pinto desplumou pavões, quebrou idolos, reduziu gigantes á proporção de pigmeus, enalteceu verdadeiros meritos, desbravou caminhos, abriu clareiras na selva densa do elogio mutuo, conquistando o seu posto de marechal nas lettras patrias, mercê do seu esforço herculeo, principalmente assignalado nos tres volumes de *Combates e Criticas*.

«Quando, ha mezes, o primeiro foi reeditado, salientámos a opportunidade d'essa reedição. O mesmo nos cumpre fazer agora, ao sahir á luz o segundo volume da série dos prélios litterarios em que Silva Pinto foi sempre um combatente victorioso, ainda quando se defrontou com os mais en-

canecidos e cobertos de gloria nas paginas incruentas do pensamento e da arte.

«Ao grande polemista agradecemos o exemplar, que nos enviou, da sua obra primacial.»

II

Do *Diario de Noticias:*

«Noticiando ha pouco tempo a reedição do 1.º volume dos *Combates e Criticas*, consignámos o inconfundivel papel, representado nas lettras portuguezas pelo notavel polemista e critico que subscreveu a obra; e noticiar a reedição do 2.º volume é ministrar ao publico, que ainda não conheça ou não possua a obra, o meio de adquirir inestimaveis documentos da critica moderna, ás vezes cruel, mas sempre independente e *portugueza*.

Não podemos enfeixar em synthese os assumptos e personalidades de que se occupa este volume. Não obstante o decurso

de 20 annos, depois da escripta da obra, personalidades e assumptos teem sempre a possivel opportunidade: ligeiras escaramuças politicas e litterarias; coisas da alfandega; a Academia das Sciencias; o Romantismo; o regime correccional; João de Deus. Rodrigues de Freitas, Candido de Figueiredo. Narciso de Lacerda, Pedro Ivo, Latino Coelho, etc., etc., eis alguns dos pontos e nomes, á volta dos quaes Silva Pinto floreou a pena adestrada e caustica.»

III

Das *Novidades:*

«Está publicado o 2.º volume dos *Novos Combates e Criticas*, segunda edição, edi tada pela livraria Antonio Maria Pereira. Auctor, como era escusado dizel-o, — Silva Pinto. Quem não leu, em tempos idos, a prosa admiravel de Silva Pinto? Quem, ainda hoje, não sente uma necessidade de retemperar-se na leitura da vigorosa e digna

linguagem do grande prosador, — hoje, em que tantos parece escreverem com mel e agua de flôr de laranja, em vez de tinta, dando nos a impressão de que escriptores ha educados a comer pastellinhos nas doçarias da moda?»

«Terceiro livro de Combates e Criticas»

I

Do *Mundo*:

«Silva Pinto está fazendo a reedição dos seus *Combates e Criticas*, de que sahiu agora o terceiro e ultimo livro. E' edição da casa Antonio Maria Pereira, que assim presta um verdadeiro serviço ás lettras patrias, tornando accessivel a todos um dos melhores, senão o melhor trabalho, de Silva Pinto. Quem não conhecer os *Combates e Criticas* só muito imperfeitamente poderá ajuizar do temperamento litterario do illus-

tre prosador. São as paginas da mocidade revolta e generosa: os melhores sentimentos, as mais puras ideias, as reivindicações mais sagradas n'ellas palpitaram com um enthusiasmo, um fervor, uma audacia e uma paixão que são, devem ser, permanente èstimulo á juventude de todss os tempos. Os *Combates e Criticas* formam um escriptor, porque authenticam *um caracter.*»

II

Das *Novidades:*

«*Terceiro livro de Combates e Criticas* (2.ª edição) por Silva Pinto. — Acabamos de receber o terceiro e ultimo volume d'esta obra do incansavel polemista e brilhante escriptor que se chama Silva Pinto. Reunião de varios artigos de critica e de combate, como o titulo indica, artigos dispersos pelos jornaes que Silva Pinto favorece com a sua collaboração: o novo volume recommenda-se, como todos do illustre homem de let-

tras, pelo tom muito pessoal da sua prosa, pelo feitio original e intransigente do seu senso critico e pela larga experiencia do mundo e das coisas, que o auctor nos revela. Mal nos ficaria alongarmo-nos em considerações sobre um escriptor feito por uma obra de enorme merecimento, e resta-nos apenas agradecer a amabilidade da offerta.»

III

Do *Diario de Noticias:*

«*Terceiro livro de Combates e Criticas,* por Silva Pinto.—2.ª edição, 1907. Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1 vol. de 345 pag.

«Já decorreram vinte annos depois da primeira edição d'este livro, e ainda não esmoreceu o interesse com que então foi recebido, lido e saudado. Por duas razões: a primeira é que,—digam o que disserem os que corôam de loiros personalidades de que ninguem falla no dia seguinte,—o que é incontestavelmente bom n'um dia ainda o

é d'alli a um anno e d'alli a um seculo. E a segunda razão é que, incidindo a critica de Silva Pinto em coisas e homens que eram notaveis ha duas decadas, esses homens é essas coisas não se expungem de prompto nos fastos nacionaes, e tornam ainda agora opportunos, quasi *actuaes*, os commentarios e ementas que sugeriram ao critico.

«Com uma severidade que chega quasi a ser cruel, Silva Pinto cae a fundo nos processos criticos e historicos de Oliveira Martins; e, fazendo jus á indignação de toda a gente *et son père*, discute de chapeu na cabeça umas affirmações quaesquer de Alexandre Herculano. Desce depois aos *menus propos* quotidianos, e cinge com o latego da sua ironia caustica politicos e litteratos, conselheiros e bandidos, princezas e calhandreiras, toda a fauna autóctona da *occidental praia luzitana*.

«A nossa terra, alegre ou resignada, não ama talvez nem comprehende o pessimismo de Schopenhauer; mas comprehende e préza o pessimismo que se compraz innocente-

mente em esvurmar os furunculos da visinhança, alternando o uso da lanceta e do bisturi com o lapis da caricatura.

«E assim se explica como os livros de Silva Pinto, até n'algum caso em que a razão lhes escasseia, são gulosamente saboreados e exgotados.»

IV

Do *Liberal:*

«Está á venda o 3.º livro dos *Combates e Criticas*, de Silva Pinto. A envergadura d'este escriptor diz, por si só, tudo quanto vale mais esse trabalho do incançavel demolidor dos velhos preconceitos. Silva Pinto tem sido sempre um novo constructor de sociedade mais ampla e livre do que esta em que passamos, e por isso o seu nome na testa d'um livro é bem um incentivo a todos para que o leiam e se compenetrem da fórma vernacula, agreste talvez, mas

perfeitamente clara e ampla, como elle escreve e como elle desabafa.»

*

Indices dos tres volumes

I

Dedicatoria — Silva Pinto e a sua obra (de Camillo Castello Branco) — Do Realismo na Arte — Camillo Castello Branco e «A Corja» — Do Estado do Theatro em Portugal — O «Hamlet» e a règia traducção — Celestina de Paladini — «O Saltimbanco» — «Um Divorcio» — «O Luxo» — «O Padre Gabriel» e a Critica — «O Kean» — «O Arco de Sant'Anna» — Ristori e Emilia das Neves — Os «Canticos da Aurora» — Os «Canticos da Aurora» e a critica de sacris-

tia — João de Deus — Alexandre Herculano e o seu tempo — Os Jesuitas — «Os Homens de Roma» e a Critica — Da Propriedade Litteraria — «O Grande Homem» — O Emprestimo de D. Miguel.

II

Dedicatoria — Prologo — «Poesia do Mysterio,» por Narciso de Lacerda — «Homens e Letras», por Candido de Figueiredo — Gustavo Planche e o Romantismo — Critica risonha. Notas — O «Noventa e tres» — O caso de João de Deus — Na Academia das Sciencias — A Esthetica do snr. Latino — «O Sêllo da Roda», por Pedro Ivo — Miserias litterarias — A Farçada monarchica — A Patria em perigo! (addicional á 2.ª edição) — No Oriente, 1876 — Em Hespanha, 1875 — Rodrigues de Freitas — A Casa de Correcção de Lisboa (addicional á 2.ª edição) — O caso de Alberto Guerreiro — Escaramuças — Nós e a

Alfandega do Porto—Mortos—Noites de vigilia—O livro «Combates e Criticas» (por J. Simões Dias)—Notas.

III

Dedicatoria—Prefaciando—Ad hominem! (Oliveira Martins)—Balzac em Portugal (Herculano e outros)—Escaramuças—O Plebiscito!—Em outros mundos—Da Critica—Ha oito annos—Intransigentes—Realismos (addicional á 2.ª edição)—Vinte annos depois (idem)—Notas.

FIM

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
S55T7

Silva Pinto, Antonio da
Na travessia

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 05 10 003 5